REVISTA DA SEMANA

Nº 16 ★ 21-4-51



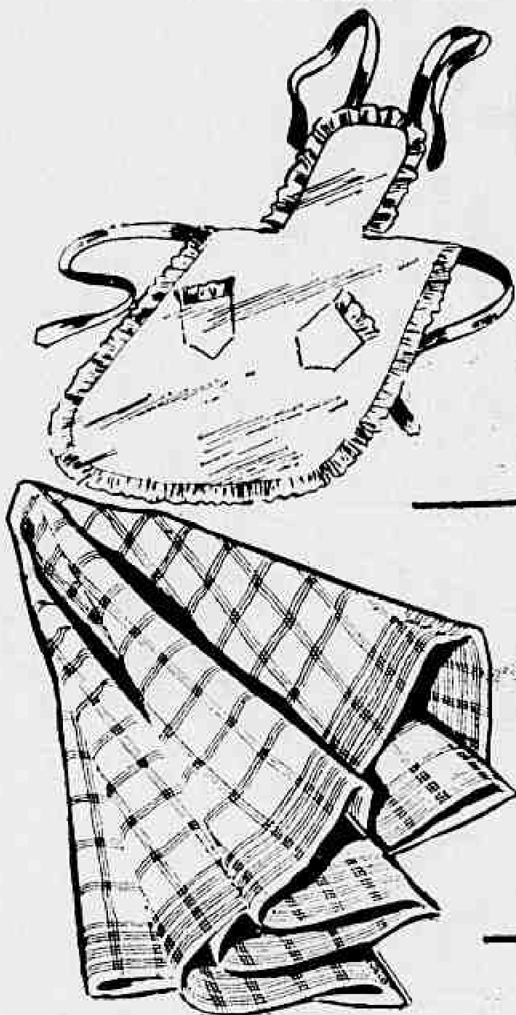
CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO: *Tem brotinhos na Câmara*

30 Dias de FEIRA da CAMISARIA PROGRESSO



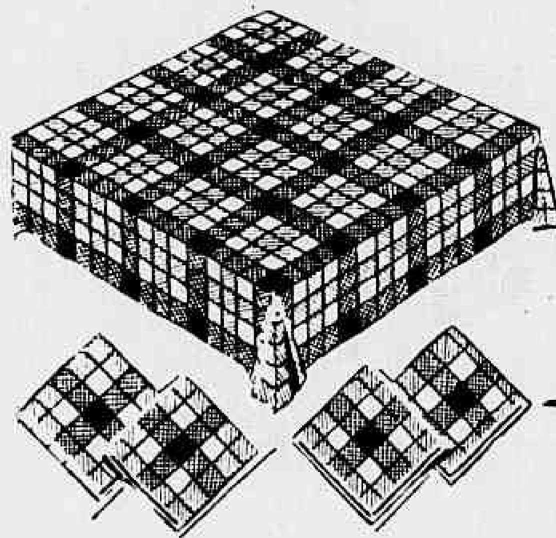


Avental em matéria plástica. Duráveis e bonitos. Côres: azul, verde, rosa e branco.

Preço de Feira .....
Cr$ 24,50

Pano para copa. Em tecido xadrez, muito absorvente. Côres firmes.

Preço de Feira ....
Cr$ 3,30



Guarnição para mesa. Em tecido xadrez. Côres firmes. Tamanho: 1,00 x 1,00. Com 4 guardanapos.

Preço de Feira .....
Cr$ 21,50

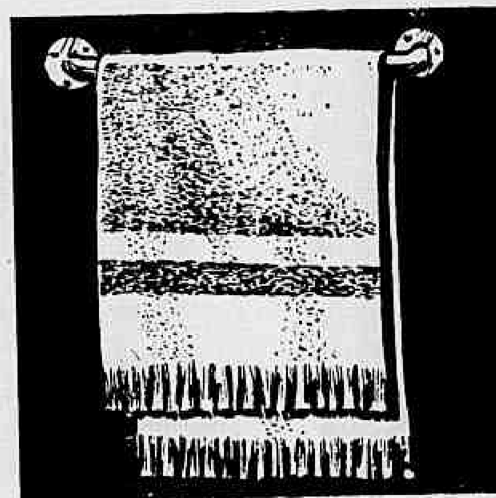


Cretone "Noivinha". Em superior qualidade "Extra". Para casal. Largura: 2.20. Branco.

Preço de Feira ....
Cr$ 42,80

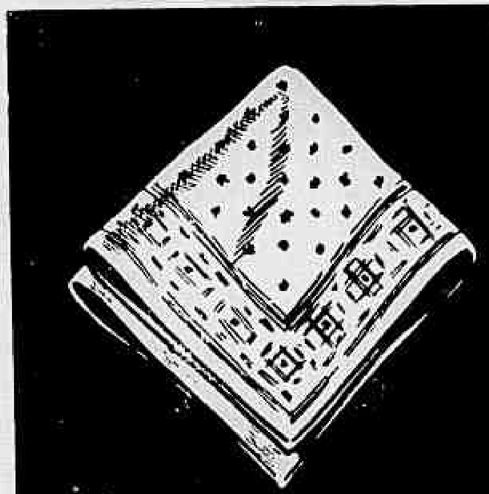
Você que sempre comprou por menos na Camisaria Progresso, durante todo o ano, poderá comprar, agora, ainda por muito menos nos 30 dias de Feira...

Aproveite a maior oportunidade do ano, para comprar realmente barato!...



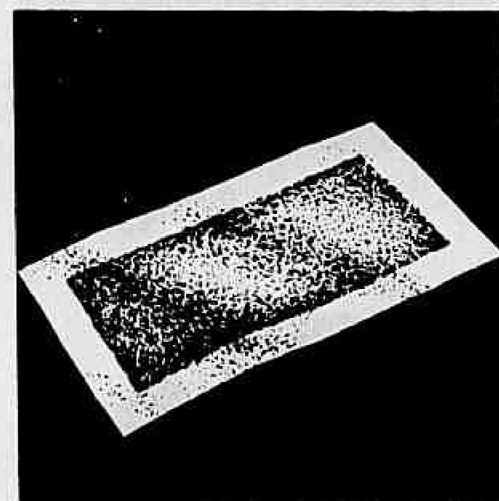
Toalha para rosto. Tipo alagoana. Branca. Bem felpuda e absorvente.

Preço de Feira ....
Cr$ 8,70



Guardanapos para jantar. Em superior tecido adamascado. Branco. Tamanho 0,50 x 0,50.

Preço de Feira ....
Cr$ 4,80



Tapete para banheiro. Em felpo bem grosso. Côres, azul, verde, salmon e rosa.

Preço de Feira ....
Cr$ 12,80

Tudo a preços de Feira!

Camisaria PROGRESSO
PÇA. DA INDEPENDÊNCIA, 2 e 4 - ANT. TIRADENTES

NÃO DEIXE PARA AMANHÃ O QUE PODE FAZER HOJE. COMPRE JÁ!

NAS MARÉS DAS FUNDAÇÕES

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

O diário é uma bomba à Peron (Jorge Lyra) 4/6
Depois do teatro a "boite" (Sabino Canalini) 9/11
Tem brotinhos na Câmara (Abdias Rodrigues) 21/23
Crianças da rua (Daniel Caetano) 25/29

LITERATURA

Semana Literária (Edmundo Lys) 12/13
Piá (conto de Guido W. Sassi) . 24
As Férias de Policarpo (novela de Carlindo Cerqueira) 30
Dos cadernos de um poeta (Lyse) 39
Na maré das fundações (Renato de Alencar) 3

FEMININAS

Sugestões originais 39
Novos "tailleurs" 40
Em "faille" e tafetá 41
"Week-end" na cozinha 43

CINEMA

Gráficas de cinema 31
Os primeiros passos de Robertinho 32/33

TEATRO

Pirandello em São Paulo 16/17

HUMORISMO

As desvantagens de ser Pacífico 14
Êste mundo e o outro 19

FOLHETIM

Um amor atrevido (1º e 2º capítulos) 47

SEÇÕES PERMANENTES

Personagem da Semana 8
A Semana em Revista 8
Puxe pelo Cérebro 7
Palavras-Cruzadas Otaner) 34
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 47
Tudo isto aconteceu 48/49
Correio da Revista 50

CURIOSIDADE

Um pai sem preconceito 50

FOTOGRAFIAS

Jorge Lyra — Sabino Canalini — Abdias Rodrigues — Walter Morgado — Varias.

ILUSTRADORES

M. Queiroz — Osval — Rafael

NA CAPA

Terry Moore
(Foto Columbia)



É muito velho o ditado de que "o brasileiro só bota a tranca na porta depois de roubado". Embora a negligência seja facêta geral no caráter da humanidade, parece que, nesse aspecto, somos os recordistas no mundo.

Veja-se o que se passa com o atual caso do médico Napoleão Laureano. Vítima de um câncer que desafiou a ciência especializada do Brasil e dos Estados Unidos, recebeu o cirurgião paraibano o "ultimatum" do linfoma letal e, resignadamente, pediu que o dispensassem de morrer no estrangeiro, e veio aguardar a morte em sua terra natal.

Iniciou-se daí por diante a mais intensa propaganda em tôrno do médico, com a finalidade humanitária de mobilizar-se o Brasil na guerra contra a insidiosa doença. Até agora, apesar de tantas exposições realizadas no Brasil contra o mal, ninguém notava que há gente a morrer de câncer no país. Dentre os maiores esforços de natureza científica levados a efeito em nossa terra, no sentido de mostrar-se ao povo o perigo do câncer, sua etiologia, seu desenvolvimento no organismo humano, sintomas e meios de cura, destaca-se um filme produzido por Afonso Campiglia, diretor da "Filmoteca Cultural" há poucos anos passados, película essa que foi exibida no estrangeiro, inclusive nos meios científicos dos Estados Unidos, despertando os maiores aplausos e provocando interjeições admirativas.

Aos americanos parecia ser impossível que, no Brasil, país sem recursos técnicos e de ciência médica ainda pouco desenvolvida em relação a outros povos, fôsse conseguido obra cinematográfica de tanto alcance. Quem viu êsse filme em nossos cinemas? Estêve êle, durante dias na Cinelândia, se não nos enganamos, na tela do "Império" ou "Pathé-Palácio". Sua confecção é surpreendente e atesta o nosso progresso em matéria de filmes científicos, nada se ficando a dever aos estúdios da Europa e da América do Norte.

Em Belo Horizonte, um médico, o dr. Carteia Prado, mobiliza recursos, alia-se a colegas e funda um Instituto de combate ao câncer, importando aparelhamentos moderníssimos da Alemanha, dotando a capital mineira de tudo o que há de mais caro, sério e científico no gênero. Êsse médico foi, porém, guerreado por muitos do seu ofício, pelo simples fato de estar "aviltando o preço do tratamento" em seu "Instituto", cobrando honorários muito abaixo do que era comum em todos os consultórios e laboratórios...

Sempre houve, pois, no Brasil, médicos e cineastas que procuravam e procuram dar combate à terrível doença de origens ainda desconhecidas. Com o caso do dr. Laureano, porém, o assunto tomou aspecto de calamidade nacional. E' possível que, no espírito de muitas pessoas nervosas e impressionáveis, o câncer esteja a rondar as pessoas da família e elas mesmas, vendo-se em cada dorzinha inguinal, articular ou reumática, a ponta-de-lança do pavoroso caranguejo...

Mas isso é apenas a conseqüência psíquica. Falemos da exploração comercial que já anda infrene, por aí fora, sob a simulação de recursos para Fundações contra o câncer. Já apareceu nos arredores de Niterói, lá pelas bandas da Estrada Rio d'Ouro, um cidadão vestido de padre, acompanhado de um outro que se apresenta como sacristão, com uma lista para angariar donativos "para o médico que vai morrer". Ora, há muitos médicos que vão morrer, mortais como qualquer um de nós. Os espertalhões não perdem oportunidade e sempre convertem movimentos honestos e até dolorosos, como é o caso do dr. Laureano, em motivos para repetir chantagens na "Arte de Furtar".

A imprensa e o próprio Serviço Nacional contra o Câncer deviam tranquilizar o povo em relação aos perigos do mal. Basta que se observe o seguinte: sua média de mortalidade é, no Brasil, de cinco pessoas em cada dez mil. Comparemos com a tuberculose, a sífilis, as doenças do aparelho digestivo, e respiremos. Que se ergam fundações contra o câncer; mas não nos descuidemos de lutar contra a tuberculose, por exemplo, que, sòmente no Rio de Janeiro, mata, mensalmente, cêrca de oitocentas pessoas!

E tabém instituamos fundações contra a fome, sujeitinha responsável por milhares de falecimentos neste país, especialmente entre a população infantil do interior.

A respeito de minha crônica sôbre Saudade recebi longa e bem escrita carta do prof. Alexis Le Gall, na qual retifica o nosso ponto de vista sôbre a equivalência da expressão francesa "doux souvenir" com a saudade portuguêsa, mostrando que, é na locução "doux regrêt" ou "tendre regrêt", que está, exatamente, o sentido, o fôrça de "saudade". Aproveitamos ainda o momento para corrigir um lapso nosso. As quadrinhas que reproduzimos então, nos foram remetidas pela senhorita Beatrizinha Pinheiro, do Recife, e não como saiu, *Beatrizinha Lacerda* senhora de um médico residente nesta capital.

RENATO DE ALENCAR



JOSÉ Lins do Rêgo não se furtou a responder nossa enquête: «é um relato vulgar, com as minúcias de fuxicaria; um material pequeno, manobrado por um homem que sabia escrever».



CASSIANO RICARDO, da Academia Brasileira de Letras: — «perdoe-se o homem infeliz na sua revolta, mas não se perdoe o mau escritor», diz o autor de tantas belas páginas.

QUE PENSA DO DIARIO DE HUMBERTO DE CAMPOS?

O DIÁRIO É UMA BOMBA À PERON

O LEITOR EXIGE E O REPÓRTER ATENDE ★ NOVAS OPINIÕES SÔBRE O DIÁRIO ★ OTO MARIA CARPEAUX: "NÃO HÁ DIFERENÇA ENTRE OS DOIS HUMBERTO" ★ JOSE' LINS DO RÊGO: "E' UM MATERIAL PEQUENO, MANOBRADO POR UM HOMEM QUE SABIA ESCREVER" ★ HERBERT MOSES: "SE FÔSSE VIVO NÃO PERMITIRIA SUA PUBLICAÇÃO" ★ LÊDO IVO: "PARECE ESCRITO POR UM TIO DE GISELE" ★ DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ: "O ESCÂNDALO TAMBÉM TEM SUA FORMA DE GLÓRIA" ★ CASSIANO RICARDO: "LITERATURA DE TERCEIRA CLASSE"

Texto e fotos de JORGE LYRA

DEPOIS da nossa reportagem-enquête publicada no número desta Revista referente ao dia sete do mês corrente, ocasião em que tivemos oportunidade de ouvir vários dos principais vultos de nossa literatura, não desejávamos voltar a tratar do "diário" de Humberto de Campos, mas não contávamos com a reação popular verificada em todo o Brasil, reação esta que nos chegou ao conhecimento através de uma centena de cartas recebidas por esta Revista e outra centena de telefonemas que tivemos oportunidade de receber. Eram votos de louvor, de incentivo, e, acima de tudo, eram exigências de nossos leitores no sentido de ouvirmos outras opiniões. Diante disso, outra, alternativa não encontramos senão voltar ao convívio dos homens de letras brasileiros, transcrevendo, ipsis literis, suas opiniões e transmitindo-as aos nossos prezados leitores.

Já em pleno exercício de nossa função, procuramos o conhecidíssimo Oto Maria Carpeaux, austríaco de nascimento, mas vulto da literatura brasileira e, incontestàvelmente, um dos críticos mais acatados na opinião pública, através de sua obra ponderada e culta.

Chegando ao local predeterminado para a nossa entrevista, encontramos Oto Carpeaux folheando os jornais diários. Depois das apresentações naturais, entramos no assunto que nos levara à presença dêle.

— Como recebeu a notícia da publicação do "diário" de Humberto de Campos?

Maria Carpeaux, levando um cigarro à bôca e acendendo-o, mirou-nos nos olhos, sorriu e respondeu pausadamente:

— Estou com muito receio de decepcioná-lo logo de início: não dei muita importância a essa publicação.

Era natural que esta resposta devia ter outra como complemento, alguma coisa devia justificar assertiva tão mordaz. Assim pensando, perguntamos:

— Que acha do "outro" Humberto, dr. Carpeaux?

— Minha resposta, respondeu-nos êle, tem de ser a explicação da anterior. O amigo certamente não ignora que eu me sinto, pelo menos subjetivamente, integrado na literatura brasileira, que me inspira interêsse apaixonado e a maior admiração. Machado de Assis parece-me escritor de categoria universal; Augusto dos Anjos, para falar de outro morto, é um grande poeta, apesar de seus defeitos, assim como são admiráveis Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens; quanto aos vivos, já manifestei tantas vêzes meus sentimentos quanto a Manuel Bandeira, Carlos Drumond, Murilo Mendes, Schimidt, Jorge de Lima, Dante Milano, Gilberto Freire, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, Otávio de Fária — chega de nomes!

— Mas, arriscamos, de sua relação não consta o nome de Humberto de Campos?

Colocando o cigarro no cinzento e depois de amassá-lo, Maria Carpeaux, respondeu à nossa pergunta:

— Acho que eu seria insincero e que minha admiração perderia todo o valor objetivo se a seleção não fôsse das mais rigorosas. Na minha tábua de valores entram, além dos nomes citados, outros, poucos. O nome de Humberto, para satisfazer a sua pergunta, não está, infelizmente, entre êles. Sua glória literária parece-me equívoco.

Depois de ouvir a opinião de Maria Carpeaux sôbre o "outro" Humberto de Campos, era natural que procurássemos ouvi-lo com referência ao "diário". E, enquanto o crítico solicitava café para nós, perguntamos, já com objetivo definido:

— Que acha do conteúdo do "diário"?

Sorvendo um gole do café trazido por um dos seus auxiliares imediatos, Oto Maria, respondeu-nos com outra pergunta, seguida da explicação:

— Será o Diário de Humberto de Campos um documento no sentido de que se fala de "document humain?" Não posso nem quero acreditar que a vida política e literária do país, digamos entre 1900 e 1910, haja sido tão mesquinha, tão pequena. E' verdade que o mais importante escritor da época citada, Lima Barreto — nome que me é muito caro, aliás também pintou assim a época. Mas pintou-a com asuperioridade do seu espirito satírico; e entre sátira e anedota há tôda a diferença que existe entre a literatura e o que não é literatura.

Ainda tinhamos uma pergunta para fazer a Oto Maria Carpeaux. Esperamos que êle acendesse novo cigarro, tirasse a primeira baforada e então atacamos:

— Acha que a publicação do Diário prejudica a obra anterior?

— Não. Não pode, respondeu-nos êle, como se já esperasse a pergunta. Depois de um ligeiro, intervalo, prosseguiu.

— Essa minha resposta se justifica no seguinte: não consigo encontrar diferença entre o Humberto de Campos publicado e o outro, inédito, que acaba de sair sòmente agora.

Estavamos satisfeitos e encantrados pela oportunidade que tivéramos de conhecer o grande Oto Maria Carpeaux.

UM ENCONTRO E UMA RESPOSTA SATIRICA

Descendo do escritório do nosso entrevistado anterior, dirigimo-nos ao ponto preferido pelos literatos brasileiros da atualidade, um cantinho ali por trás da cinelândia. Mal entramos, encontramos

Luis Jardim, acompanhado do deputado Licurgo Leite. Fizemos a pergunta:

— Que acham do "diário" de Humberto de Campos?

O deputado se esquivou e cedeu a palavra ao satírico Luis Jardim:

— A propósito do "diário" de Humberto de Campos ou coisa que o valha, eu estou lendo o Diário de Peppy. Que delícia!

Uma resposta, como dissemos no sub-título satírica; com algumas palavras, Luis Jardim dizia tudo o que pensava com referência ao "diário" de Humberto de Campos. Estava lendo outro...

FALA JOSÉ LINS DO REGO

Precisávamos ouvir a palavra do autor de Eurídice e nos comunicamos com êle na sua residência, marcando entrevista para algumas horas mais tarde na livraria de sua predileção. Enquanto não chegava a hora aprazada, ficamos folheando livros e mais livros na livraria em foco, até que deu entrada no recinto o célebre José Lins do Rêgo.

—Você é que é o repórter da REVISTA DA SEMANA?

— Sim, respondemos mas quem faz as perguntas somos nós...

E sem mais aquela, inquirimos:

— Como recebeu a notícia da publicação do "diário"?

José Lins colocou o livro que trazia sob o braço sôbre u'a mesa, pegou-nos pelo braço e levou-nos a um banco no fundo da livraria onde nos sentamos. Tirou os óculos, limpou-os e colocando-os novamente, respondeu:

— O próprio Humberto de Campos criara em tôrno de seu "diário" uma verdadeira atmosfera de mistério, dando o prazo que deu para a publicação do mesmo após a sua morte, querendo fazer assim como fizeram os Goncourt. Acontece, porém, que, publicadas as memórias de Humberto de Campos, chegamos à conclusão de que o conselheiro XX já havia sido, nos seus pequeninos contos fesceninos, uma antecipação do Humberto de Campos que aparece no seu "diário", publicado com tanto alarde. Humberto foi um escritor com o poder de interessar o público; êle era um homem que sabia contar histórias, isto é, com o poder do diálogo e a fôrça de narrativa. Incontestàvelmente, é um escritor, apesar das restrições que uma crítica exigente possa fazer à sua facilidade de compor, mas sòmente quem pode apresentar-se assim, como êle se apresentou, é escritor! Falta-lhe, entretanto, grandeza de alma, falta-lhe mesmo aquela malignidade de um Saint Beuve, a grandeza na própria ruindade, daí o seu "diário" não ser nem a ternura nem o espírito macio e bom de um Mistral e nem tão pouco os venenos concentrados de Saint Beuve — é um diário na sua maioria um relato vulgar, com tôdas as minúcias de fuxicaria. E' um material pequeno manobrado por um homem que sabia escrever, por isto poderia permanecer inédito e nada adiantar ao escritor. E' verdade que, de quando em vez, salta do amontoado de miudezas, alguma coisa que merece atenção.

Depois de dizer o que ficou transcrito acima, José Lins, se pôs à nossa disposição para outra pergunta. Declinamos, entretanto, despedindo-nos satisfeitos.

FALAM O PRESIDENTE DA ABI E OUTROS

Quando se ouvia a opinião de tantos vultos notáveis da literatura brasileira, era justo que se procurasse trazer aos leitores a palavra do sr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa.

Chegando à casa do jornalista, fizemos a pergunta de praxe ao simpático Moses:

— Que pensa do "diário" de Humberto de Campos?

— Ficou guardado num cofre vinte e cinco anos, para ser publicado depois. Vivo fôsse para o reler, guarda-lo-ia Humberto de Campos, novamente, no cofre, e não permitiria sua divulgação...

Nesta altura da resposta de Moses, o telefone tilintou e esperamos que êle despachasse seu interlocutor. Depois, voltou ao assunto interrompido:

— ... o mero fato de ter estabelecido um intervalo de um quarto de século não é como verdadeiro índice de acanhamento perante os personagens? A retranca das memórias mostra a preocupação de Humberto de Campos em não servir de instrumento às paixões, e nem sequer àquelas que êle próprio pudesse ter...

— Não quer dizer mais nada, dr. Herbert?

— Não, minha resposta à sua pergunta é esta.

Trazendo-nos até à porta, Moses nos despediu e voltou aos seus afazeres.

Dali partimos em direção à redação do Jornal de Letras, onde encontramos Aníbal Machado animadamente com colegas de redação.

— Que pensa, Aníbal, do "diário"?

Aníbal Machado, medindo as palavras com o metro da sua inteligência, falou:

— Aprecio os "diários" íntimos ou quando registam sem pretensões uma vida extraordinária, ou quando me trazem uma visão nova da vida. A não ser assim, resta-lhes o interêsse sociológico pela evocação dos costumes e tipos de determinada época e sociedade, das quais o autor tenha sido protagonista. Nunca reconheci em Humberto um escritor de primeira linha, senão um escritor que escrevia muito — dêle se salvam, sem dúvida, algumas boas páginas, mas a vidinha burguesa que se reflete em seu "diário", é tão mesquinha e sem grandeza que é daquelas que ninguém quer viver nem gosta de lembrar-se.

Depois de dizer sua opinião, Aníbal Machado nos apresentou Lêdo Ivo e Eustáquio Duarte, seus colegas de redação e conhecidos de todo o público ledor:

Eustáquio tomou da palavra e emitiu sua opinião:

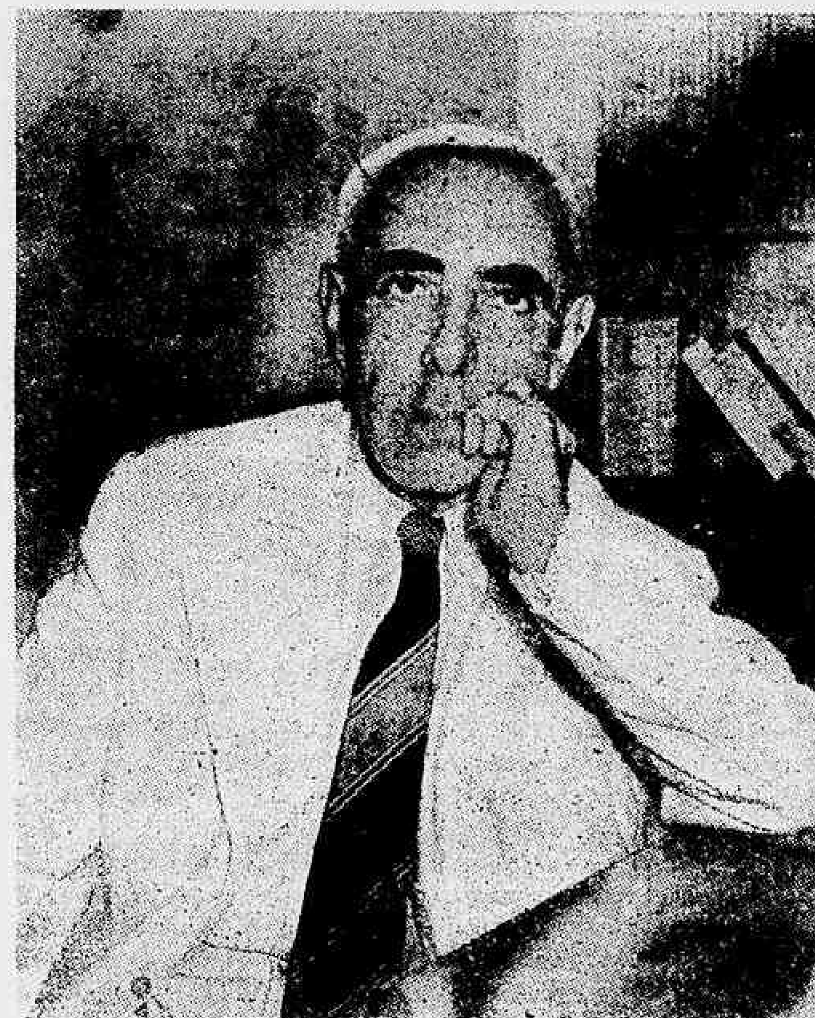
— Fiquei decepcionado com o "diário secreto" do velho Humberto de Campos. Confesso que fui um leitor quotidiano do grande cronista, esperava, que se publicasse êsse "diário" na esperança de que êle contivesse as chamadas "páginas definitivas". Nada disso, porém, existe nessa publicação póstuma, decepcionante mesmo como documento de uma certa fase de nossa literatura e de nossa vida boêmia, que, por outro lado, em nada aumenta o valor de Humberto. Muito pelo contrário, chega até a prejudicar a imagem do saudoso escritor, pelo espetáculo pouco recomendável que oferece



ANIBAL MACHADO: — «nunca reconheci em Humberto um escritor de primeira linha e sim um escritor que escrevia muito».



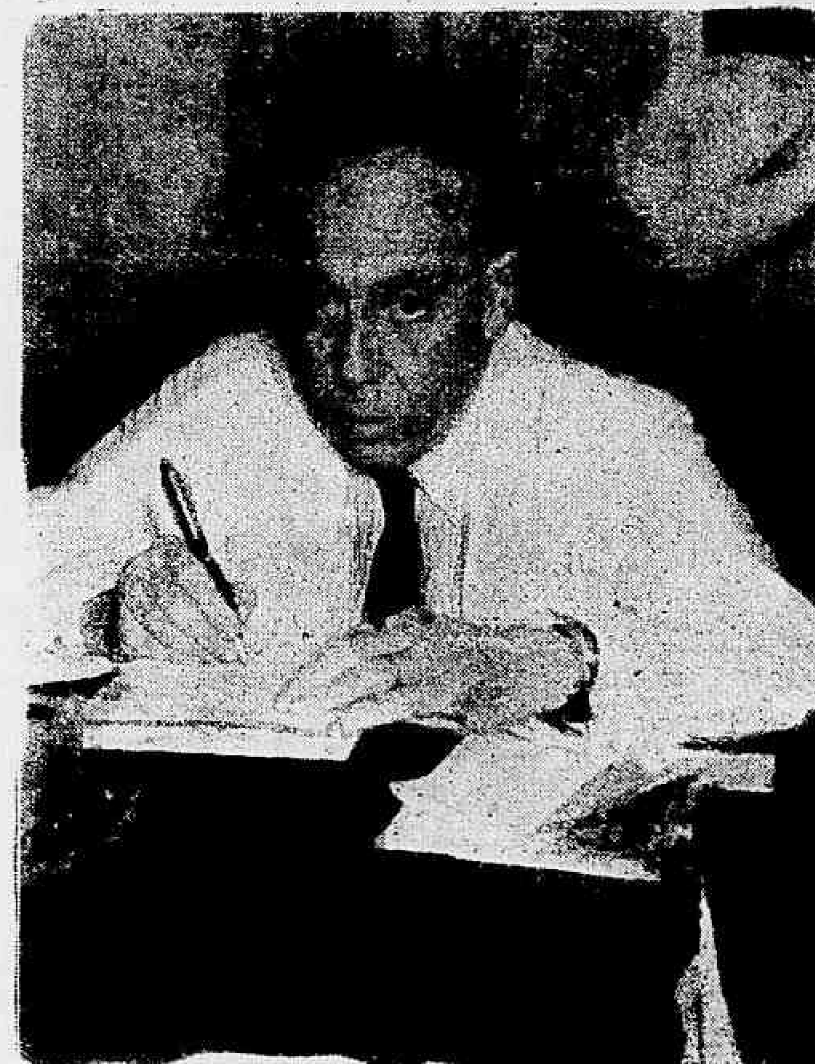
DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ, a consagrada cronista da cidade nos disse que «o escândalo também tem sua forma de glória».



OTO MARIA CARPEAUX acha que seria insincero se colocasse Humberto entre os melhores escritores brasileiros...



AGRIPINO, o ferinissimo Grieco nos prometeu sensacional entrevista para quando sair o livro. Só nos resta aguardar.



HERBERT MOSES, presidente da ABI: «vivo fôsse para relê-lo, guarda-lo-ia novamente no cofre», afirmou-nos



EDY Costa Leite, autora do programa «construtoras anônimas»: «não leio publicações proibidas pela igreja católica».



LUÍS JARDIM, em companhia do deputado Licurgo Leite. O primeiro ironizou, o segundo se esquivou gentilmente.

de uma criatura despeitada, limitada e até doentia sob muitos aspectos...

Depois de dizer sua opinião, Eustáquio passou a palavra a Lêdo Ivo:

— Eu supunha que o "diário" divulgaria a "face secreta" do popular escritor, entretanto êle foi uma grande desilusão para mim. No seu "diário" encontrei uma espantosa pobreza psicológica, uma inconsistência que não lhe confere foros de cidadania artística, uma revoltante fraqueza de caráter que o leva a satirizar até seus amigos mais fiéis, um cabotinismo que chega a ser ingênuo, e até certos defeitos que repugnam a todos aquêles que vivem dentro do território literário, como a inveja, a mesquinharia, a insensibilidade. Foi nesse volume póstumo que êle se enterrou, como homem e como escritor. Na minha opinião, portanto, é uma obra decepcionante, que parece ter sido escrita por um tio de Giselle, aquela bailarina cujas memórias também sairam na mesma publicação onde êle está agora aparecendo...

Deixamos o Jornal de Letras a fim de ouvir novas opiniões com referência ao Diário:

A PALAVRA DA MULHER BRASILEIRA

Fomos encontrar d. Edy Costa Leite, autora do programa "construtoras anônimas", lendo um volume de poesias e fizemos a pergunta de praxe, a que ela respondeu assim:

— Quando, em vida, Humberto entregou à Academia os originais do Diário, eu e minha família, ficamos ansiosos e nos perguntávamos se viveriamos até 1950 para que tivéssemos oportunidade de ler a última obra do autor de tantas belas páginas. Depois de tanto tempo de expectativa, pelo que sei, através de amigos, já que não leio a revista que vem publicando dito diário porque, como católica, não leio publicações repudiadas pela igreja, depois de tanto tempo, como dizia, o diário se constituiu numa grande decepção. A mulher brasileira recebeu-o com reservas e, naturalmente, como eu, repudiou êsse Humberto travestido de satirizador inconsequente e mordaz.

Depois de ouvir D. Edy, rumamos para Copacabana, para o apartamento da célebre cronista da cidade, D. Dinah Silveira de Queiroz.

Simpática e agradável, D. Dinah não se furtou à nossa pergunta, a que respondeu desta maneira:

— Conheci Humberto de Campos, quando o escritor, já no fim da vida, fazia de seu ofício de cronista um trabalho dignificante. Admirava-o, na minha condição de mocinha já interessada nas letras, mas que não sabia ainda de sua vocação de escritora. Pedi-lhe uma crônica, pelo telefone. E êle serviu gentilmente a anônima admiradora. Eu soubera que Humberto escrevera livros do anedotário galante, e não podia conceber êsse dualismo: o Humberto austero e o conselheiro XX!... Hoje, sei que a verdadeira personalidade do escritor, que agora faz de suas memórias uma série de escândalos para os vivos é o *Conselheiro* XX. O resto... isto é, o cronista digno, o crítico que se dizia tão criterioso, tudo isso era fingimento. Se há sobrevivência, como acredito, Humberto de Campos deve estar feliz. O escândalo também tem sua forma de glória. E é bem essa, e não a outra, que quis ter o narrador das histórias maliciosas. Seu Diário, que atravessou o tempo da Revolução Russa, e da primeira grande guerra, pende para o lado mesquinho da vida, o lado anedótico. Êle fêz sua escolha, e do outro campo do mistério deve estar satisfeito!

De Copacabana, rumamos para o Meyer, onde reside o notável, conhecidíssimo e ferinissimo Agripino Grieco. Encontramos por sôbre a mesa de trabalho um amontoado de livros que o mestre ia lendo e criticando para dor de cabeça de muita gente boa.

Em chegando, perguntamos o que êle pensava do "diário" de Humberto de Campos.

— Eu não penso porque não li o que se vem publicando numa revista atualmente. Estou viajando e nessas viagens aproveito para fazer desinfecção intelectual, respondeu êle naquele tom satírico e satânico.

— Mas, dr. Grieco, que vamos dizer aos leitores da REVISTA DA SEMANA que exigiram sua palavra, dissemos, exibindo algumas cartas dos leitores.

— Diga-lhes que agradeço a gentileza e que darei minha opinião tão logo seja publicado o livro, ocasião em que a REVISTA DA SEMANA terá meu pensamento em caráter exclusivo.

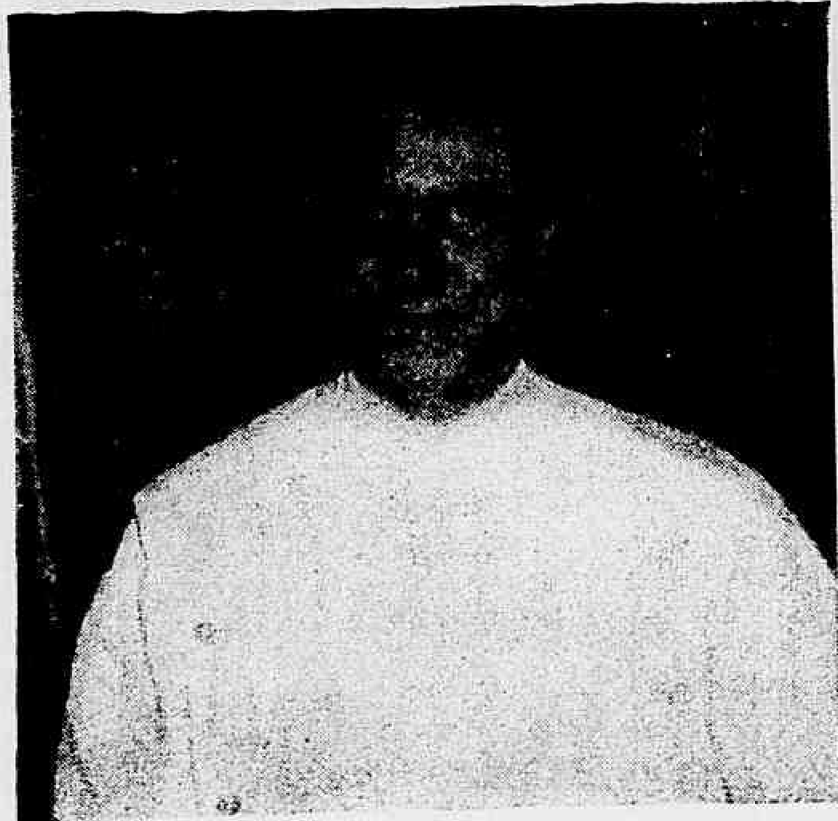
Só nos restava agradecer e aguardar a publicação do volume, quando veremos o mesmo Agripino Grieco pulverizador-mór de nossa literatura, dissecando o livro do pulverizador morto. Um grande duelo que esperaremos ansiosos...

O POETA E O FUNCIONARIO EXTERNAM SUAS OPINIÕES

Jansen Filho é um dos poetas mais distintos da nova geração. Moço ainda, quando invoca as musas que jazem em seu cérebro, da sua bôca sai uma torrente de belos versos que nos encantam e seduzem. Foi êsse vulto excepcional de nossas letras que externou sua opinião sôbre o diário da seguinte maneira:

— E' um atentado à moral que estamos assistindo. Velhos mestres como Olegário Mariano, Viriato Corrêa, Coelho Neto, Adel-

(*Continuação na pág.* 42)



PEREGRINO JÚNIOR, secretário geral da Academia Brasileira de Letras **comparou o diário com a bomba do caudilho.**



LEDO IVO foi incisivo: «foi neste volume póstumo que Humberto se enterrou como homem e como escritor...»



O POETA JANSEN FILHO defendeu seus velhos mestres e acha que **Humberto** tem prevenção contra os poetas porque nunca o foi.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — QUE SIGNIFICA «PÃO ÁZIMO»:
Dormido?
Azedo?
Sem fermento?

2 — EM QUE PONTO DO CORPO DAS AVES FICA O TECIDO DENOMINADO «CARÚNCULA»:
Nos pés?
Na crista?
Nas asas?

3 — QUE NOME TÊM OS GANCHOS EM QUE SE PENDURAM CARNE NOS AÇOUGUES:
Trampolim?
Aringa?
Fateixas?

4 — QUE QUER DIZER «MECÓPODES»:
O indivíduo de pés grandes?
O que tem mania de grandeza
O que se alimenta de vegetais?

5 — QUE NOME SE DÁ À PARALISIA DA IRIS:
Iridoplegia?
Heredismo?
Hemiplegia?

6 — QUE SIGNIFICA UM «OCTACTÉRIDE»:
Maior de oitenta anos?
Período de oito anos?
Flores de outono?

7 — QUE NOME SE DÁ AO FILHO DE ÍNDIA COM BRANCO:
Trigueiro?
Morubixaba?
Mameluco?

8 — QUAL O ESCRITOR BRASILEIRO CONSIDERADO «O MARCO DE NOSSA EMANCIPAÇÃO MENTAL»:
Gregório de Matos?
José de Alencar?
Graça Aranha?

9 — A QUEM, NA FRANÇA, RECORRERAM OS ESTUDANTES JOAQUIM DA MAIA, VIDAL BARBOSA E ALVES MACIEL, SOLICITANDO APOIO MILITAR DOS ESTADOS UNIDOS EM FAVOR DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL AO TEMPO DA CONSPIRAÇÃO DE TIRADENTES:
A Luiz XV?
A Thomaz Jefferson?
A Canning?

10 — QUAL O BRASILEIRO COGNOMINADO «PATRIARCA DA INDEPENDÊNCIA»:
Gonçalves Ledo?
Pe. Januário Barbosa?
José Bonifácio de Andrada e Silva?

11 — COMO SE CHAMAVA O JORNAL BRASILEIRO PUBLICADO EM LONDRES, EM NOSSA LÍNGUA:
«Times do Brasil»?
«Correio Brasiliense»?
«Emancipação»?

12 — QUEM FOI EVARISTO DA VEIGA:
Herói da guerra do Paraguai?
Médico filantrópico?
Grande jornalista?

13 — QUAL O GÊNERO LITERÁRIO QUE IMORTALIZOU O MARQUÊS DE MARICÁ:
Suas máximas?
Poemas em alexandrinos?
Sátiras?

14 — DE QUEM É A OBRA «NOITE NA TAVERNA»:
Edgar Poe?
Hoffmann?
Alvares de Azevedo?

15 — QUEM FUNDOU, NO BRASIL, A LITERATURA INDIANISTA:
Joaquim Manoel de Macedo?
José de Alencar?
Gumercindo Bessa?

16 — QUE LEMBRA O NOME DA FRANCISCO ADOLFO VARNHAGEN:
O de um militar famoso?
O de um político?
Ou o de um historiador?

17 — EM QUE LÍNGUA FOI ESCRITO O FAMOSO LIVRO DE NOSSA LITERATURA, «A RETIRADA DA LAGUNA»:
Francês?
Português?
Espanhol?

18 — QUEM É O AUTOR DO ROMANCE «INOCÊNCIA»:
Machado de Assis?
Visconde de Taunay?
Thomaz Antônio Gonzaga?

19 — QUEM FOI O ÍDOLO DO POVO CARIOCA NO DIA 13 DE MAIO DE 1888:
A princesa Isabel?
Joaquim Nabuco?
José do Patrocínio?

20 — EM QUE OBRA COELHO NETO RETRATA, COM RIQUEZA DE NARRAÇÃO, A VIDA BOÊMIA DO RIO NO SÉCULO PASSADO:
«Rei Negro»?
«Sertão»?
«Conquista»?

(Respostas na página 50)

Os Sofrimentos das Mulheres



Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Êsses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o domínio de seus nervos!

A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use *Regulador* **Gesteira** sem demora.

Regulador **Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador **Gesteira** trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador* **Gesteira**

CASA PEDRO



Riquíssimo conjunto de camurça com fivela de filigrana. — Grande sensação do desfile de modas para o inverno de 51 — CASA PEDRO — Rua Uruguaiana, 11 — 1.º andar. (Não temos filiais). — Atendemos ao interior.

RÉVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 15 ★ 21-4-51

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Jaginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 150,00
Seis meses	Cr$ 75,00
Registrada — Um ano	Cr$ 180,00
Seis meses	Cr$ 90,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Uma ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil: atrasado, Cr$ 3,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino, à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição n. 58, 1.º andar, sala 101, telefone 8-6718.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 52 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

TELEFONES

Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

O CORPO DO CORONEL FAWCETT

Quem, neste país, não ouviu falar do Coronel Fawcett, do Exército Inglês, desaparecido, há vinte e cinco anos, nas matas de Mato Grosso? A imprensa daqui e do estrangeiro tem comentado o triste episódio do desaparecimento do militar, de seu filho e de um companheiro de pesquisas para descobrimento dos vestígios da «Atlântida». E o jornalista Edmar Morel chegou a publicar um livro provando terem sido massacrados pelos «kalapagos». Morel estêve nas malocas dos selvagens e desvendou o mistério. Mas houve outros que começaram a dar palpites: Fawcett estava vivo e prisioneiro de uma tribo... Até de avião houve quem vislumbrasse um «homem branco» convivendo com índios selvagens da floresta do «Inferno Verde». Muita gente recorreu ao espiritismo a fim de saber, definitivamente, a verdade que fugia a tôdas as conjecturas. Estaria vivo o Coronel Fawcett ou já estaria morto? Quem o matara? Os selvagens ou alguma picada de cobra? Falecera de febre, ou em algum acidente por aquelas brenhas cheias de atoleiros e surpresas naturais de arrepiar os cabelos a um careca? Estas perguntas ficavam sem resposta e, mesmo através das consultas juntas a sessões dos adeptos de Allan Kardec, pairavam sempre dúvidas, não se chegando a afirmações decisivas. Mas, com a criação da Fundação Brasil Central, o seu presidente, Sr. Arquimedes Pereira de Lima organizou um programa para descobrir o que, realmente, se passara com os expedicionários do Coronel Fawcett. E agora chega ao conhecimento do público a confirmação sensacional: — o Coronel Fawcett, com os seus companheiros, foram mortos pelos índios «kalapagos», segundo comunicado da base de Xavantina àquela instituição. Os restos mortais do explorador britânico foram recolhidos e estão agora à disposição das ordens dos interessados. Vinte e cinco anos, faz, que foi morto, e a vitória dos irmãos Vilas-Boas custou cinco anos de incessantes e pertinazes trabalhos e pesquisas no mais terrível dos territórios selvagens indomáveis.

★

ÊSTE BRASILEIRO VENCERÁ

Este brasileiro tão jovem já é um mártir da ciência. Não que esteja afetado fisicamente por alguma doença infecciosa adquirida nas provetas e lâminas de laboratório. César Lattes é mártir da ciência no sentido moral. Como êle já houve e haverá muitos, não sòmente neste país como em muitos outros. Sofrem os homens de pensamento sério e dedicados ao progresso do mundo, a guerra fria da indiferença dos governos e dos milionários egoistas e usurários. Também sofrem os que nascem com o pigmento um tanto escuro. Lembremo-nos do drama íntimo do grande musicista brasileiro José Maurício, que, por ser neto de escravos e ter saído com a pele denunciadora da costa d'Africa, estêve quase proibido de... estudar música! O que salvou foi o ter entrado para a carreira eclesiásticaa e se ordenado. José Maurício chegou a ser considerado o maior improvisador musical do mundo. Sua infância foi marcada pelos maiores sofrimentos, com a mãe viúva a trabalhar àrduamente para garantir-lhe a educação. Por fim, o famoso Padre José Maurício venceu. Assim também sucederá com êsse gigante das pesquisas atômicas em nosso solo: César Lattes. E' um rapaz, sem as experiências que as cãs lhe darão no futuro. Mas, com a alma voltada para a ciência que predominará no mundo de amanhã, êle será relembrado no Brasil como um predestinado. Até agora só tem sofrido decepções. Os recursos que lhe garantiram não chegaram a produzir efeitos. Se fôsse outro já teria deixado sua terra e procurado o estrangeiro. Mas agora, pelo que parece, César Lattes vai ter os meios necessários à sua vitória, que será a vitória do Brasil no campo das pesquisas atômicas. O Sr. Getúlio Vargas acaba de autorizar a conclusão de um acôrdo de assistência técnica entre o Brasil e a UNESCO, quando haverá uma verba de cem mil dólares (pouco, mas sempre serve) para o desenvolvimento do Centro de Pesquisas Físicas dirigido pelo jovem Professor César Lattes.

★

EDITAIS SEM EFEITO

Costumam os Juizos de Direito das Varas de órfãos e Sucessões publicar na imprensa editais de citação das pessoas que se julgarem com direito ao recebimento de bens arrolados pela polícia, provenientes de apreensões dos que faleceram sem deixar herdeiros ou interessados «visíveis». Num dos recentes números de «O Jornal», desta cidade, o Dr. Aloísio Maria Teixeira, Juiz em exercício da Segunda Vara de órfãos e Sucessões do Distrito Federal mandou divulgar extensa e minuciosa relação de objetos deixados por várias pessoas e apreendidos e arrolados pelas autoridades policiais, que, em seguida, os remetem ao respectivo Juizo para os devidos fins. E' curioso que contém nesses arrolamentos. Se há alguma coisa de valor, como anéis de ouro e brilhantes, relógios de alta classe, etc., também se notam coisas sem a menor significação econômica: um apito, uma bola de pano, um lenço, pedaços de pano, carteira do Ministério de Trabalho, brochura de livros sem nenhum valor, tesourinhas para unha, uma carta dirigida a Isabel Seral, carteira de identidade, lâminas de barbear e por aí a fora. Podemos imaginar o quanto isso atravanca os serviços dos Juizos de Direito, fazendo-os perder tempo precioso entre avalanches de tais ninharias, gastando a Fazenda Pública tanto material para nenhum resultado. Não seria melhor que mudassem o processo de tais sucessões, criando-se uma Vara para tratar exclusivamente de tais «heranças»? Outra anomalia: nos editais de citações não constar as identidades dos falecidos. Como poderão os interessados os pessoas com direito aos bens deixados atender ao edital no prazo de um mês, sem que saibam de que se trata? Se publicassem, ao menos o nome do «de cujus», os «herdeiros» compareceriam, evidentemente, quando houvesse algo mais importante.

MEDIDAS JUSTAS

O Diretor Geral do Trânsito, Major Meneses Côrtes, o engenheiro Ortigão, Diretor do Departamento de Concessões da Prefeitura e o Sr. Alberto Rodrigues, presidente do Sindicato de Proprietários de ônibus, têm-se reunido e acertado medidas muito justas no sentido de acautelar os interêsses do público em relação aos próprios interêsses das emprêsas de transportes coletivos. Da última reunião resultou que os senhores motoristas de qualquer veículo, sejam os de serviço público, sejam os particulares, passarão agora a ser obrigados a exame psico-técnicos obrigatório. O motivo é dos mais justos e lógicos, especialmente no que toca aos choferes de ônibus. Os acidentes nesta capital são muito maiores e mais constantes do que os de Nova York, dadas as relatividades de população e número de veículos em circulação entre o Rio e a maior cidade do mundo. E isso é alucinante. Para deter a marcha dessa calamidade pública, o Major Côrtes não tem descansado. De estudo em estudo, de observação em observação, ouvindo uns e outros, chegou êle à conclusão de que deviam ser postas em vigor, imediatamente, várias providências, dentre elas se destacando as seguintes: 1.º) — Exame psicotécnico para todos os motoristas, quer os amadores, quer os profissionais. Por êsse exame saberá a Diretoria do Trânsito quais os motoristas que podem dirigir um veículo. 2.º) — Escola para motoristas profissionais. 3.º) — Curso, na mesma Escola, para os senhores trocadores, ensinando-lhes boas maneiras no tratar com o público. 4.º) — Em todos os ônibus e lotações serão instalados registradores de velocidade, os quais gravarão a velocidade desenvolvida pelo carro, facilitando o policiamento. Em caso de excesso de velocidade, o motorista será advertido, na segunda, multado, e, na terceira, cassada a carteira. Muito bem! Assim, haverá segurança para todos, inclusive para os sempre apressados motoristas...

A PERSONAGEM DA SEMANA

A vitória do Sr. Getúlio Vargas como candidato à magistratura suprema da Nação, foi recebida com as sensações naturais decorrentes de um pleito animado em que se debateram três candidatos, por sinal que se respeitando entre êles, durante o prélio. Os getulistas vibraram de alegria; os brigadeiristas, e até os cristianistas, ficaram tristes. Mas, tudo passou, e a nação voltou-se para o novo govêrno, e cada cidadão se integrou na sua vida normal. A situação a enfrentar era realmente grave. Porém o Brasil é como um doente que, sendo muito moço e muito forte, abusa de todos os abusos, mas não fica em estado desesperador. Entretanto, em boa hora, o Sr. Presidente da República anunciou os mais reiterados propósitos de reorganizar a vida nacional. Sentindo, porém, enormes dificuldades no desempenho dessa tarefa, fêz um discurso nesta semana, que produziu um choque na opinião pública. Dirse-se-ia que S. Excia. perdeu a calma. Sente-se que o Chefe da Nação quer apresentar algo de concreto. Mas, é mister considerar que S. Excia. está no govêrno apenas há dois meses e os males são profundos. O caso da carne é simplesmente um sintoma no aspecto geral O Brasil cresceu e andou mais depressa do que o Poder Público. Basta ver que as ferrovias que abastecem o Distrito Federal são as mesmas duas estradas quase com as características de 30 anos atrás. A população e os salários foram multiplicados, e já não adianta deblaterar contra êste ou aquêle. E' preciso calma, algum tempo e muita ação. E que não se perturbe a serenidade felizmente reinante no país após a proclamação das urnas do pleito de 3 de outubro. O ambiente é de ordem e de respeito ao poder constituído. Os órgãos legislativos atuais de tôdas as correntes políticas em que se dividem, se declararam na firme disposição de votar tôdas as leis atinentes ao bem público. E, após o transcurso de cinco anos, contando com os recursos que a técnica moderna oferece, bem empregados, outro deverá ser o panorama nacional.

Pres. Getúlio Vargas



ARTISTAS DE REVISTA, que atuam em vários teatros, estão congraçados neste final de «show», numa das boites da cidade. Vemos o cômico Colé, Celéste Aida, Evilázio ao redor de Bibi Ferreira.

APÓS O TEATRO, A "BOITE"

ARTISTAS DE TEATRO DE COMÉDIA E MUSICADO, ESTREIAM NAS "BOITES ★ NOVAS ATRAÇÕES PARA AS CASAS DE DIVERSÕES ABERTAS ATÉ ÀS TRÊS DA MADRUGADA

Texto e fotos de SABINO CANALINI

NUMA série de reportagens sôbre a vida noturna da cidade, referindo-se em especial modo à zona sul, explicou, um nosso colega de redação, o por quê do aparecimento das casas de diversões comumente conhecidas por "boites". Chegou mesmo a descrever o tipo de diversão que nelas encontram os freqüentadores, e a heterogeneidade dêsses últimos. Em algumas dessas "boites", surgiram novas atrações, que se tornaram causas bem fortes para motivar a presença renovada dos "habituées". Aliás, deve-se notar o seguinte, pelo fato de serem tô-



POUCA ROUPA num dos belos quadros de caráter indiano.



RENATA Fronzi experimenta um véu em Norberto, o Rajá



O CROONER Dora Lopes, Walter D'Avila, Ivete e Ivone.



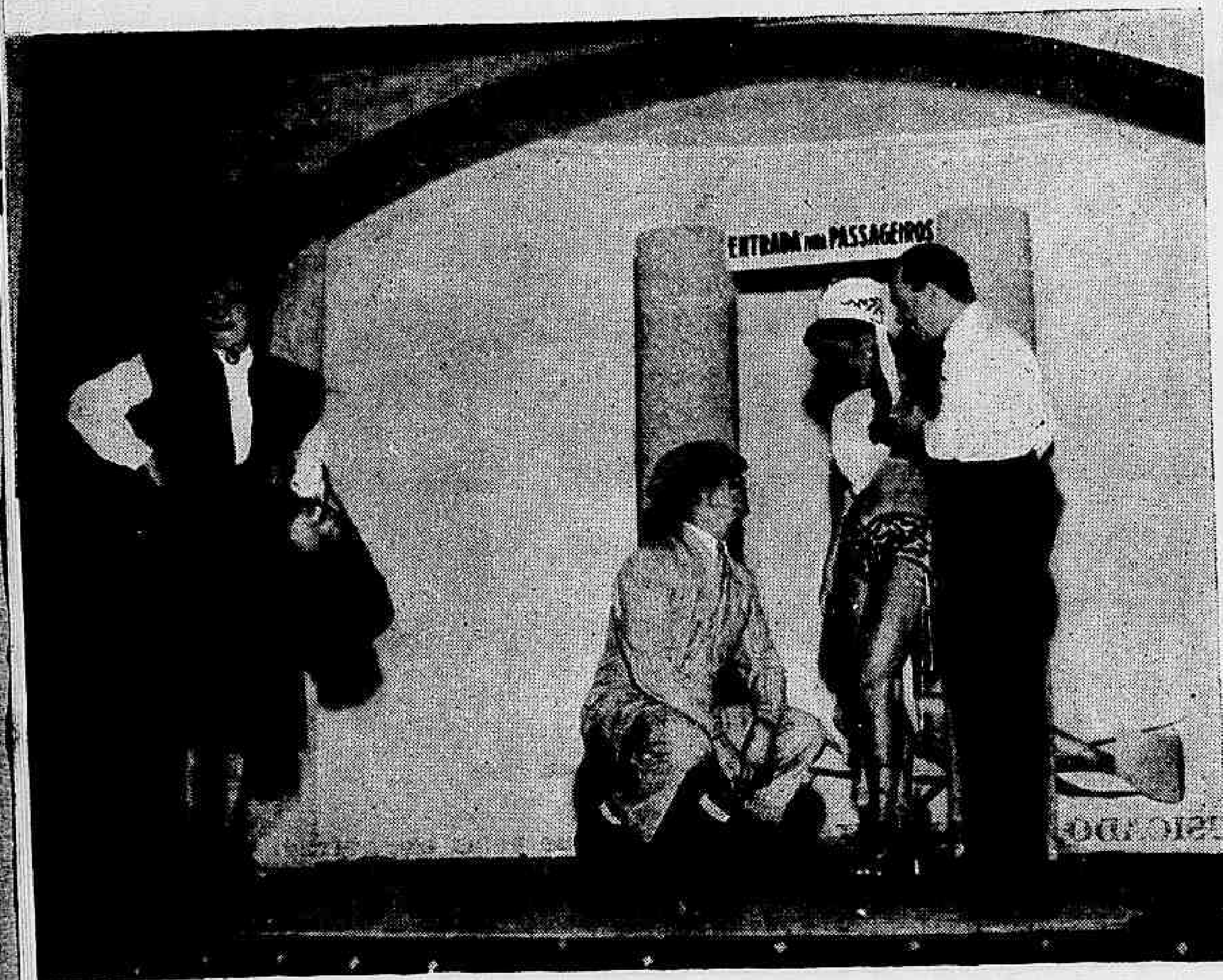
MAGALI, nas roupagens de Vênus, a deusa do amor.



ESTA SÔPA vai acabar — assim pensa Renata.



O LEQUE permite que a censura deixe passar a foto.



CELESTE AIDA, Colé, Elvira e Evilázio num número cômico que diverte a platéia.



PARODIANDO os «apaches» a dupla Colé-Celeste consegue, como sempre, arrancar risadas dos presentes.



CLOSE-UP de Bibi Ferreira cantando tango

das casas pequenas e contarem com freqüência mínima em confronto a qualquer outra casa de espetáculos, a parte artística nelas apresentada tem uma temporada de vida bem curta. E' preciso renovar bem assiduamente tudo o que possa servir para atrair novos fregueses. E' isso que compreendeu o casal César Ladeira e Renata Fronzi, dando início à série de Café-concertos. Buscando exemplo nos antigos cassinos vienenses e parisienses, e nas atuais "boites" de tôda Europa, compilaram êles espetáculos leves e agradáveis, surpreendendo desde logo pela interessante iniciativa. Querendo aliar dinamicidade ao empreendimento, conseguiram que consagrados artistas de teatro de comédia também emprestassem sua colaboração nos poucos espetáculos que constituem quase tôda a vida noturna da metrópole. Assim é que, para surprêsa geral, tivemos a estréia de Procópio numa "boite". Seguiu-lhe Aimée, que também dispensa apresentação. Não pararam aí os organizadores. Voltaram-se para o teatro de revista musicada. Acertaram, pois, indiscutivelmente, é êsse o teatro que goza de mais popularidade e aceitação. Quiseram êles o contributo de Bibi Ferreira, que em '50 havia se revelado como "vedette", mas a artista estava às voltas com os apurontos da própria revista que ia ser lançada na antiga Praça Tiradentes. Voltaram-se então, para Mara Rúbia e Walter d'Ávila e êsses dois populares elementos animam hoje o Café-concerto número quatro. A iniciativa foi compreendida e imitada em boa hora por quem não dorme no ponto. O estilo foi assimilado e aí temos, contemporâneamente, Bibi Ferreira, que desta vez pôde aceitar o convite de outra casa, e mais Colé e Celeste Aída. A estréia de êsses artistas foi inteligentemente estudada, pois constitui, de fato, forte razão para chamar a atenção de numerosas pessoas em cujos hábitos ainda não entrou a freqüência das "boites". Todos êles contam com um numeroso público que se habituou a aplaudí-los nos teatros e que, apesar de morar quase sempre longe das atuais "boites" não terá dúvidas em ir vê-los nessa nova atividade. Serviu também para variar bastante o tipo de espetáculos que vinha sendo oferecido aos freqüentadores. Os elementos saídos do rádio haviam quase açambarcado as "boites" com suas bonitas vozes, seus "sketches" espirituosos, mas faltava-lhes plástica, movimento, o que só é conseguido com a experiência da ribalta. E não é pela não existência desta que os artistas de teatro deixam de fazer sucesso também nas "boites". Pelo contrário, a maior aproximação do público, permite-lhes exibir a comunicabilidade espontânea e contagiante que exercem no mesmo. O ambiente é bem menor, mais simples, apesar de paracer mais luxuoso, e é mais caro. Os artistas de revista permitem representações mais alegres, mais leves, acompanhadas de música, de ritmos, de piadas, de canto, de danças, de véus, lantejolas e leques, de luzes que brincam com as lindas "girls", delicada e sensualmente desnudas. No-

APÓS O TEATRO, A "BOITE"

vidade para os freqüentadores dos teatros, pois em vez de poltronas enfileiradas, temos mesas apertadas, cadeiras encostadas, garçons fazendo ginástica para servir os pratos, ou ostentando churrasco no espêto com mechas de algodão aceso, o que lhes permite tirar efeitos diferentes de luz e sombra, num ambiente eminentemente escuro, onde se destacam as garrafas de champagne nos baldes de gêlo, os cristais dos altos copos de gin e das jarras de água gelada. Dançam os pares ao som dos "blues" e tratam de gastar na mesa o mínimo permitido. A uma hora da madrugada, mais ou menos, tem início a parte artística. Desimpede-se a pista, que em algumas "boites" não passa de um espaço um pouquinho maior entre as mesas, a orquestra dá um toque de alerta e surge alguém para anunciar o nome dos artistas que irão tomar parte no "show".

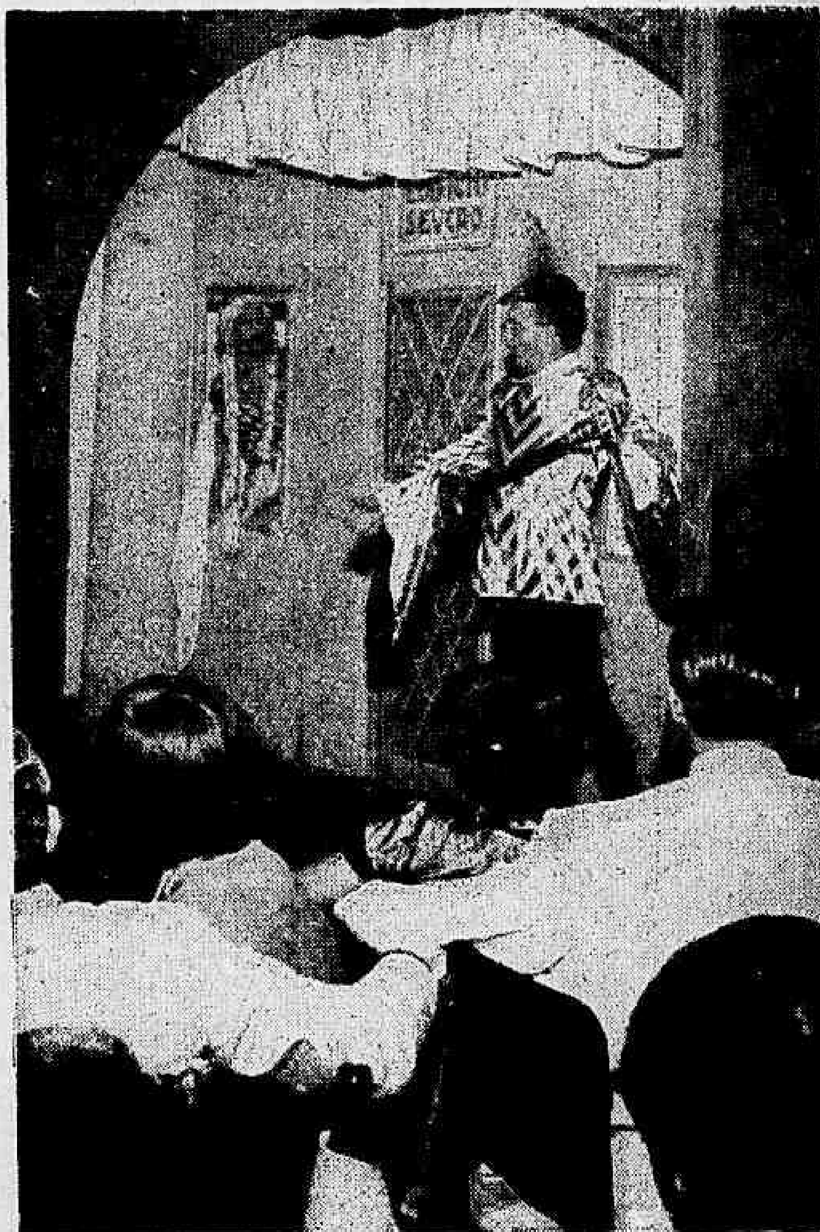
Com a colaboração dos que até meia-noite representam nos palcos dos teatros da antiga praça Tiradentes e dos teatrinhos da zona sul, sem dúvida nenhuma quem lucrou foi o nível artístico das apresentações, o que deixava de merecer as atenções dos organizadores até agora. Diziam êstes que verdadeiros artistas não poderiam tomar parte apenas nos "sketches" das "boites", pois, ou se tornariam demasiado caros, ou não teriam o suficiente para viver. Também não seria possível contar com os que já estivessem sob contrato em emprêsas de revista, qúe, depois da meia-noite, estariam naturalmente cansados. Neste segundo ponto é que pensou César Ladeira, quando teve a idéia de aproveitar mesmo os que estivessem ocupados nos teatros. Por estar trabalhando nos ensaios da própria revista, Bibi não pôde aceitar o convite que recebeu, o que fêz logo após a estréia do Carlos Gomes, indo colaborar com Geisa Bôscoli no Casablanca. Mara Rúbia e Walter d'Ávila, a primeira do elenco da Bibi e o segundo do Follies, estão com o César e a Renata no Acapulco. Colé e Celeste Aída, em vésperas de estrear também num teatrinho de Copacabana, completam o elenco da casa da Praia Vermelha. Ouvimos falar em contratos de trinta mil cruzeiros mensais. Não é de estranhar que, diante de tais argumentos, desapareça o cansaço provocado pelas duas seções noturnas dos teatros. Enquanto isso, nas "boites", como a presença dos fregueses se repete com freqüência, há necessidade de variar o espetáculo. Novos ensaios, novas surprêsas. Sabemos, por exemplo, que Renata Fronzi voltará a atuar, desta vez, numa produção do César.

Sucedem-se assim as atrações para os mundanos que não sentem sono até às três da madrugada e que desejam passar êsse tempo se divertindo como o fazem os parisienses, os novaiorquinos, os platinos. O Rio de Janeiro está começando a ter sua vida noturna...

ASSIM como no teatro, tambem na «boite» Bibi é uma atração, especialmente quando canta samba, o que faz com todo sentimento e propriedade.

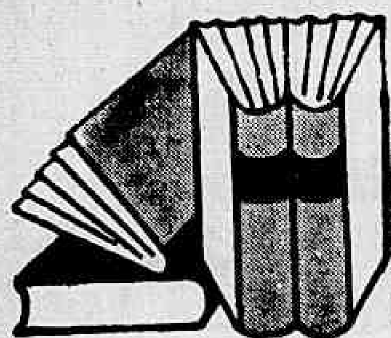


RENATA orienta Ivete, em cima Colé e

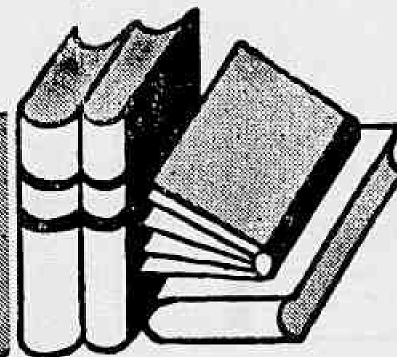


Evilázio parodiando Romeu e Julieta. Em baixo, Bibi em ritmo americano.





SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA



LOURIVAL FONTES — Chefe do Gabinete Civil do Presidente Getúlio Vargas, cargo a que ascende depois de uma vida pública das mais brilhantes como intelectual e administrador, nasceu em Riachão, Estado de Sergipe, aos 20 de julho de 1899. Formado em direito pela Faculdade do Rio de Janeiro, ainda estudante já Lourival Fontes colaborava na imprensa desta capital e trabalhava em agências telegráficas e nos principais jornais diários. Nomeado funcionário da Prefeitura do Distrito Federal, chegou a Diretor Geral de Turismo, Diretor Geral de Matas e Jardins, Diretor da Feira de Amostras, Diretor do Montepio Municipal, Secretário Geral e ainda Secretário de Finanças. Representou o Brasil no Congresso de Municipalidades em Lyon, na França; a cidade do Rio de Janeiro nas comemorações da fundação de Lima e chefiou a delegação brasileira ao campeonato mundial de futebol em Roma, em 1934. Fêz parte da Comissão organizadora do Parque Nacional do Itatiaia, da Comissão de Orçamento da Prefeitura do Distrito Federal, da Comissão Organizadora da Exposição de Paris em 1937 e da Comissão do Ministério do Trabalho que regulamentou o dia de oito horas de trabalho. Chefiou ainda o Departamento de Imprensa e Propaganda, do qual foi o primeiro diretor. Em 1945 foi nomeado embaixador do Brasil no México e mais tarde representante brasileiro no Bureau Internacional do Trabalho. Na campanha eleitoral de 1950, foi um dos grandes estrategistas da vitória dos trabalhistas brasileiros.

Ensaista dos mais brilhantes de sua geração, intelectual de raça, o sr. Lourival Fontes é, sem dúvida alguma, uma das grandes figuras da moderna inteligência brasileira, preocupando-se especialmente com os problemas de política internacional, em que é reputada autoridade. Ainda recentemente publicou o volume "Homens e Multidões", ensaios admiráveis de realismo, finura de observações e agudeza de julgamento sôbre os homens e acontecimentos da política mundial neste século. Jornalista militante, dos que mais honram a imprensa do país, até há pouco Lourival Fontes colaborava assiduamente nos "Diários Associados".

A MORTE DE OLIVEIRA VIANA

FALECEU, a 28 de março último, o sociólogo e escritor Oliveira Viana, cuja morte representa irreparável perda para a cultura brasileira. Escritor dos mais eminentes, sociólogo, jurista e economista, sua obra representa um monumento de cultura. Atualmente, exercia o mestre de "Populações Meridionais do Brasil", o cargo de Ministro do Tribunal de Contas.

Nasceu Oliveira Viana na localidade de Rio Sêco de Saquarema, Estado do Rio de Janeiro, a 20 de junho de 1882, filho do Sr. Francisco José de Oliveira Viana e D. Balbina Rosa de Azeredo Viana. Fêz seus preparatórios no colégio "Carlos Alberto", de Niterói, matriculou-se na Faculdade Livre do Rio de Janeiro em 1902, para bacharelar-se em 1906. Em 1916, foi nomeado para seu primeiro cargo, o de professor de Direito Criminal da Faculdade de Direito de seu Estado, funções que exercia até hoje e, em 1926 foi indicado para diretor do Instituto de Fomento do Estado do Rio de Janeiro. Com a revolução de 1930, criados os Conselhos Consultivos, passou o extinto a fazer parte do Conselho de seu Estado natal (1931). Em 1932 era nomeado Consultor Jurídico do Ministério do Trabalho e no ano seguinte membro da Comissão Especial para rever a nova Constituição. No ano de 1939 foi escolhido para a Comissão Revisora de Leis, do Ministério da Justiça e, por fim, ministro do Tribunal de Contas da República.

Oliveira Viana foi colaborador de vários jornais do país, escrevendo artigos, principalmente, sôbre o assunto de sua especialidade, qual seja o referente ao Direito Social e às Leis Trabalhistas. Pertencia ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, aos Institutos Históricos do Pará, Rio Grande do Norte, Ceará e Paraiba; à Societé Americanistes de Paris, ao Instituto Internacional de Antropologia, à Academia de História de Portugal, à Sociedade de Antropologia e Etnografia da cidade do Pôrto, à Academia Dominicana de História, à Academia Fluminense de Letras e à Academia Brasileira de Letras, onde ocupava



OLIVEIRA VIANA

a cadeira n. 8, cujo patrono é Cláudio Manuel da Costa e para a qual foi eleito na vaga de Alberto de Oliveira em 1937.

Entre suas obras destacamos as seguintes: "Populações Meridionais do Brasil" (1920); "Pequeno Estado de Psicologia Social" (1921); "O Idealismo na Evolução do Império e da República" (1920); "A Evolução do Povo Brasileiro" (1923); "O Ocaso do Império" (1925); "O Idealismo da Constituição" (1927); "O Crédito sôbre o Café" (1927); "Problemas de Política Objetiva" (1930); "Raça e Assimilação" (1932); "Formation Ethinique du Brésil Colonial" (1932); "Problema de Direito Corporativo" (1938).

Há poucos dias, havia êle terminado sua última obra e já anunciada por uma editôra: "História Social do Capitalismo no Brasil".

NOTICIÁRIO



MANUEL BANDEIRA

★ Comemora-se a 26 de abril o centenário de Silvio Romero e a Congregação da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil programou, para a data, uma sessão solene, em honra do imortal escritor, devendo falar o professor Hermes Lima. ★ Por iniciativa da Federação das Academias de Letras e da Academia Carioca de Letras, terá lugar, em breve nesta capital um Congresso de Escritores. ★ Foram realizadas eleições para a diretoria da seção do Distrito Federal da A.B.D.E.. tendo sido escolhido presidente o escritor Graciliano Ramos. Para os demais cargos foram eleitos os senhores Cleto Seabra Veloso, Emílio Guerra, Miecio Tati e a senhora Lauro Austregesilo. Para o Conselho Fiscal: Floriano Gonçalves, Alina Paim, Renato de Alencar e Homero Homem. ★ Vicente Augustus Carnicelli que apareceu há dois anos, por ocasião da 1ª Exposição de Poesia Ilustrada, realizada em São Paulo, deverá estreiar em breve, com seu primeiro livro de poemas, intitulado «Hora Consumada». ★ O poeta Murilo Mendes andou por São Paulo e ali, não foram apenas os fatos literários que lhe chamaram a atenção. Segundo informações de um amigo comum, o poeta teve grande entusiasmo de seu encontro com os novos pintores e escultores de São Paulo. ★ Acaba de aparecer em edição da Casa do Estudante a quinta edição das Poesias Completas de Manuel Bandeira. Além de «Lira dos Cinquentanos», esta edição inclui outro livro, «Belo-Belo». ★ O «Soneto da Infância», de Edison Moreira, bem como a respectiva ilustração, de Carrascosa, foram divulgados em primeira mão pelo excelente suplemento literário do «Jornal do Povo», de Ponte Nova, Minas. Por falar nisso, o Suplemento come-

Fora do Prelo

ADIVINANZAS CRIOLLAS — Consejo Nacional de Educacion — Buenos Aires

Com trabalhos de repercussão internacional, quer pela cultura que revela seu conteúdo, quer pelo conjunto de notáveis qualidades do autor, o dr. Ismael Moya, da Comissão de Folclore e Nativismo da Argentina, é um dos grandes amigos do Brasil, com quem podemos contar na campanha de estreitar os laços de compreensão brasileiro-argentinos. Uma de suas obras, «Adivinanzas criollas», recolhidas da tradição bonaerense, editada pelo Conselho Nacional de Educação do Ministério de Educação do país irmão, demonstra o senso crítico e a amplitude mental de Ismael Moya: as páginas introdutórias valem como esplêndido material de estudo bem orientado. Acentua o mestre platino que «la adivinanza tiene la esencia de la metáfora.» E que «existe un fondo de ideas y de sentimientos común a todos los pueblos del mundo, los cuales se manifiestan en forma paralela en cuanto a su origen psicológico, pero que asumen en sus apariencias tonalidades distintas o se revelan el grado de cultura alcanzado por cada uno de esos pueblos». Desenvolvendo considerações claras e impressivas, Ismael Moya destaca o valor histórico, artístico e pedagógico da «adivinhação», processo de indiscutíveis frutos no progresso da inteligência humana. «Adivinanzas criollas» insere, na parte final do elegante volume, várias delas sôbre temas interessantes como, por exempla, esta:
mo, por exemplo, esta:

«Vengo de padres cantores,
pero yo cantor no soy;
tengo blanca la capita
y amarille el corazón.»

Que é?... Ovo de galinha.

A par do aspecto cultural, o livro de Ismael Moya é admiràvelmente recreativo, de leitura encantadora e útil.

★

EÇA DE QUEIRÓS — Márques da Cruz — Edições Melhoramentos — S. Paulo.

Nos meios literários, mais talvez que em outros círculos, sempre despertam suspeitas as obras premiadas. Os bastidores são frequentados pelos candidatos às láureas... Não é que os pretendentes, sistemàticamente, deixem de confiar em si mesmos, ou de fato não tenham mérito. Tampouco porque os julgadores pertençam, invariàvelmente, ao grupo dos sem-critério, não! Mas, estando nós no país do pistolão, a influência dos pedidos é tão grande, tão decisiva, tão forte, que, na maioria dos casos, as comissões julgadoras atendem apenas ao nome que «recomendou» esta ou aquela candidatura, enquanto os legítimos valores continuam à margem.

Felizmente estamos diante duma exceção a tamanha falta de justiça: é êste livro de Márques da Cruz, «Eça de Queirós, a sua psique», volume ilustrado, classificado em primeiro lugar em concurso promovido pelo benemérito Liceu Literário Português, Gabinete Português de Leitura e Casa dos Poveiros. E' trabalho que figurará com honra na vasta biblioteca destinada a estudar tudo quanto se refira ao autor de «A Relíquia».

Em estilo ágil, Márques da Cruz focaliza os traços mais vivos de Eça em sua existência em Lisboa, Pôrto, Coimbra, Évora, Egito, Palestina, Leiria, Havana, Canadá, América, New-Castle, Bristol, Paris... Examina o realismo, a arte, o estilo e a pontuação ecistas, sua irradiação estética, moral e cultural, os tipos criados pelo gênio irreverente.

Podemos dizer que o imortal romancista foi «interiormente» expôsto pelo analista de «Eça de Queirós, a sua psique». Efetivamente, a obra mereceu o prêmio que obteve. Quem a lê confirma estas palavras.

★

A FAZENDA — Leonel Borba — Recife.

Acaba de surgir nas livrarias, vindo de Pernambuco, um romance de costumes, de escritor que estréia no gênero: «A Fazenda», de Leonel Borba.

Trata-se de um jornalista, de nome já firmado na imprensa do Recife, panfletário que agora se volta para a ficção, criando tipos nos quais retrata com felicidade facêtas de almas pequeninas, intrigantes e sórdidas, às quais não aplica, desta vez, a linguagem virulenta da apóstrofe, mas a sátira e o humor leve do seu estilo. Não há, em todo o livro — a não ser um capítulo e na bôca de um personagem — uma palavra áspera ou contundente. Ao contrário: todo êle é uma série de episódios mordazes, em que as figuras vivem situações picarescas, descritas em linguagem simples, sem as extravagâncias que caracterizam a maioria dos romances do seu tipo.

«A Fazenda» mostra figuras que se diriam retratadas e não criadas pela imaginação do autor, tal a semelhança que apresenta com pessoas reais, dessas que se encontram em cada dia, em cada lugar. São ficções a que se poderia aplicar nomes e títulos, sem temor de errar, porque em cada personagem pensamos encontrar um velho conhecido.

A capa é uma «charge» do pintor pernambucano Baltazar da Câmara e o trabalho gráfico da Tipografia Santa Terezinha, de Recife.

★

SEBASTIAN BACH, O MENINO DA TURINGIA — Wheeler e Deucher - Edições Melhoramentos — S. Paulo.

A grande utilidade da série «Os gênios da música», publicada pelas Edições Melhoramentos, não está no fato de fornecer dados biográficos certos e dignos de lembrança; está, principalmente, em que reproduz, para piano, as mais belas páginas de cada qual dos biografados, contando a história de tais composições, o que proporciona, ao intérprete, perfeito conhecimento do «sentimento» inspirador e, portanto, indicando ao executante a maneira ideal de transmití-las ao público. Depois de «Franz Schubert e seus alegres amigos», «Ludwig Van Beethoven e os sinos do campanário», «Mozart, o menino-prodígio», a Melhoramentos oferece êste «Sebastian Bach, o menino da Turingia», também encantador. Seguir-se-ão «Haendel na côrte de Reis» e «Joseph Haydn, o camponesinho alegre», conforme promete a série.

★

INDIOS E SERTANEJOS DO ARAGUAIA — Haroldo Cândido de Oliveira — Edições Melhoramentos — São Paulo.

Médico, Haroldo Cândido de Oliveira foi convidado, pelo Serviço de Proteção aos Índios, a inspecionar as tribos indígenas do Araguaia. Para lá seguiu, fazendo o seu Diário de Viagem, que as Edições Melhoramentos deram a público em excelente apresentação, «Índios e sertanejos do Araguaia», em cem páginas de ótimo papel valorizadas, além do mais, magníficas fotografias que mostram aspectos geográficos e humanos dos lugares por onde passou o autor.

Em estilo fácil, tão diferente da maneira de escrever de certos esculápios que torturam a linguagem, como torturam os doentes, Haroldo Cândido de Oliveira vai revelando uma porção de coisas interessantes, alegres umas, outras contristadoras, estas curiosas, aquelas desagradáveis, fatos que exigem ação do govêrno, circunstâncias que dificultam qualquer auxílio. E' leitura que se faz com satisfação, umas vêzes e, noutras, com tristeza, diante das realidades mostradas pelo espírito observador do viajante que nos deu o livro «Índios e sertanejos do Araguaia».

---

morou já seu primeiro aniversário e está cada vez mais cuidado, com grande vitalidade e brilho, fazendo honra às letras mineiras. ★ «SAGARANA» — Sagarana, volume de contos de inspiração regional, de João Guimarães Rosa, foi um dos maiores sucessos literários de que se tem memória nestes últimos vinte anos. Poucas vêzes a crítica e o público foram tão unânimes no louvor a uma obra literária. A divergência muito comum entre a opinião das élites e o favor do público em relação a certos livros, não se deu com os famosos contos de Guimarães Rosa. Ambos, críticos e leitores, juntaram suas vozes num aplauso único, consagrando assim o nome do autor e a impecável realização literária de que foi capaz. «Sagarana», em poucos meses, teve esgotadas duas edições sucessivas, e por muito tempo ficou na memória dos que o leram, e desejado por aquêles que dêle ouviram falar mas não tiveram o prazer de percorrer-lhe as histórias admiráveis. A Livraria José Olympio vem agora ao encontro dos desejos do público, e anuncia para breve a 3a. edição, revista, dêsse extraordinário livro, algo de novo em matéria de contos e de linguagem, expressão primorosa de um talento literário que está no apogeu de sua fôrça.

Sonêto de infância

EDSON MOREIRA

Por sortilégio de Pirlimpimpim
surpreenderam-me em sonho esta manhã
os filhos de Perrault, Anderson, Grimm,
clamando pela Infância — sua irmã.

Eu que supunha já ter pôsto fim
a êsses amigos, na memória anciã,
eis-me de novo diante de Aladim,
Pinocchio, Chapelinho, Peterpan...

Que da Infância pretendem? (eu lhes falo)
Deixem-na em paz, voltem ao seu castelo,
que ao colo da Mãe Preta, em doce embalo,

ela dorme tranqüila dentro em mim:
— não faças mais rumor, Polichinelo,
e apaga a tua lâmpada, Aladim...



(CARRASCOSA ilustrou)

A DESVANTAGEM de ser PACIFICO

Nascera visceralmente PACIFICO e, como o impossível acontece, fôra batisado PACIFICO. Era PACIFICO por dentro e por fora.





Manhã, cedinho, tinha ganas de esbordoar o leiteiro que escandalosamente botava água no leite, mas acabava recebendo, PACÍFICO, o leite cada vez mais aguado!...



No açougue tinha ímpetos de falar dos preços da tabela, alegar que era amigo do Prefeito, quando lhe davam ossos e pelancas, mas terminava pagando, no câmbio negro, as pelancas que lhe cabiam. . .



Nos **ônibus** trazia sempre os **trocados.** PACÍFICO não queria atritos com os trocadores muito pouco PACÍFICOS. . .



Na repartição, que por sinal era a Diretoria de Material BÉLICO, PACÍFICO fazia o seu e o serviço dos outros.



Em casa lavava pratos, passava roupa. PACÍFICO queria sossêgo. A sua cara metade, em solteira, chamava-se BELITA GUERRA. . .

O SEGREDO DE SUA BELEZA

LOÇÃO
PÓ DE ARROZ

MADERAS DE ORIENTE

MYRURGIA

PIRANDELLO EM S. PAULO

A sensacional apresentação de "Seis personagens à procura de autor" feita recentemente em São Paulo, no Teatro Brasileiro de Comédia, marcou um acontecimento incomum na crônica do teatro nacional. Sôbre o estilo cênico de Pirandello, assim se expressou Adolfo Celi, a quem coube dirigir êsse memorável espetáculo:

— A aparição de Pirandello no ambiente teatral italiano, logo após a primeira guerra mundial, causou embaraço e incompreensão. Os atores, acostumados a envergar ou as leves e elegantes roupagens das maliciosas comédias francesas, ou a afivelar a máscara lacrimosa da tragédia, ou, ainda, a contrair os músculos da face e a agitar as sobrancelhas espasmòdicamente, na comédia verista e dialetal, sentiam-se logo à vontade. Já definitivamente no ocaso o Grande Ator Romântico, ficou, o ator italiano fixado em gêneros e em esquemas preestabelecidos. Sendo hábil no tom "boulevardier", o contrôle e o "bom gôsto" não deixavam transparecer reais sentimentos humanos, e, então, o que ressaltava era mais a personalidade do ator do que a personagem a interpretar. Para interpretar uma tragédia usava-se um tom lírico "cantato", uniforme, monótono, aborrecidíssimo. Além disso, faltando capacidade crítica, dramática e interpretativa, o resultado era que, no palco, vinham a se assemelhar Sófocles e Alfieri, Shakespeare e D'Annunzio.

Com Pirandello, porém, começaram a surgir problemas — e não fáceis. Os "gêneros" se mesclavam irremediàvelmente: quando parecia que a situação cômica, quase em tom de farça, era a fundamental, eis que surgia, imprevisto, o grito de angústia, lancinante, doloroso; quando um inesperado tom poético inspirava uma acentuação romântica, seguiam-se-lhe imediatamente os efeitos do linguajar típico de Pirandello: a frase curta, a contração do conceito, as vírgulas com valor de ponto, os parêntesis, a frase iniciada pelo fim, a desconcertante troca do sujeito, a analogia esticada até ao extremo da lógica.

Tudo isto alterava as normas de até então — e o ator italiano ficou positivamente desorientado. Em conseqüência, representava-se Pirandello inàbilmente, com superficialidade. Resultado: tanto a crítica como o público esbravejaram, acusando Pirandello de "cerebralismo", de "modernismo", de autor "falho de humanidade". Poucos foram os que se deram conta de que havia humanidade, sim, mas que se tratava de uma nova forma de humanidade, mais sutil e mais aguda, mas não menos densa de vida. Não se deram conta, também, que as personagens de Pirandello eram mais complexas do que as outras, mas da forma por que é mais complexo, em geral, o homem perante um símbolo, que, como símbolo, reflete apenas um só aspecto do caráter, um sentimento só, uma só categoria.

Houve debates até que se compreendeu

A crítica mundial de maior responsabilidade considera interpretações das mais difíceis da literatura teatral contemporânea os papéis que Sérgio e Cacilda Becker estão vivendo.



Paulo Autran mostrou uma excelente criação no diretor da companhia, às voltas com os seis personagens



Logo no início da peça «Seis personagens à procura de um autor», os artistas de uma suposta companhia que estaria ensaiando um original de Pirandello folheiam, pressurosamente, uma gazeta, à busca da secção teatral. Todos estão ansiosos em saber o que teria o crítico escrito a seu respeito, e como sempre, um ator mais vaidoso sofre terrível decepção



SERGIO CARDOSO - O PAI



CACILDA BECKER - A ENTEADA



RACHEL MOACYR - A MÃE



CARLOS VERGUEIRO - O FILHO





O Pai e a Enteada sofrem o mesmo e terrível drama interior, embora cada qual tendo de enfrentá-lo sob um aspecto diverso. Mas o destino joga-os um para os braços do outro...

O Diretor aceitou a sugestão daquela estranha família que não vive na realidade, por ser apenas fruto de ficção, e assiste, deslumbrado, aos tenebrosos lances de cada herói.

que era preciso encarar a humanidade de Pirandello não sòmente como representação de sentimentos simples e instintivos, mas também, e especialmente, como luta entre o instinto cego e brutal e o pensamento que procura freiar êsse instinto, com tôdas as conseqüências dessas alternadas vitórias entre a Vida e a Forma de Viver. Despertou-se, então, uma consciência artística mais séria e a Pirandello se ficou devendo a renovação do Teatro italiano, compelido a encontrar, desde Pirandello, um estilo interpretativo diferente.

Foi preciso deixar que as personagens de Pirandello expusessem seus próprios problemas, não em tom "filosófico" ou decadente, mas com essa fôrça interior que advém do mêdo de não ser compreendido: com tôda a ansiedade que nasce da necessidade vital de convencer a humanidade da própria humanidade individual — pois que os homens não se compreendem, tendem a ver no interlocutor ou um inimigo dialético ou um inferior mental. Por isso mesmo é que, ao manifestar suas opiniões, as personagens de Pirandello o fazem num tom de arenga judiciária, antecipam-se a eventuais objeções, apresentam e concluem raciocínios por si mesmos, preparam armadilhas.

Surgiu, assim, a grande revelação — eis que através do estilo e do calor interpretativo, a linguagem cerebral e emaranhada de Pirandello veio a se revelar linguagem comum de todos os dias, como na Vida: tudo se esclareceu: a palavra escrita precisava da palavra falada, precisava, em suma, do Teatro. E, através do Teatro, Pirandello conseguiu transformar a dialética em poesia.

Na interpretação geral das "Seis personagens à procura de autor" tratei de conseguir — sendo frenéticas e angustiadas quase tôdas as personagens de Pirandello — um tom de "discussão pública", pois me pareceu (consideradas as razões expostas) que sòmente através dessa "Super-humanização" seria possível tornar claros os vários conceitos, as várias teses que constituem a base do drama: a aspiração das personagens a uma obra de arte absoluta completada, como, na Vida, o homem aspira em vão a uma própria "construção" perfeita, imutável e duradoura — como é a criação artística; a angústia que nasce da incompreensão e da incomunicabilidade dos homens, que se julgam apenas pelas aparências; o absurdo (mas verdadeiro) de se acreditar hoje num sentimento e, por acreditar, julgá-lo real, para, amanhã, passado o impulso que determinou o sentimento, descobrir que essa realidade não passava de ilusão.

Julguei necessário dar ao drama um impulso latino, convulso e superexcitado, de modo a que As Seis Personagens perdessem o "tom" irreal e romântico de muitas interpretações cênicas anteriores, assim como procurei fazer com que o tom fantástico viesse a constituir prevalentemente uma "realidade fantástica", uma fantasia casual, uma passageira ilusão de fantasia.

Preocupei-me, também, fazer com que as duas personagens principais, o Pai e a Enteada, apresentassem o "estigma", digamos, do italiano, na sua maneira de ser, na sua expressão particular, no gesto e na mímica. Essa maneira de ser que faz dos italianos angustiados advogados de si mesmos, grotescos oradores políticos, desenfreados nos impulsos e no orgulho, entusiastas, generosos e sentimentais, lucidíssimos sofistas e, também, mudos e estatelados contempladores do céu.

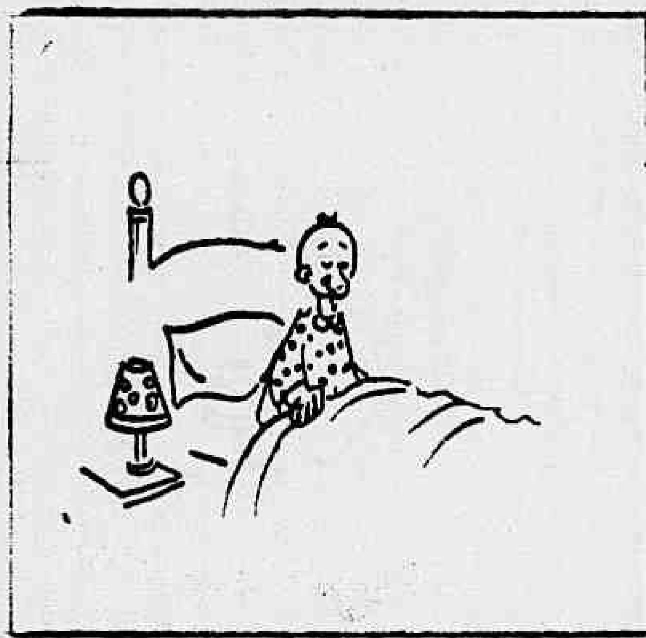
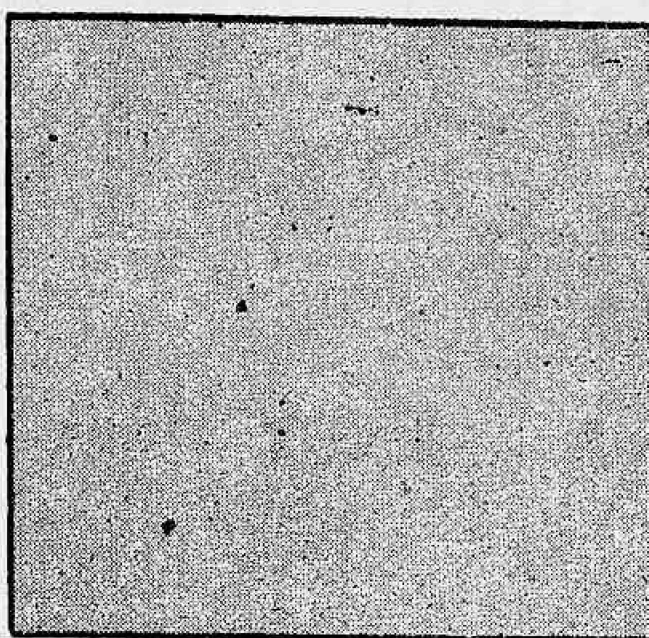
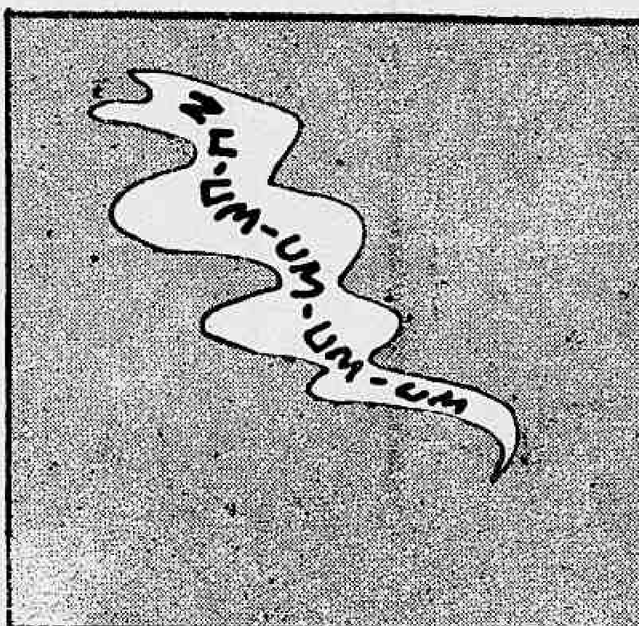
Ficção ou realidade? Teriam mesmo estado ali, no palco, os seis extranhos personagens relatando aquela bizarra história, ou tudo não passaria de um sonho, de um terrível pezadelo? Os artistas despertam, em extase, sem compreender o que ocorreu sôbre aquelas tábuas onde, até então, só êles souberam representar. Mas os seis personagens nunca mais voltarão!

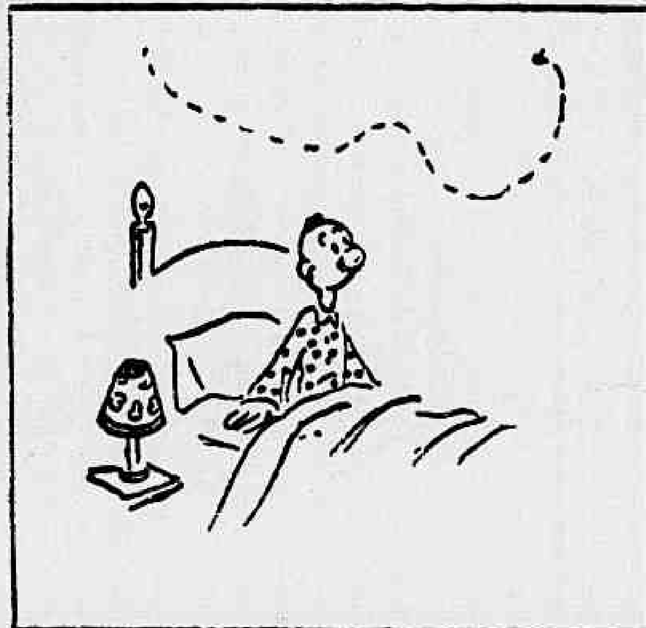
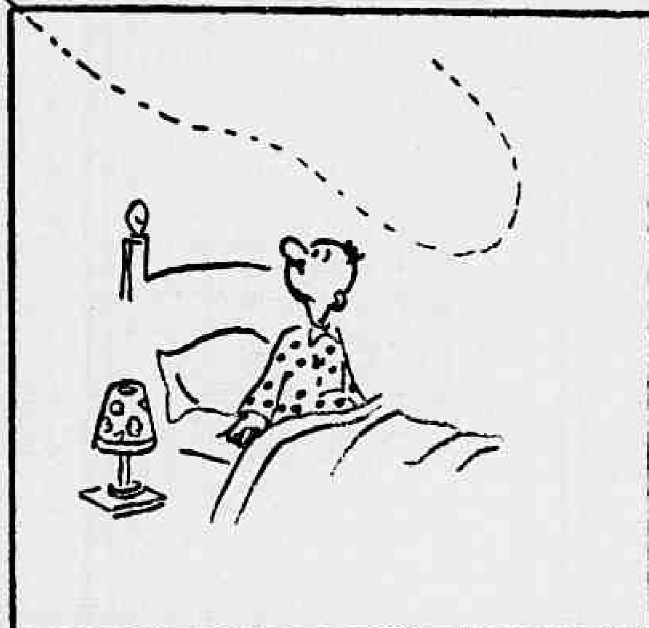


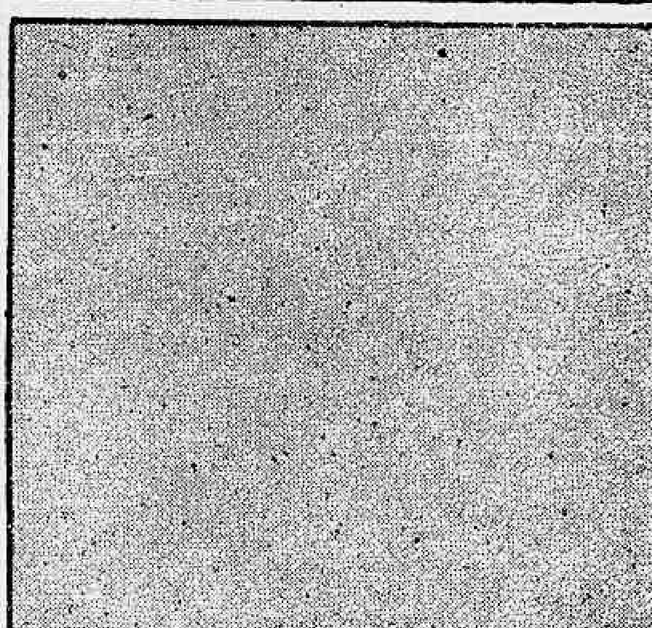
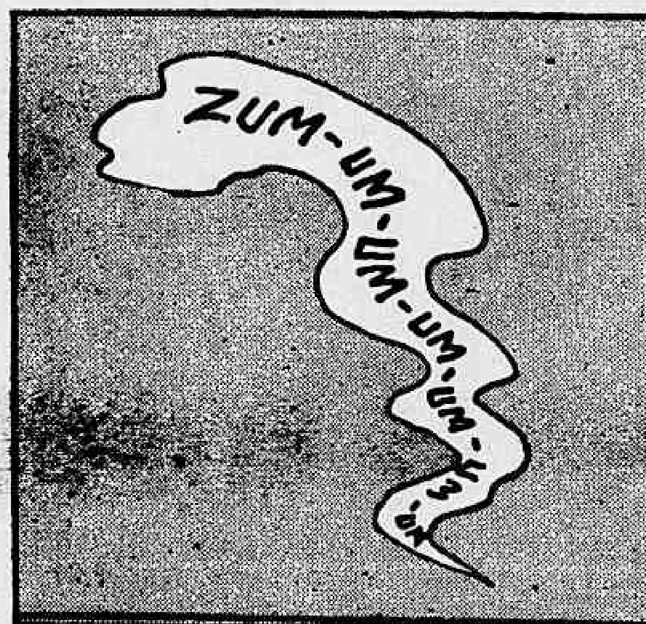
ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

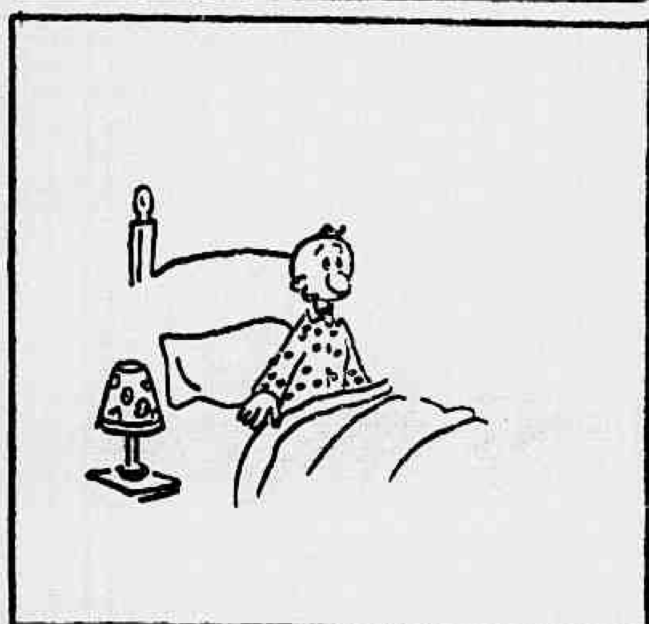
"CHARGE" DE DARCY

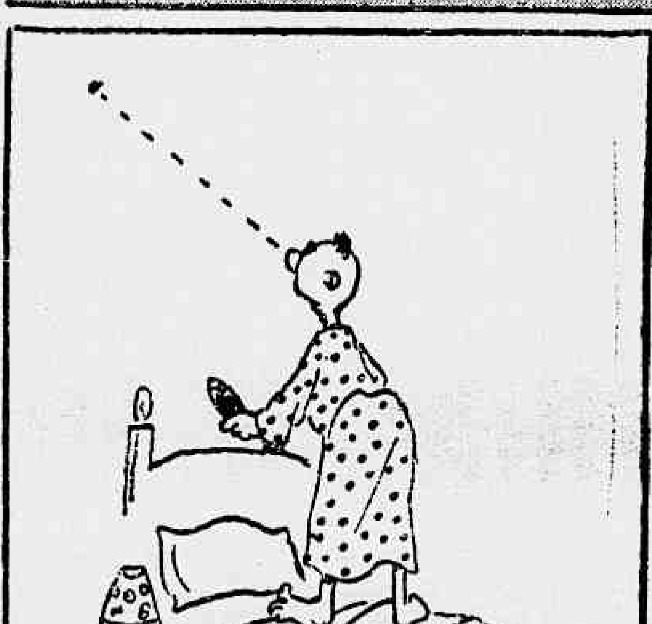
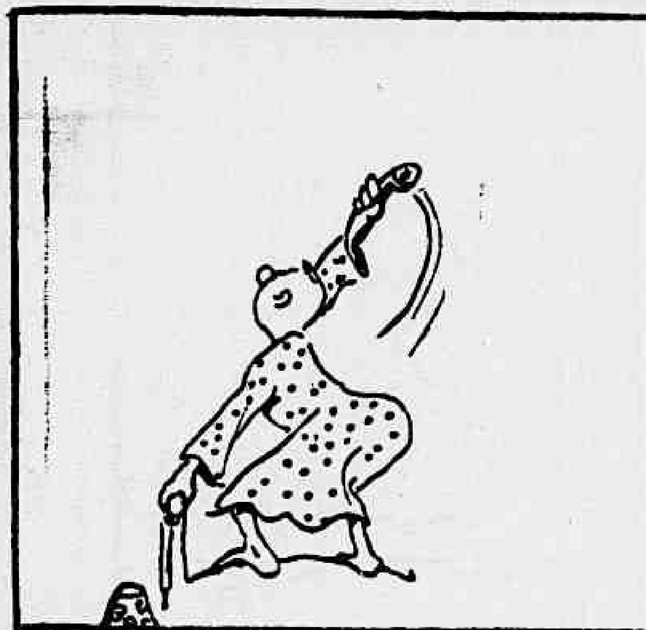
Oh, os pernilongos!

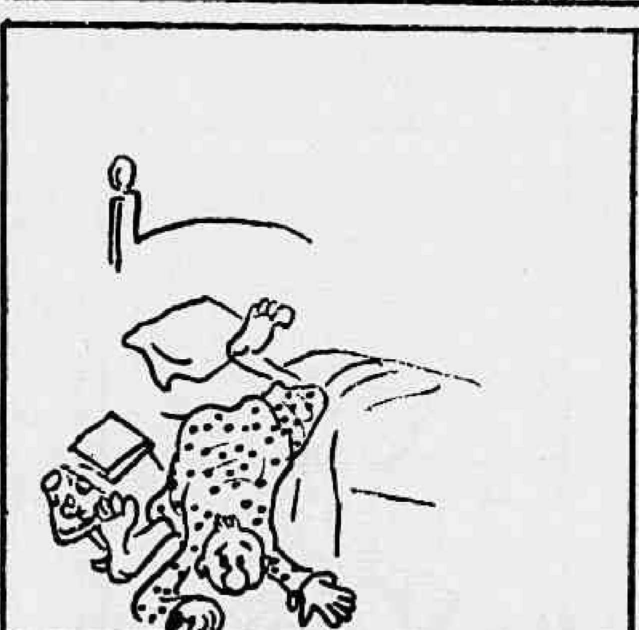




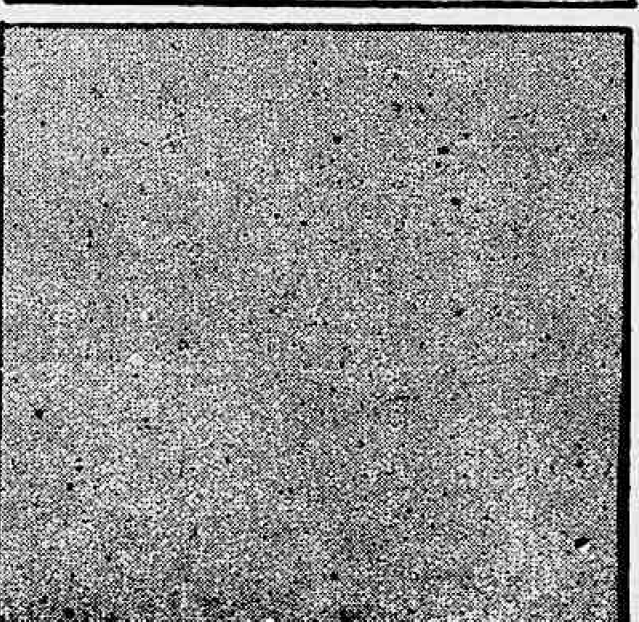










O VEREADOR CARLOS FRIAS NUM "CLOSE-UP" NO SEGUNDO DIA DE FUNÇAO NA CAMARA MUNICIPAL. ELE ESTÁ ATENTO AOS DEBATES.



QUANDO FIZEMOS êste flagrante o popular artista Silvino Neto, que se acha no centro, disse: «o tecnicolor desta foto é de um vermelho vivo com uma mancha no centro». Aludio, assim, o mais votado vereador carioca, ao sr. Elizeu Alves de Oliveira, à esquerda, e ao sr. Aristides Saldanha, à direita. Ambos foram eleitos na chapa do Part. Republicano Trabalhista

TEM BROTINHOS NA CÂMARA

ALVORADA DOS NOVOS COMO SINAL DOS TEMPOS ★ 50 CADEIRAS: 14 VETERANOS E 36 BROTOS ★ UM "RECUERDO" SENTIMENTAL DOS QUE NÃO CONSEGUIRAM SE REELEGER E O ENTUSIASMO SADIO DOS NOVOS VEREADORES ★ PROJETOS EM PROFUSÃO ★ MAGALHÃES JÚNIOR FALANDO POUCO E PRODUZINDO MUITO

Texto e fotos de ABDIAS RODRIGUES

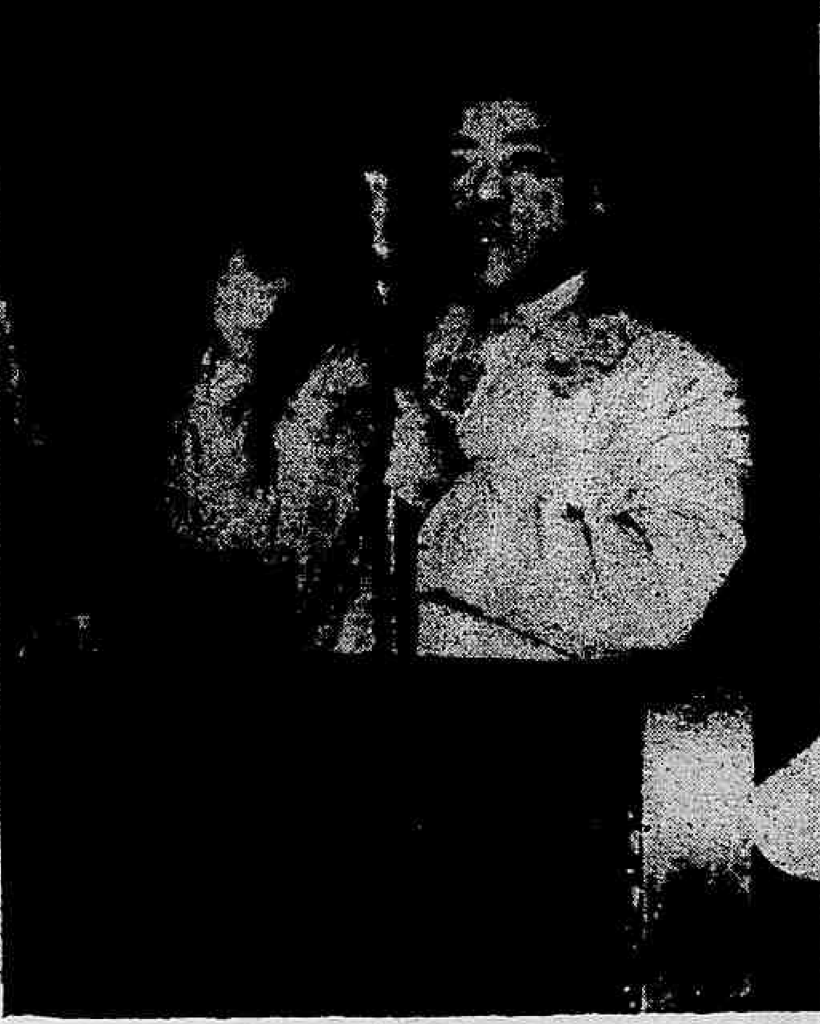
A batalha eleitoral de 3 de outubro veio dar novo colorido à Câmara Municipal do Distrito Federal. Houve muitas desilusões mas também houve muitas esperanças. Vereadores pertencentes a tradicionais famílias de políticos foram derrotados, não conseguindo se reeleger. Entretanto, homens do povo, como o sr. Aristides Saldanha e artistas populares como o sr. Silvino Neto, foram os mais votados, denotando, assim, as preferências do eleitorado como um sinal dos tempos.

A Câmara do Distrito Federal possui 50 cadeiras. No segundo ano do período passado foram cassados os 18 mandatos da bancada comunista. Os remédios políticos usados para o preenchimento das vagas não surtiram efeito e o Legislativo Carioca passou a funcionar com 32 membros. Dêsse número apenas 14 voltaram a ocupar os seus lugares agora no advento getulista. Daí a razão por que se fala tanto em *"alvorada dos novos"* na Câmara Municipal.

Em verdade há um otimismo sadio dominando o recinto daquela casa. Trinta e seis novos vereadores lá estão diàriamente procurando cada qual desincumbir-se dos seus mandatos, servindo assim ao povo, à Municipalidade e ao Brasil. Oxalá êste entusiasmo perdure, não ficando apenas como uma [illegible]







O sr. MAGALHÃES JÚNIOR, logo no início dos trabalhos revelou-se um vereador diligente e operoso, tendo apresentado nos primeiros dias vários ante-projetos de lei, que beneficiam a todos. Nestas fotos o ilustre vereador e notável jornalista aparece em atitudes que bem evidenciam a sua disposição em cumprir fielmente o mandato que lhe outorgaram. No flagrante do centro aparece ainda o perfil de uma das lindas taquígrafas do Legislativo Carioca, quando registrava a oração do sr. Raymundo Magalhães Jr.



Sr. FREDERICO TROTA, um dos Secretários da Câmara, que, embora não tenha tido assento na Câmara no período anterior, não é considerado veterano, nem tampouco brotinho. E' um remanescente...



Sr. MÁRIO MARTINS, «leader» da sua bancada, num flagrante, quando fazia um aparte. Faz parte dos novos valores, ou melhor é membro da «alvorada dos novos», insistentemente apregoada pelo povo.



Sr. EDGARD DE CARVALHO. Foi um dos vereadores muito votados. Incontestàvelmente é um moço de valor. Simples, modesto e amigo dos pobres. A sua eleição, portanto, foi bem merecida.



Sr. MIÉCIMO DA SILVA. Êste é broto em duplo sentido, isto é, na política e na idade, pois é o mais jovem da Câmara, contando apenas 25 anos. Já apresentou dois anteprojetos de lei.



Sr. TELÊMACO GONÇALVES MAIA. E' chamado — «o diplomata da Câmara» — devido ao seu espírito comunicativo e as suas maneiras cavalheirescas. Nesta atitude êle aparece sondando o ambiente.



Sr. MOURÃO FILHO, de óculos, e de perfil, o sr. Rubem Cardoso, primeiro suplente, eleito pelo P.S.D.. Quando estivemos na Câmara o sr. aguardava alguns dias a fim de tomar posse.

quam tenha assento na Câmara do Distrito Federal são os seguintes:

João Luís de Carvalho, Lígia Bastos, Acióli Lins, Alvaro Dias, Barbosa Moreira, Cotrim Neto, Crispim Mauricio da Fonseca, João Machado, José Junqueira, Júlio Catalano, Leite de Castro, Levi Neves, Luís Paes Leme e Sagramor de Scuvero.

Os novos vereadores (já apelidados pelo povo — "os brotinhos da Câmara") são: Gonçalves Maia, Celso Lisboa, Edgard de Carvalho, Frederico Trota, Manoel Blasques, Frain Pedro, Índio do Brasil, Alves de Oliveira, Amandino Carvalho, Aníbal Espinheira, Aristides Saldanha, Carlos Frias, Castro Menezes, Couto de Souza, Gladstone Chaves de Melo, Hiram Dutra, Hugo Ramos Filho, João de Freitas, Lauro Leão, Machado Costa, Magalhães Júnior, Mário Martins, Mário Piragibe, Miécimo da Silva, Mourão Filho, Osmar Lopes Rezende, Antenor Marques, Pascoal Carlos Magno, Paulo George, Rafael Quintanilha, Roberto Gonçalves Lima, Salomão Filho, Silvino Neto, Soares Sampaio e Venerando da Graça.

Entre os veteranos que não conseguiram se reeleger estão Ari Barroso, Tito Livio, Geraldo Moreira, Caldeira Alvarenga, Bento Braga, Gustavo Martins, Mercedes Dantas, Nilo Romero, Jorge de Lima e Eduardo Bartlett James. Todavia, outros progrediram, como o sr. Breno da Silveira, tornando-se agora deputados. Contudo, convenhamos, na política há muita incongruência. Ora o povo erra o alvo, ora não sabe separar o joio do trigo. E' o caso, por exemplo, da proscrição de Ari Barroso. Em verdade, êle honrou o mandato que lhe outorgaram. Apresentou muitos projetos de lei que beneficiaram o povo e, em particular, a classe artistica em geral. Enfim, foi operoso, diligente, vigilante. E, no entanto, não foi reeleito.

Com o sr. Bartlett James deu-se o mesmo. A propósito, lembramo-nos de um dos seus vibrantes discursos, quando fôra primeiro secretário da Câmara:

"Sr. Presidente:

Dirigindo nosso pensamento para os poucos anos de atividade desta Assembléia — para a época do seu ressurgimento e da sua restauração, como imperativo da nossa formação democrática, consagrada pela Constituição Federal — vamos constatar, num exame sereno, baseado em dados objetivos, o quanto se tem realizado, e mais do que isto, o muito que se deve esperar daqueles que, escolhidos num pleito livre, aqui se encontram, honrando a confiança pública.

Antes, porém, não posso deixar de, em justa homenagem aos que idealizaram, sonharam e lutaram pela democracia, ter a coragem de dizer que o que ai se encontra representado pelas Câmaras que se espalham por todo o País, pelo que se prega aos quatro cantos da Pátria, pela forma criminosa de se usar a Constituição — tudo isto, é conseqüência do drama da improvisação democrática.

E' difícil instituir-se um regime. E' muito mais difícil consolidá-lo. Para a sua instituição vêm os sonhos, as esperanças e a fé. Para a sua consolidação é preciso vencer-se os erros, as fraquezas, as imperfeições que deformam ou desfiguram a imagem criada no idealismo construtor e arrebatador. Vencida a fase do regime passado, aberta a porta da estrada nova, só há um meio de se vencer, civilizando, aperfeiçoando e progredindo.

A verdade, que a covardia ou a ignorância não podem esconder, é que a democracia que instauramos há pouco pela deformação que vem sofrendo, pelos erros que se cometem em seu nome, está criando um abismo na montanha, que cresce formada de desilusões e decepções.

Minha homenagem neste momento à democracia, está em reconhecer as falhas dos responsáveis pela sua defesa. E dizer ao povo que é o seu sustentáculo, a base da sua sobrevivência, que a êle confiamos, mais do que nunca, o regime em que êle pode viver com altivez, respeito próprio e consciência da sua alta dignidade.

Dizem que as Câmaras atuais não prestam, não correspondem aos anseios do povo. Afirmo com plena noção de responsabilidade: se estamos mal com as Câmaras existentes, de fato inferiores às passadas, pior estaremos sem elas. Porque o Parlamento ainda é a trincheira que grita contra a supressão da liberdade, contra a violência, contra o roubo, contra todo crime que se pratica contra a coletividade. A arma do povo está no processo de renovação parlamentar. E' através dêle que poderemos obter a correção dos erros, a elevação de propósitos, o estabelecimento de uma base de confiança pública, sem o que não sobreviverá a democracia brasileira."

O sr. Bartlett James foi sempre um bom orador. Mas não passava disso, diziam muitos. E... os tempos mudaram... ao povo já não basta discursos bombásticos. E parece que os novos estão compreendendo isso. Haja vista que o sr. Magalhães Júnior vem procurando falar pouco e produzir muito. Logo nos primeiros dias de trabalhos apresentou à Câmara vários anteprojetos de lei, destacando-se o que diz respeito à desapropriação do Teatro Fênix, assim redigido:

Artigo 1º — Fica o sr. Prefeito do Distrito Federal autorizado a nomear uma comissão para avaliar o Teatro Fênix, sito à avenida Almirante Barroso, para efeito de desapropriação por utilidade pública, nos têrmos dos artigos 4, letra C, e 25, parágrafo 1º, nº vi, da Lei Orgânica do Distrito Federal.

Art. 2º — A Comissão de avaliação deverá levar em conta o baixo custo do terreno, adquirido a vinculo, à Fazenda Nacional por Eduardo Passalin Guinle, nos têrmos da escritura lavrada no dia 14 de novembro de 1906, no Cartório do 3º Ofício de Notas do Distrito Federal, e deduzido rigorosamente do justo o montante dos gastos feitos pela Prefeitura do Distrito Federal com a remodelação do referido teatro na gestão do prefeito Henrique Dodsworth.



Sr. ARY BARROSO, um dos bons vereadores no período legislativo passado, que não logrou ser eleito agora, em visita aos novos membros da Câmara. O povo muita vez erra e pratica incongruências.



PROBLEMAS importantes têm sido debatidos na Câmara do Distrito Federal. E durante os debates muitos perdem a transmontana. Êste nobre vereador, no entanto, mantem-se sempre sereno e confiante.

Art. 3º — Procediad a avaliação, na forma do art. 2º, o Prefeito do Distrito Federal comunicará o parecer da Comissão a esta Câmara, para a abertura do crédito respectivo.

Art. 4º — Revogam-se as disposições em contrário."

★

O sr. Moura Filho apresentou à Câmara no primeiro dia de sessão ordinária um requerimento sôbre a urbanização da Praia de Ramos no local onde se encontra o Balneário a fim de que a população possa usufruir dos benefícios daquele melhoramento, o que não acontece por dificuldade de acesso. Apresentou ainda um anteprojeto sôbre os técnicos de educação da Prefeitura para melhor assistência e orientação ao ensino primário e outro para matrículas dos alunos pobres, excedentes das Escolas Públicas, em principais estabelecimentos de ensino mantidos por particulares.

Referentemente ao problema educacional, o sr. Miécimo da Silva apresentou um anteprojeto que especifica que os técnicos serão escolhidos entre professôres que tenham feito o Curso de Administração Escolar, no Instituto de Educação. Como preliminar justificativa ao seu projeto o jovem vereador faz o seguinte relato:

— "Considerando que à maioria de técnicos de Educação da Prefeitura do Distrito Federal nenhum título de especialização foi exigido para o cargo que ocupam ou para as funções que desempenham;

— Considerando que o Curso de Administração Escolar, ministrado no Instituto de Educação se destina a professôres diplomados por aquêle estabelecimento;

— Considerando que o referido Curso se compõe de 18 matérias da mais alta relevância para o exercício de magistério primário, em qualquer das suas especializações ou modalidades;

— Considerando que os regulamentos dêsse referido curso, desde o baixado em 1946 — e principalmente êste, que o criou — preceitua que a finalidade do mesmo é "habilitar diretores de escola, orientadores de ensino, inspetores escolares e auxiliares da administração escolar";

— Considerando, ainda, que o ensino particular exige uma orientação pedagógica competente, rígida e uniforme, em obediência à legislação que possibilita e rege a existência do mesmo;

A Câmara Municipal resolve:

Art. 1º — Os técnicos de educação serão em número de um para cada cinco escolas em funcionamento, sujeitas à fiscalização dos mesmos.

Parágrafo Único — O preenchimento das vagas com a ampliação do quadro a que se refere êste artigo, será feito com os professôres titulados na primeira turma do Curso de Administração Escolar, diplomada em 1950.

Art. 2º — As vagas que ocorrerem no quadro de técnicos de educação serão preenchidas por concurso de títulos entre os professôres que tenham feito o Curso de Administração, do Instituto de Educação.

Art. 3º — Fica o Prefeito autorizado a abrir os necessários créditos, destinados ao cumprimento da presente lei.

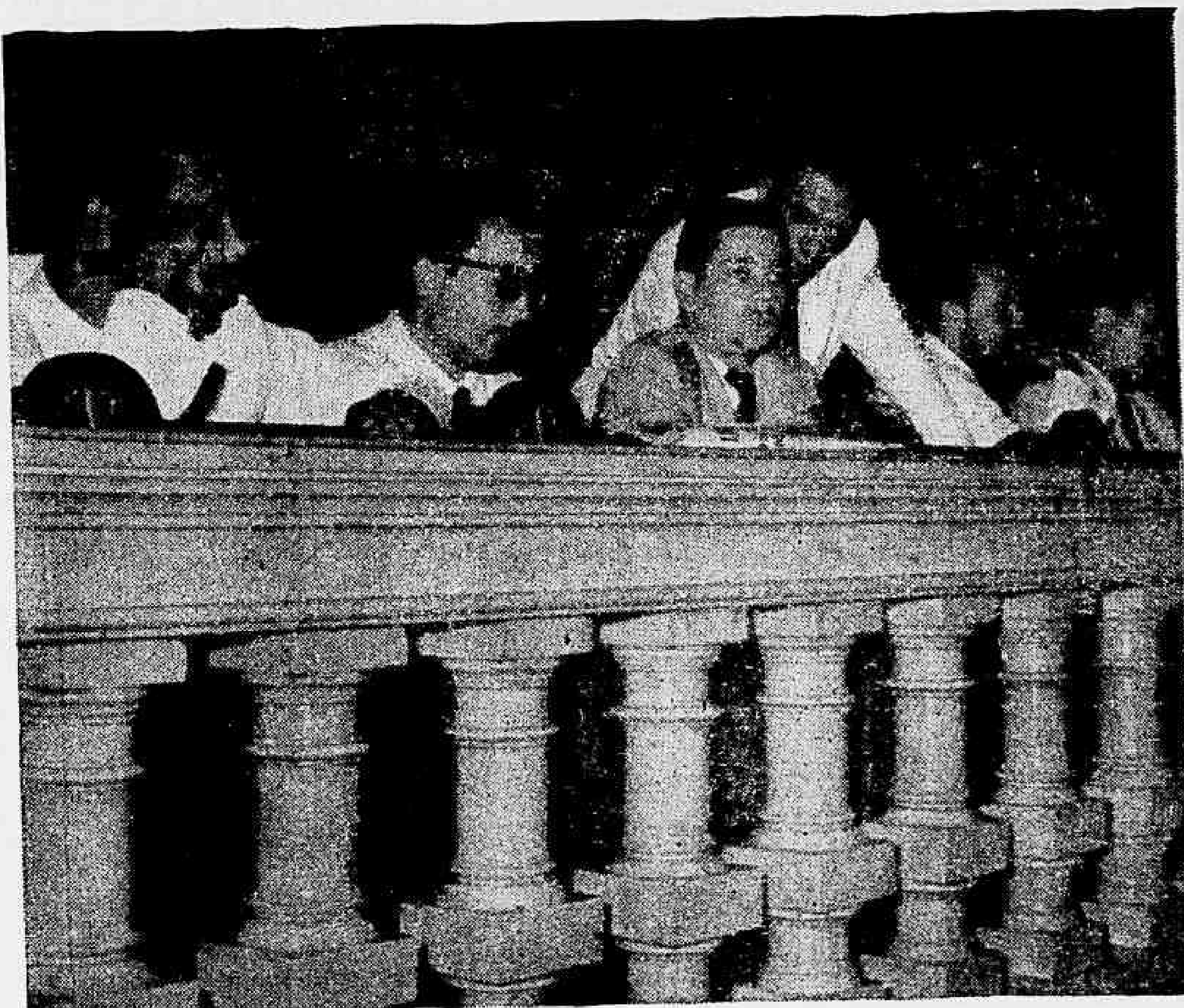
Art. 4º — Revogam-se as disposições em contrário."

★

Muitos outros projetos têm sido apresentados. Outros ainda estão sendo estudados. Silvino Neto, Pascoal Carlos Magno, Edgard de Carvalho e Carlos Frias, estão elaborando vários projetos de lei, cujo teor ainda é segrêdo, disseram.



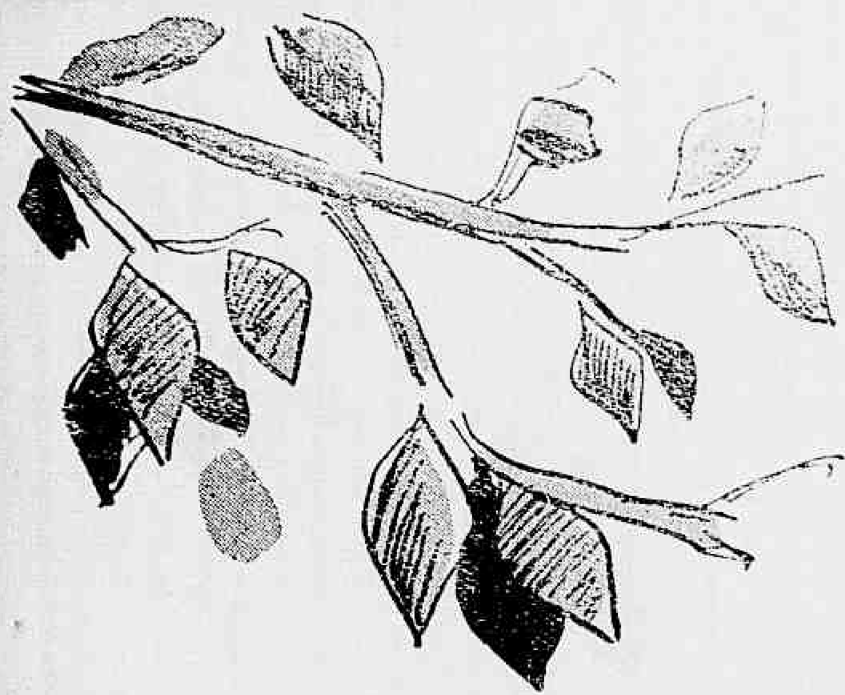
Sr. PASCOAL CARLOS MAGNO. E' o eleito da classe teatral. Por enquanto ainda não apresentou nenhum projeto de lei, mas promete para breve muita surprêsa. Está trabalhando muito.

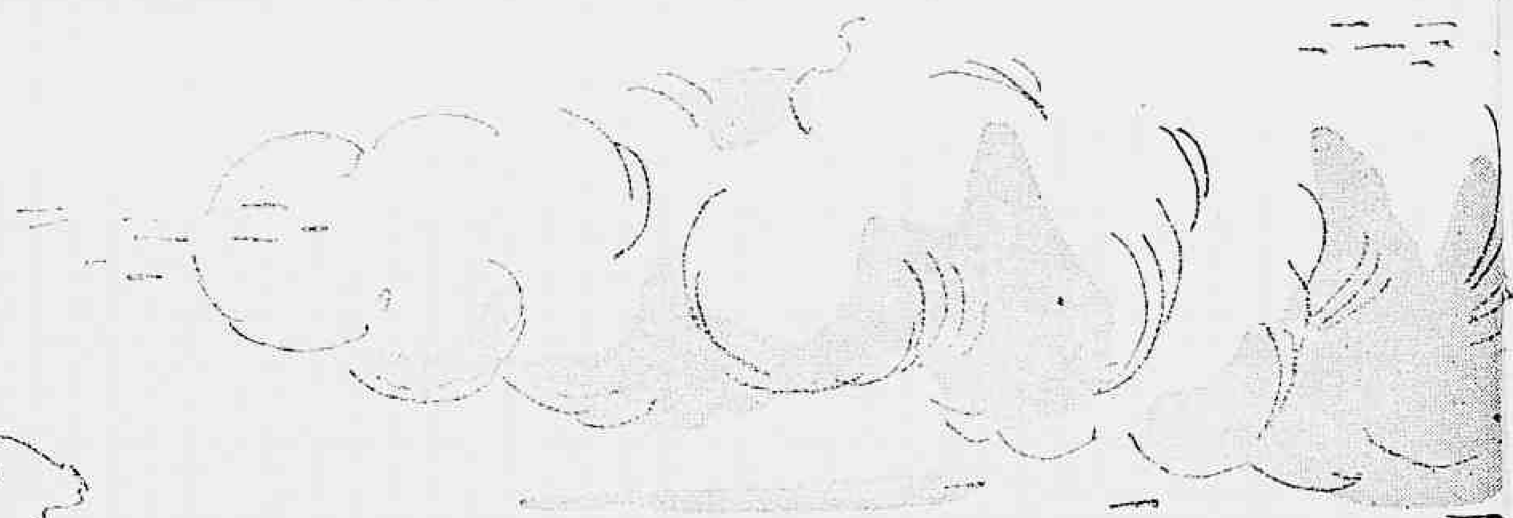


A TURMA DA TARIMBA. A bancada da imprensa carioca credenciada na Câmara Municipal. Da esquerda para a direita, de óculos, Manoel Egidio dos Santos, Walter Vieira e José Brandão Pacifico e outros.



FINALMENTE TRÊS dos novos vereadores, vendo-se o sr. Raphael Quintanilha sentado com outros da sua bancada e em pé novamente o sr. Telêmaco Gonçalves Maia — o «gentleman e diplomata».







PIÁ

CONTO **DE GUIDO W. SASSI**

ILUSTRAÇÃO DE **M. QUEIROZ**

PELA estrada, pela estrada erma e ensolarada segue o piá. Piá, sòmente piá. Não tem nome, não tem personalidade, não tem vida própria, não tem nada de seu. E' traste, é coisa, não é ninguém, não é nada. E' cria da casa, cão sem dono, pegado por caridade, para ser criado sob o jugo dos favores recebidos e dos maus tratos. Ganha os ensinamentos e a ração magra de permeio com os desaforos, as impertinências, os tabefes, os relhaços, os estrepes, os coices das mulas chucras, as patadas das vacas bravas, os bichos-de-pé, a sarna, a chuva, o vento, o frio, o catre imundo, a roupa rôta, a despersonalização, a perda da vontade, a falta da liberdade e a vida inútil... que não é dêle... Dez anos raquiticos escarranchados sôbre égua velha, lerda, manca, estropiada, zarolha, selada, lazarenta — infância triste montada em velhice sofredora.

Sol parado, mormaço, quietação. Nenhum movimento na paisagem morta. Nenhuma aragem a mexer com os ramos dos arbustos. Nenhum passante pela estrada erma e ensolarada — apenas o menino e a égua. Até aquela vaca, ruminando junto ao sopé do morro, tem a rigidez e a imobilidade duma estátua. De vivo, de vivo mesmo, sòmente o sol. Não há nenhum oásis de sombra no deserto imenso. Nada mais, além da claridade cansativa e do calor de forno. Nada mesmo, a não ser o sol, o sol, o sol.

O sol carrasco, a estorricar as fôlhas das árvores, a esquentar as águas das lagoas, a escaldar o solo, a cair de chapa na cabeça dos andantes, fazendo as gôtas de suor escorrer abundantes pelos corpos cansados, queimando braços e pernas, amolecendo os ânimos. Sol de verão, de sêca brava. Paisagem de deserto. A quebrar a monotonia e o silêncio, apenas o trotar da égua, no seu tranco lerdo, e o vulto do menino, quieto e mudo, imerso nas complicações que lhe apoquentam a vida.

★

Pela primeira vez lhe haviam dado uma quantia grande, encarregando-o de ir à vila fazer compras. Entregaram-lhe a nota, depois de mil recomendações, bem desdobradinha, para que êle visse de quanto era:

— Não vá perder, hein! São cinqüenta mil réis, viu? Cinqüenta! Guarde bem! Vá depressa! Nada de ficar brincando pelo caminho. São cinco metros de brim, duas dúzias de botões de ceroula e mais um carretel de linha branca. Peça a nota p'r'o dono da venda e traga o trôco direitinho. Veja lá, hein! Nada de perder o dinheiro, a encomenda ou o trôco. Vá ligeiro!

E puseram-lhe a cédula no bolsinho do casaco, e fizeram-lhe mais algumas recomendações, recomendações que traziam, na sua insistência, um mundo de ameaças veladas.

Montou. Seguiu pelos campos até alcançar a porteira que dava para a estrada. Sempre assim, a tratar dos interêsses dos outros, pageando os filhos do dono da casa e apanhando se êles faziam traquinadas; levando ao pasto os cavalos e vacas dos outros, a cuidar da casa dos outros, quando os patrões saíam, com a missão de vigiar por tudo, cuidar de tudo; dar trato às criações, trazer o fogo sempre aceso, não deixar entrar gente estranha, não arredar o pé do pôsto; sempre a fazer compras para os outros, a viver exclusivamente para os outros — sempre assim, sempre assim. Só cuidar e zelar do que é dos outros, sem ter nada de seu, sem ser dono de nada — nem do corpinho fraco, nem da vontade exigua. Dono de coisa nenhuma, sem mesmo ter um nome de seu. P'ra que nome? Coisinha à-toa, traste — piá. P'ra que outro nome? Êle tivera um nome, sim, mas tiraram-lho por achar que nem isso êle merecia. Não ter nome é não ser nada, é o mesmo que não existir, é perder o prestigio, o valor, é perder tudo. E mesmo, p'ra que nome? Piá é o bastante — não cansa a lingua, não gasta saliva, economiza tempo, não desperdiça a memória...

Piá. Piá é coisa sem dono, de quem todo o mundo é dono. Todos o mandam, só êle não manda a ninguém. Faz-tudo indispensável, peça decorativa de tôdas as fazendas... mas sem valor algum. Se alguém precisa disto ou daquilo, de coisinha fútil, ninharia, ou mesmo de algo mais importante, lá vem o alvitre:

— Piá vai... Piá faz...

Sim, piá faz tudo. Piá varre os terreiros, enxuga a louça, cuida das crianças. Piá faz fogo de manhã cedo e sai, com a geada branquejando, quase nuzinho, a procurar reses perdidas. Piá serve para escorar as zangas do amo, aparar-lhe as bordoadas, suportar-lhe o mau-humor, agüentar-lhe as caturrices e impertinências. Piá sofre as judiarias dos fedelhos mandões, e é testa de ferro para receber os castigos pelas suas diabruras. Piá é a capa que esconde os roubos das criadas e os desmazelos dos peões, pois, sôbre êle recaem a responsabilidade e a autoria de todos os maus serviços que aparecem. Piá é coisa serviçal e necessária. Piá faz tudo... e, entretanto... não serve para nada.

Logo ao passar a porteira tirou o dinheiro do bôlso. Mirou a nota. Remirou-a. Inveja? Desejo de possuir também dinheiro seu? Não, tal pensamento não lhe passa pelos miolos. Era tão direito êle não ter nada que a ambição não poderia ser alojada em sua cabeça. Os outros tinham os seus pertences, êle não, não tinha nada. Era a primeira vez que o encarregavam de levar uma quantia tão grande. Cinqüenta mil réis. Se perdesse... — nem era bom pensar, porque o castigo seria tremendo. Por qualquer futilidade, lá vinha o puxão de orelha, o coice, o pentapé, o beliscão, quanto mais se perdesse aquela importância, quanto mais...

Amarfanhou a nota entre os dedos, segurando-a com firmeza e botou a égua no trote, ansioso por se desfazer do tesouro alheio, por se livrar da incumbência.

★

Monótono ressoar de cascos pela estrada empoeirada. Preguiça, modorra, sonolência, cochilo. Olhou de súbito para a mão, a ver se a nota ainda lá estava. Estava, sim. La estava ela, firmemente segura entre os dedos molhados de suor.

Sol velhaco, matreiro, insidioso, pondo moleza no corpo dos viventes, instilando-lhes preguiça nas veias. Corpo mole, quebrado, chocalhado pelo andar da égua velha, escorrendo suor, castigado pela soalheira inclemente. Lingua sêca, saliva grossa, suor, sêde. Aborrecimento, monotonia, distração. Lombeira, lombeira infinda.

De repente. Sim, foi num repente — quando se lembrou da nota, ela já não estava mais apertadinha na sua mão. Não estava? Não estava mesmo. O coração deu um pinote louco. Parou assustado, sofreando a andadura do animal. Despertou de súbito da semi-inconsciência em que mergulhara. Como fôra aquilo? Não sabia. Havia dormido? Não; distraira-se um pouco, era verdade, esquecera-se do dinheiro, e, quando o procurou...

Desandou o caminho andado, perquirindo a terra, com olhares ávidos. Apeava-se, às

(Cont. na pág. 45)

CRIANÇAS DA RUA

TÔDA GENTE SABE DE CASOS TRISTES SÔBRE MENORES ABANDONADOS ★ O ENCONTRO COM ÊLES É DIÁRIO ★ O MAL PARECE SEM REMÉDIO

Texto de **DANIEL CAETANO**
Fotos de **WALTER MORGADO**



AS CRIANÇAS POBRES, mas tendo alguém a olhar por seus dias, mostram logo a diferença que existe entre elas e as outras, as que não têm na verdade ninguém interessado nas suas dificuldades e ambições.

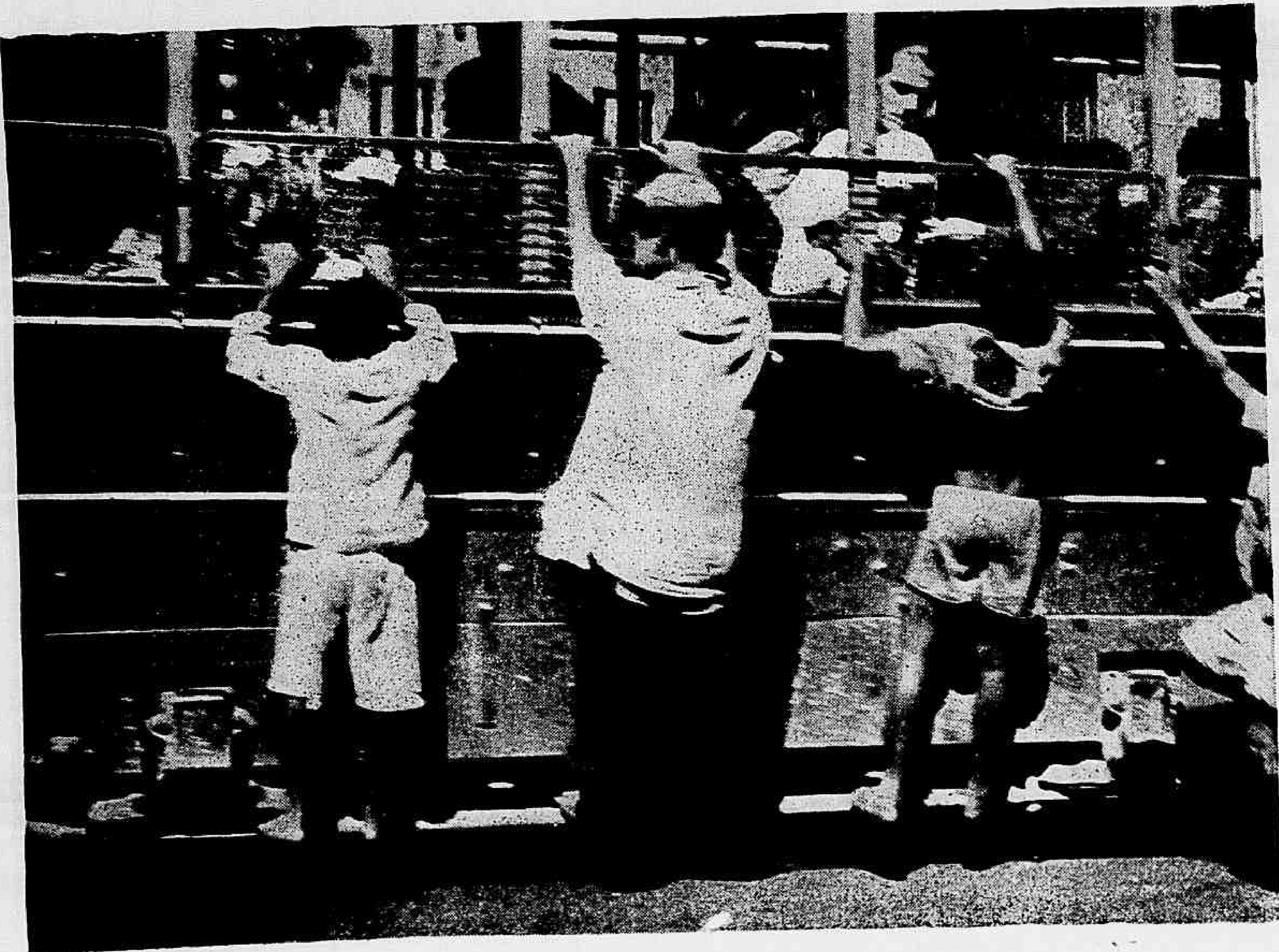
O Rio tem — sempre teve — êsses meninos soltos na rua, da manhã à noite, abandonados ou mais ou menos assim, e é de alguns casos que pretendo falar. Vi, outro dia, três garotos dando o que fazer à policia na rua da Carioca. Quando o empregado de certa casa de frutas atendia a uma senhora, o mais velho dos três procurou furtar uma lata de leite condensado, mas não teve sorte. O gerente viu lá de dentro. Aos gritos de pega êsse moleque, o homem avançou para o grupo que não se poderia chamar de ladrões, sem enorme exagêro. Houve naturalmente razoável mal-entendido. Tôda gente comprando coisas na hora se assustou. E' que o gerente se mostrava nervoso demais com o negrinho prêso pelo braço, a chorar. Veio o dono da casa e falou em policia, o que não mereceu, por parte de algumas pessoas, nenhum assentimento. Quando afinal alguém procurou ouvir o menino, em meio de soluços, êle explicou seus motivos. Tudo o que pretendia era beber um pouco de leite condensado. Uma senhora passou a mão enluvada na carapinha do garôto e com voz enternecida lhe prometeu comprar muitas latas. Alguém achou então que o menino devia ser imediatamente sôlto. A esta voz outras se juntaram. Mas o gerente tinha opinião formada em sentido contrário, e foi



O MENINO ESQUECIDO procura defender de qualquer maneira o indispensável para transferir muitas vêzes, a fome de um dia para o outro. O negócio que parece a qualquer menino abandonado mais em condições de atender às suas necessidades imediatas é pôr na esquina movimentada uma caixa de engraxar sapatos.



NESSES BAIRROS POBRES é comum a existência de crianças que olham tôdas as coisas com ar assustado. Os meninos pendurados nos bondes — uma cena de todos os dias e de tôdas as cidades, como se sabe.



CRIANÇAS DA RUA



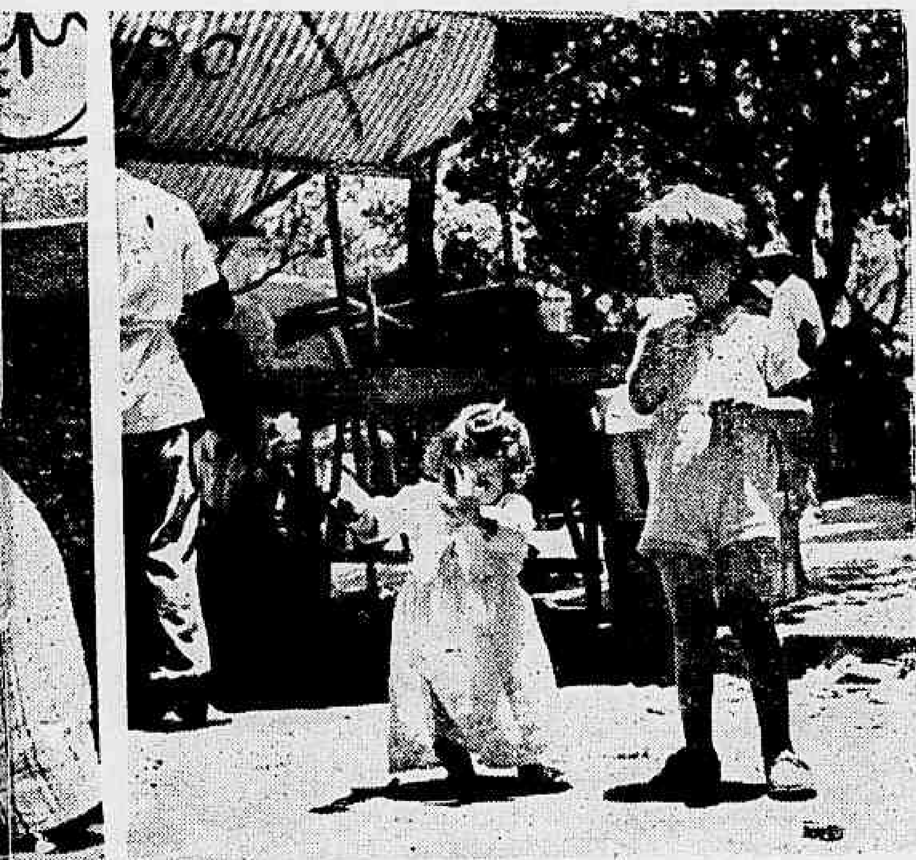
O JÔGO DA «mão fechada» inicia muito filho de f
nas rodas de meninos já familiarizados com um
pouco recomendável.

logo dizendo que não o soltaria enquanto a polic
chegasse. Houve protestos. Um senhor carregado c
brulhos ficou meio violento e ninguém teve dúvidas
de suas intenções, quando jogou os pacotes que se
em cima de uma caixa de maçãs. Vendo que se a
não chegasse logo ia acabar mal, o dono da casa c
a amolecer e pareceu a todos que resolvera afinal
o garôto ir embora.

Mas nisto uma pedra entrou pela casa a dentro e
rebentar na prateleira do estabelecimento três garr
vinho fino. Com aquilo, o pequeno agrupamento de
àquela altura já formado, espalhou-se em meio c

A VIDA SEM MAIORES obrigações e necessidade
donados. Êles passam os dias b





...mília
...nvida

UMA CRIANÇA bem cuidada traz sempre à lembrança a existência das outras, as que são postas à margem.

...c não
...cem-
...s êrca
...erava
...licia
...ceçou
...lixar

...e ar-
...rs de
...poas,
...derto

espalhafato, do que se aproveitou para fugir o negrinho até ali prisioneiro. Num segundo tôda gente compreendeu que a pedra fôra atirada por um dos dois outros, pois dos três apenas um fôra prêso. Nesta ocasião a Rádio Patrulha chegou, um tanto afobada, querendo saber o que havia. O dono da casa, quando viu a polícia e o estrago na prateleira, ficou mais corajoso e disse umas coisas aos presentes de todo desnecessárias. Repetia, entretanto, de maneira convincente, forte argumento contra os que, momentos antes, estavam a favor do crioulinho. O fato é que os meninos eram seus conhecidos, e, conforme tivera ocasião de explicar mais calmo, já estava cansado de dar corridas naqueles três, como em tantos outros.

...e explicar nada a ninguém, caracteriza a vida dos menores aban-
...beando e inventam uma porção de tropelias.





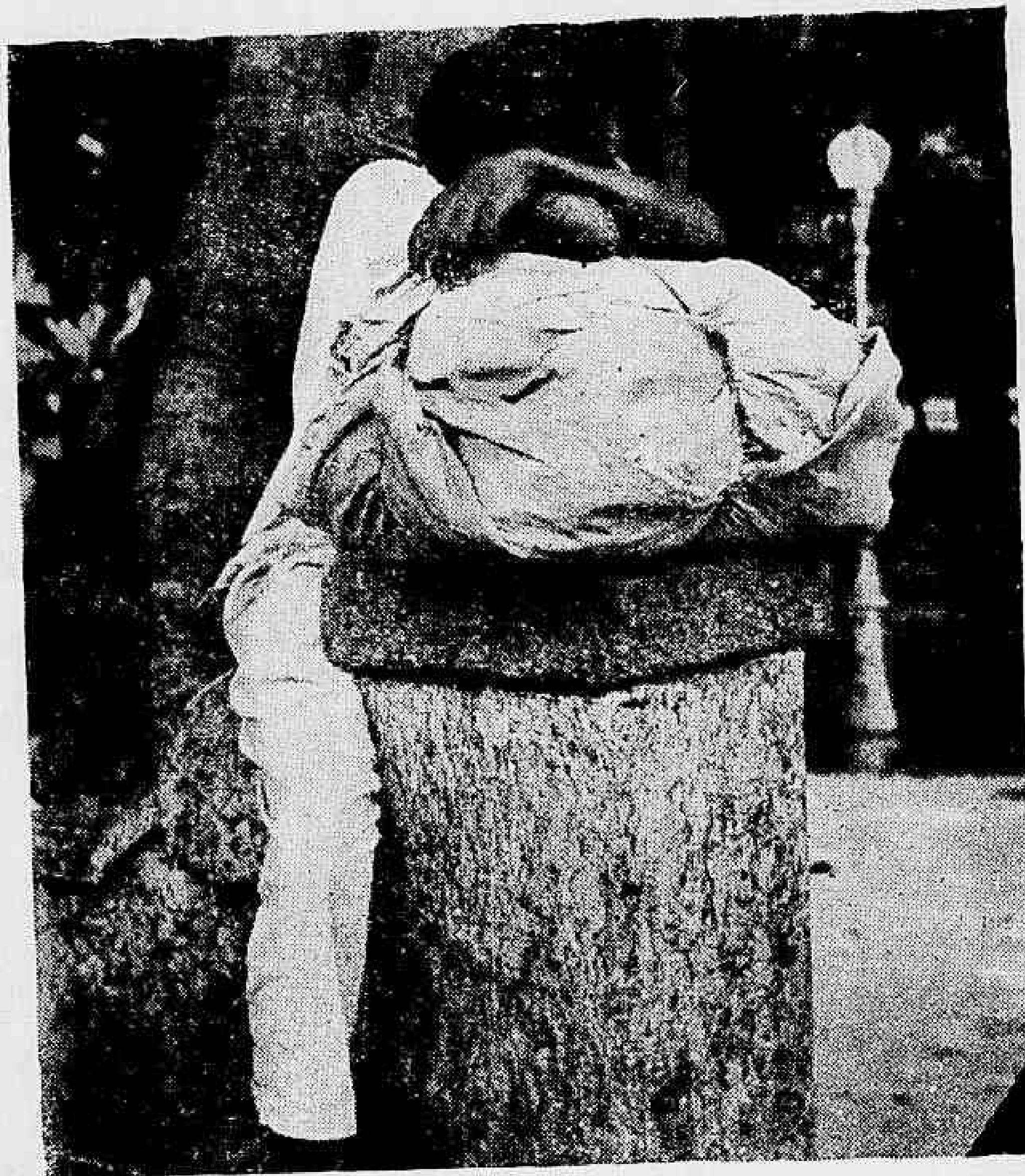
A MÃE DESTA CRIANÇA é uma pedinte e a deixou num canto enquanto estendia a mão aos que passavam. Êste menino procura no fim de uma feira alguma coisa para comer, o que às vêzes não chega a encontrar.



ESTAS CRIANÇAS, num dos pontos mais centrais do Rio, ganharam uma bôlsa de compras — feijão, arroz, etc.



ÊSTES DOIS BEBÊS são gêmeos e prendem a atenção de todo o mundo, porque os pais dêles moram na rua.



O FILHO da lavadeira, que sai todos os dias com o embrulho de roupas, escapa dêste modo às más companhias.

OUTRO CASO

Não foi sem motivo que puxei conversa com um menino, de seus doze anos, que fica na porta do cinema Rian, pelo menos na sessão das dez de todos os dias, a pedir dinheiro com voz muito meiga. Certa vez não dei: êle me olhou com raiva. Foi por isso que no outro dia prometi-lhe um tanto se me contasse sua história.

Êle é branco. Como perambulava pelas ruas próximas à praia está queimado do sol. Trata-se de um menino simpático, dêsses que a gente olha e não acredita seja mau. Acontece que é, nem pode deixar de ser, pois dentro dêle estão lembranças tristes. Onofre — êste é o seu nome — me contou que nasceu na favela do Leme e lá se criou. Quando tinha sete anos, viu um homem matar seu pai, com duas facadas, na ocasião em que jogavam baralho debaixo de uma arvore, no alto do morro. Está muito lembrado de tudo, pois não se esqueceu até de três velas em cima de fôlhas de jornal, para iluminar a mesa de jôgo, e que logo se apagaram ao ter inicio a briga, o que evidentemente é um detalhe. Falou-me da irmã mais velha, que se tornara mulher à-toa, logo depois da morte do pai. Disse ainda que a outra irmã foi logo em seguida morar com a primeira. Pedi então que falasse de si, pois gostaria eu de saber como vive agora. Achou então de dizer que durante o dia, por ocasião da feira, se oferece às senhoras para carregar bôlsas e embrulhos, com o que vai ganhando gorgetas. Mas confessou que se fôsse viver apenas dos poucos centavos que lhe dão as madames estava mal. Perguntei então como se arranjava. Roubo — respondeu sêcamente. De que maneira? — indaguei. Quando uma dessas mulheres encontra pessoas conhecidas — disse Onofre — quase sempre me dão a bôlsa menor para segurar também. Dentro desta é que está a bolsinha com dinheiro. Ponho então a bôlsa maior perto de mim no chão e fico segurando a menor contra o peito. Às vêzes há muita gente na feira e nem preciso virar-me de costas para abrir a bolsinha e encher a mão com algumas notas. Perguntei se nunca fôra surpreendido. Disse que não, mas



A FEIRA É O LOCAL mais indicado para a gente pobre e cheia de filhos estar na hora de os barraqueiros fecharem o negócio. Muitas vêzes sobram coisas que não podem ser guardadas para o dia seguinte, o que a preço mais barato ou mesmo de graça é possível conseguir sem maiores dificuldades.

uma vez faltou pouco: "A mulher ficou desconfiada, apanhou a bôlsa e me mandou embora".

Pretendi saber de suas relações com um garôto da mesma idade que passou por nós olhando para êle de esguelha. Já os vi juntos e sei que são companheiros, mas não deram o mais leve sinal de intimidade. Onofre então me garantiu que o outro tem inveja dêle porque não conta com amizades boas, como êle, Onofre. Procurando saber a que chama êle de amizades boas, tomei conhecimento de que, para o rival de Onofre, eu sou, por exemplo, uma pessoa com quem êle gostaria de também conversar. Mas no dizer de Onofre o outro não tem... conversa, motivo pelo qual se dá com vagabundos e ladrões (!). Estava na hora de começar a sessão do Rian, e êle foi ver se arranjava alguma coisa na entrada.

MAIS OUTRO CASO

Um jornaleiro me contou que no outro dia, quando êle tentava afastar a banca de jornais de frente virada para a parede de certo açougue, tomou um susto. Três garotos dormiam bem encolhidos nas prateleiras e mal foram descobertos saíram correndo, a esfregar os olhos, tontos de sono. Um dêles na fuga tropeçou e caiu, o que tornou possível ao jornaleiro ficar sabendo isto: os três são irmãos. Como se trata de um homem muito bom, levantou o pequeno e cheio de pena quis saber alguma coisa a respeito dêles. Os outros se aproximaram depois. Tomaram média com pão num botequim perto, enquanto iam contando a história de sempre. O pai morrera deixando mulher com filhos, mas não demorou muito para que a mulher morresse também deixando os filhos por aí. A existência de crianças assim na rua é comum à noite. Só não vê quem não anda na rua depois de certa hora.

(Cont. na pág. 42)



MENINOS da mesma rua que procuram entender alguma coisa para a idade dêles, talvez difícil.



O PEQUENO ENGRAXATE pode ter sorte e fazer boa freguezia, principalmente quando é risonho como êste.

AS FÉRIAS DE POLICARPO



NOVELA DE CARLINDO SERQUEIRA

ILUSTRAÇÃO DE ORVAL

A pequena localidade estava alvoroçada com a notícia: Policarpo ia, enfim, tirar férias e gozá-la no Rio. A nova fôra dada solenemente, à tardinha, no fim da leitura da correspondência diária.

— Meus amigos, desejo comunicar-lhes que, na próxima semana, entrarei em férias. Como sabem, vou à capital e desde já me coloco à disposição de todos...

Assim que terminou de falar as perguntas choveram de tôda parte. Queriam saber como resolvera afinal. Quando voltaria. Seus planos de passeio. Detalhes, detalhes. A agência do correio ficou, nesse dia, aberta até tarde da noite e sempre regorgitante de gente, pois os que saiam levavam a notícia para os outros. Êstes se apressavam em vir e ouvir a nova da bôca do próprio Policarpo.

O homem era agente do correio dessa localidade há muito tempo. Há tanto tempo, aliás, que o velho Sabino, conhecedor dos pormenores do lugarejo, e que era capaz de enumerar um a um os boticários, dentistas e vendeiros que já haviam passado ali, afirmava que não se lembrava de ter conhecido outro.

Devido à relevância do cargo, Policarpo era muito acatado pelo pessoal do pacato arraial. Agente de Correio, num lugarzinho como aquêle, tinha lá a sua importância: O homem faz o que entende. Só remete as cartas que deseja. Todos desejam estar de bem com tal autoridade. Além do mais é quem está mais em contato com a Capital...

Reconheciam, também, unânimemente, em Policarpo, a par de outras qualidades, grande inteligência e capacidade de adaptação a qualquer novo estado de coisas. Fôra assim com o advento do Estado Novo; fôra assim com a queda da ditadura; acostumara-se ao govêrno de Linhares e melhor ainda ao de Dutra. Por ocasião da mudança do sistema monetário, adotara logo a nova moeda divisionária e servia de intérprete aos habitantes mais atrasados, explicando, minuciosamente, que cinqüenta centavos equivaliam a quinhenots réis; mil cruzeiros, a um conto de réis, etc. Zangava-se até se alguém vinha dizer-lhe que rejeitara vinte contos pelo sítio...

— Vinte contos não! Vinte mil cruzeiros, ouviu?

O outro calava-se, assentindo com a cabeça, mas breve voltava a dizer contos em vez de cruzeiros.

Pois, apesar de tudo, Policarpo não abusava das "prerrogativas" do cargo e de sua inteligência. Em tôda a sua vida de agente de correio, só se lembrava de ter deixado de enviar três cartas: duas fôra da finada Marocas, velha mexeriqueira e maldosa; a outra fôra como vingança contra um fazendeiro valentão que o humilhara. Não guardava, portanto, nenhum remorso. As oito ou nove dezenas de habitantes do lugar estimavam-no muitíssimo. Sua palavra "judiciosa" era mais acatada do que a do subdelegado, a do dentista ou mesmo a do boticário. Sòmente quando o Dr. Sodré habitara o lugar, por uns oito meses, fôra que Policarpo havia sido relegado a plano secundário. Fato êste que em nada o constrangera, por isso que êle próprio reconhecia a maior competência do médico.

Pode parecer, pelo que foi dito, que Policarpo fôsse homem velho. Mas não era não. Ou se o fôsse cronològicamente, não demonstrava na idade biológica. Estava forte e desempenado. Diziam mesmo, os comentários, que a Guiomar ainda alimentava esperanças de pescá-lo. Para marido, já se vê. Porém, fala-se de mais nesses lugarejos. Fala-se tanto que, devido ao fato de Policarpo sempre dizer que iria ao Rio, sem nunca levar a cabo o projeto, passaram a zombar do que êles chamavam "as bravatas do Policarpo" e diziam quando queriam significar que tal coisa jamais aconteceria: "Isto sucederá quando Policarpo fôr ao Rio".

Agora, estavam todos arrolhados. Alguns ainda duvidavam e, no botequim do Afonso, ponto de reunião dos desocupados, apostava-se um cálice de cachaça, pelo sim ou pelo não.

Chegou por fim o dia anunciado e ansiosamente aguardado. Os oitenta e tantos habitantes, desde muito antes da hora do expresso já se comprimiam na plataforma da estaçãozinha. Às oito e quinze, Policarpo saiu de casa. Andara aprontando-se desde a madrugada. Atrás vinha o Tonico, carregando, orgulhosamente, sua mala. O viajante trazia na mão o caderninho onde anotara as encomendas. Rodearam-no. Sorria beatìficamente. Foi um não acabar de perguntas e sugestões.

Dona Isaura, a mulher do ferreiro, veio com uma garrafa, pedindo que a trouxesse cheia de água do mar.

— Mas veja lá — acentuou — quero água do mar, para ver se é salgada...

O pedido despertou o interêsse dos outros e foram todos arranjar garrafas para que Policarpo lhes trouxesse água do mar. O pobre homem esquivou-se, prometendo, entretanto, que todos provariam da água.

Às nove e meia ouviu-se o apito. Começaram as despedidas. A locomotiva chegava resfolegante. Policarpo acomodou-se logo, sentindo que, de agora em diante, a sua autoridade seria superior à do próprio Dr. Sodré, se por acaso voltasse à localidade.

As latas de leite e os engradados de aves já haviam sido embarcados. Dado o sinal de partida, a composição já se movimentava... Foi nesse instante que Policarpo viu "seu" Joel chegar esbaforido, sobraçando um embrulho. Seu Joel era habitante do arraial há seis meses, mais ou menos. Viera do Rio. Touxera tantos livros que o povo dizia que ainda se êle vivesse muitos anos não poderia lê-los. Comprara uma chácara, distante dois quilômetros, e lá vivia encerrado. Sabiam sòmente, pelos empregados, que o homem passava os dias a ler e escrever. Policarpo visitara-o, na véspera, oferecendo-se para ser portador de qualquer encomenda que, porventura, houvesse. O homem agradecera a gentileza, dizendo que de nada pre-

(Cont. na pág. 45)



GLÓRIA SWANSON numa expressão dramática como a vimos recentemente em «Crepúsculo dos Deuses». Esta foto foi tomada quando fazia ela 50 anos, desde 1941 Glória não filmava.



MARIA FELIX, considerada a mais bela artista do México, estêve em Roma, procedente de Paris, a fim de estrelar o filme «Oliva incantesimo trágico», sob a direção de Mário Sequi.

Gráficas de Cinema

NESTAS páginas apresentamos aos nossos leitores alguns flagrantes sôbre os últimos acontecimentos cinematográficos mundiais, focalizando quatro dos mais famosos nomes: Glória Swanson a mais discutida estrêla do momento, que pelo seu desempenho em «Crepúsculo dos Deuses» mundialmente aclamado era uma forte concorrente ao Oscar de 50, perdendo-o porém para Judy Hollyday em «Born Yesterday»; Maria Felix, a encantadora estrêla do cinema mexicano, considerada atualmente uma das mais lindas mulheres do mundo, e que estêve em Roma onde estrelou uma pelicula sob a direção de Mário Sequi. Silvana Mangano, a discutida estrêla de «Arroz Amargo», que tanto deu que falar quando aqui estêve, festejou recentemente o primeiro aniversário de sua filinha Verônica de Laurentis, e por fim, Greta Garbo, a sempre lembrada esfinge suéca, vem de naturalizar-se norte-americana, ao completar as suas quarenta e quatro primaveras.



VERONICA DE LAURENTIS, filha de Silvana Mangano, a admirável estrêla de «Arroz Amargo», acaba de fazer um ano de idade a 13 de janeiro e já sabe fazer sua «pose»...



GRETA GARBO suéca de nascimento, ao completar 44 primaveras obteve cidadânia americana. Aqui a vemos com aquêle ar de mistério a assinar o compromisso de naturalização.





NAO É PRECISO penetrar na alma de uma mãe para perceber a imensa alegria que experimenta o coração de Ingrid Bergman ao presenciar, pela primeira vez, a estréia de seu Robertinho a andar com os seus próprios pés, a 2 de fevereiro, quando completava um ano. Aquêle garotinho que, meses atrás mal engatinhava, já se ergue firme e forte.

Os primeiros passos de Robertinho

ROBERTINHO, o filho de Roberto Rossellini e de Ingrid Bergman, completou o primeiro ano de existência a dois de fevereiro último. E' um garotinho robusto, de cabelos alourados, de olhos grandes e brilhantes, denotando vivacidade e inteligência. Robertinho começou a andar e a tagarelar, mostrando-se muito entusiasmado com estas novas qualidades de ser humano. Ao completar um ano, os seus pais fizeram uma festa e foi permitido tirar muitas fotografias íntimas com o filho que vai despontando para a vida. Nada menos de trinta poses diversas foram apanhadas, e, o «bambino» se mostrou muito acessível à máquina, como se já estivesse habituado a tais processos de publicidade e de recordações. Quando as lâmpadas lançavam o seu fulgor ofuscante, Robertinho achava muita graça e ria a valer. Para êle isto era uma novidade que muito o divertiu. Ingrid Bergman havia preparado um bolinho de aniversário com uma velinha ao centro. Quando êle a viu, começou a bater palmas e a tartamudear numa linguagem que tinha qualquer cousa de francês. Seu desejo estava visível: queria a tôda fôrça agarrar a velinha ao invés de apagá-la com um sôpro, como é da tradição. Sua mamãe lhe explicou como devia fazer para apagar a vela: «Faça como o porquinho...» O porquinho era um brinquedo que êle tinha o qual, comprimindo-se a barriga, grunhia. Robertinho fêz, então, como o porquinho, muito próximo à tênue chama que ardia e o sôpro apagou a vela. A fim de não viver amolado com os fotógrafos, Robertinho não tem mais saído de casa. Mas isso é compensado com a companhia de seu irmão de 10 anos, Renzino, nascido do casamento de Rossellini com Marcella de Marchis, sua primeira espôsa. Todos os sábados, ao sair do colégio, vem o garôto fazer companhia ao Robertinho e brincar com êle. Ambos se dão maravilhosamente e rolam pelos tapêtes como velhos amigos que se compreendem apesar das diferenças de idade.





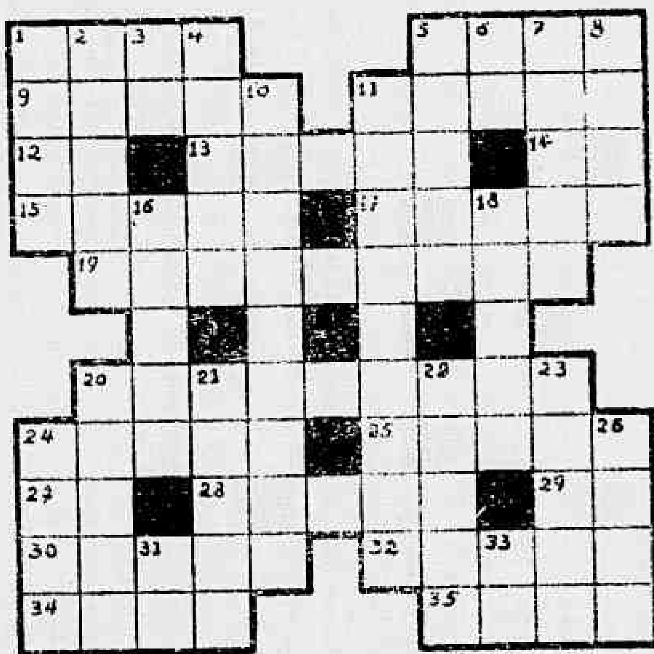
VÁRIAS POSES DE ROBERTINHO nestes últimos meses: em Roma, Ingrid Bergman lhe ensina os primeiros passos. Agora com um ano de idade, seu irmão por parte de pai, Renzino Rossellini, de dez anos, o ajuda a andar. Em baixo: um grupo para o álbum, vendo-se os pais e os dois filhos num ambiente de simplicidade doméstica, na residência de Roma.



PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 48 — PARA VETERANOS

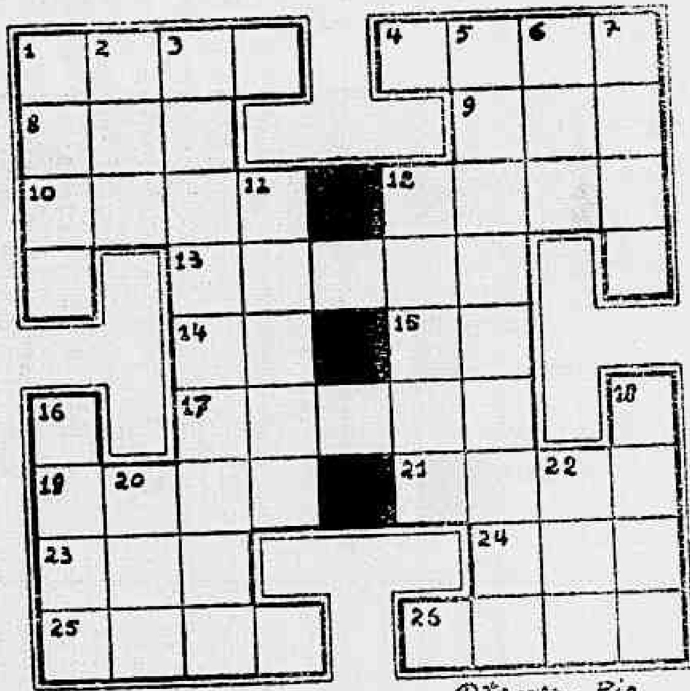
HORIZONTAIS: — 1. Vantagem gratuita — 5. Habitantes — 9. Boa viagem — 11. Dançar — 12. Estorvo 13. Empanar — 14. Nota musical — 15. Festim — 17. Espécie de coqueiro do Brasil — 19. Desordem (pl.) — 20. Ativar — 24. Excitar — 25. Agrícola — 27. Variação pronominal 28. Desculpar — 29. Sufixo que denota porção, coletividade — 30. Argila colorida por óxido de ferro (pl.) — 32. Deus dos lavradores — 34. Arrastar com o rodo o sal das marinhas — 35. Circunspecção.



VERTICAIS: — 1. Intimo — 2. Tem aroma — 3. Doutrina — 4. Levava descompostura — 5. Estacai — 6. Interjeição de espanto — 7. Castigos — 8. Pedi — 10. Pequenos lavradores — 11. Planta herbácea (pl.) — 16. Saber por excelência — 18. Que desce até o calcanhar — 20. Tísica — 21. Brandir — 22. Esconderijos de coelhos — 23. Sinal (pl.) — 24. Comediante — 26. Porção da cabeça das aves compreendida entre o ôlho e a bico — 31. Popa — 33. Instrumento de música da China antiga, que corresponde exatamente ao moderno pífaro.

★

PROBLEMA N.º 48 — PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Parede de tijolos que cerca um terreno — 4. Dispnéa que surge por acessos — 8. Época — 9. Afluente esquerdo do Reno — 10. Bofetada — 12. Terreno onde se junta o sal, ao lado das marinhas — 13. Calor fortè — 14. Batráquio — 15. Estudei — 17. Imaginação — 19. Lume — 21. Nome de homem — 23. Ódio — 24. Vazia — 25. Rio que nasce na França — 26. Ter por costume.

VERTICAIS: — 1. Introduza — 2. Verme que aparece nas feridas de animais — 3. Mulher nova (pl.) — 5. Partiríamos — 6. Oceano — 7. Lavrar — 11. Instrumento de lavrar a terra — 12. Referente ao vento — 16. Parente por afinidade — 18. Rezar — 20. Suplico — 22. Mau cheiro.

★

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 47

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Um — Ca — Bi — Taticografia — Ru — Adi — Ovém — Bar — Intrometer — Cofre — Galra — Aquém — Ecoem — Ucuubarana — Céa — Sala — Ará — Ro — Providências — Io — As — Mi.

VERTICAIS: — Ut — Mandioqueiro — Til — Corvo — Agúem — Cal — Bizarrearíam — Ia — Infuca — Oremus — Megera — Belona — Treu — Taca — Ca — Am — Barda — Aloés — Ovo — Éco — Pi — Mi.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Mel — Pal — Cemitério — Om — Mar — Tl — Abalucara — Rat — Ura — Barátrico — En — Nús — Ei! — Mandiocal — Suo — Sás.

VERTICAIS: — Membranas — Em — Limitando — Percursos — Ar — Litráceas — Coa — Tau — Ola — Aar — Arí — Bem — Tuí — Oil — Nu — Cá.

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS

GRAFICAS DE CINEMA



IVONNE MENARD era noiva; mas, depois que o seu prometido a viu despida, a dançar como nova Josefina Baker no «Folies Bergére», em Paris, desistiu do casamento. E ela... ficou.



SILVANA PAMPININI, estrêla italiana, acaba de fazer o filme «47, morto che parla». Silvana sempre conduz sua cornucopia, como talismã, e acha que isso ajuda a ser feliz...

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

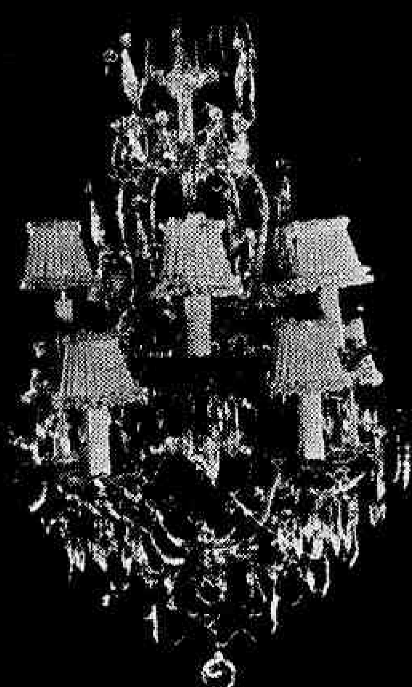
ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

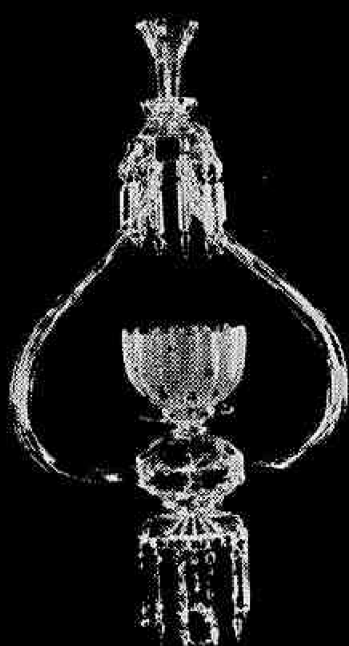
NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

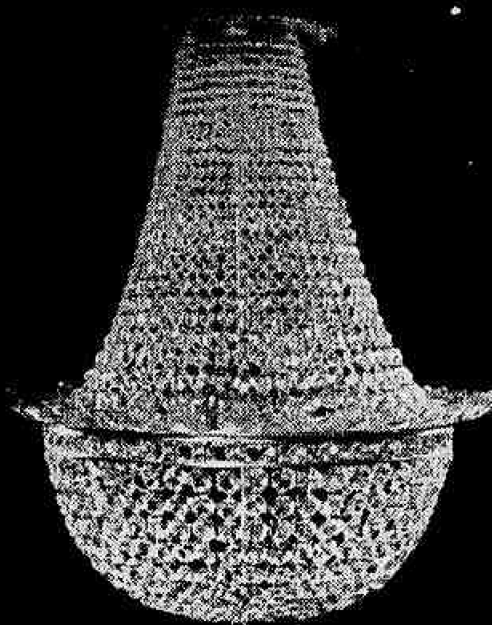
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

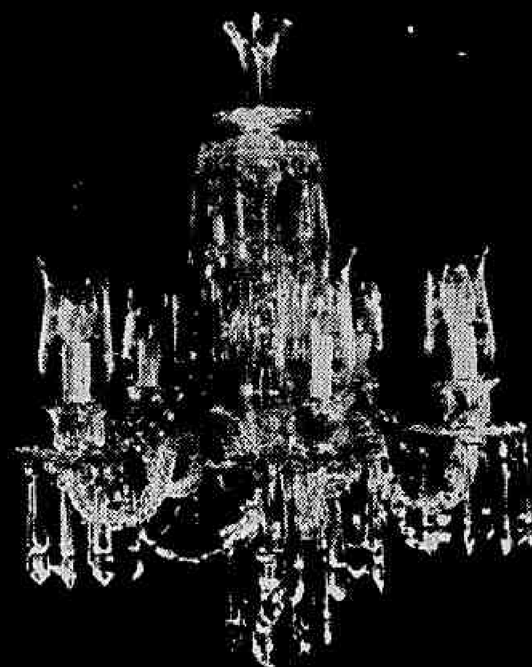
GALERIA SÃO PEDRO

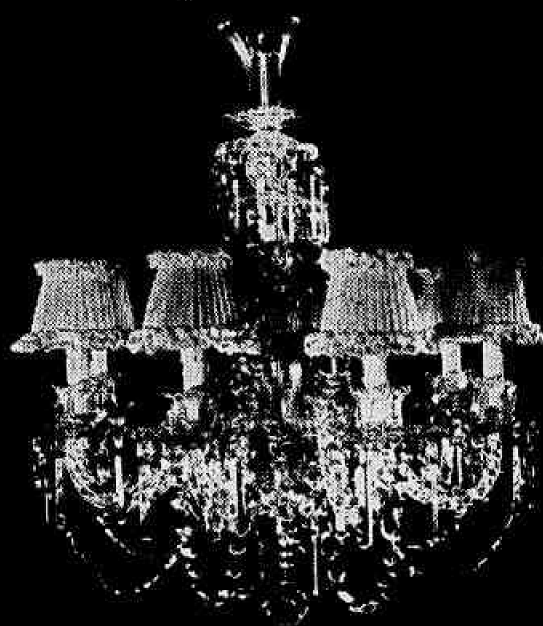
AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428

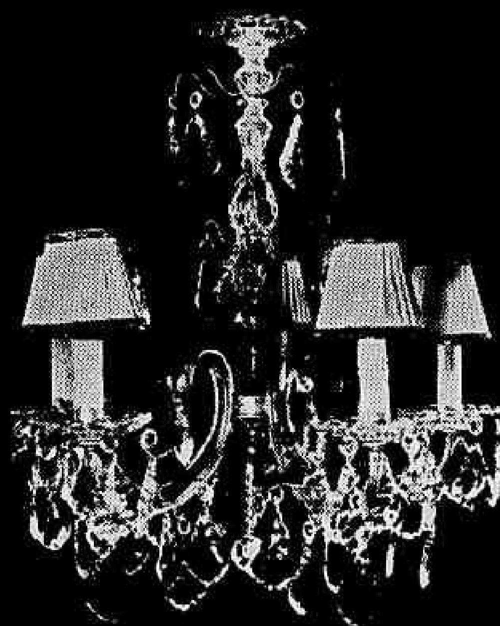

1

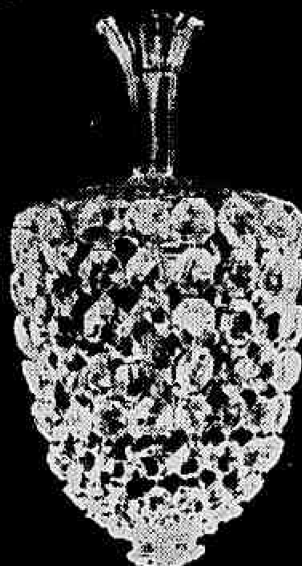

2

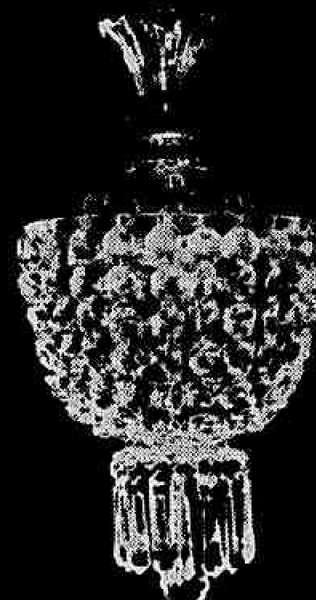

3

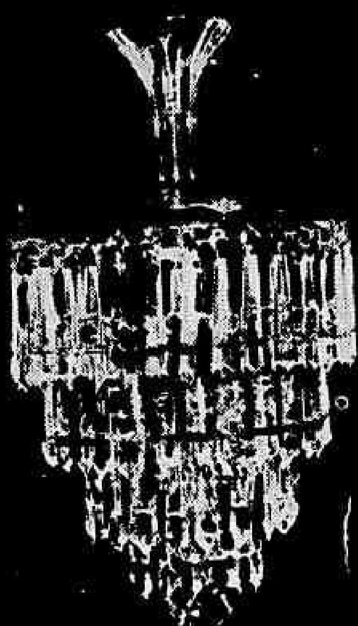

4

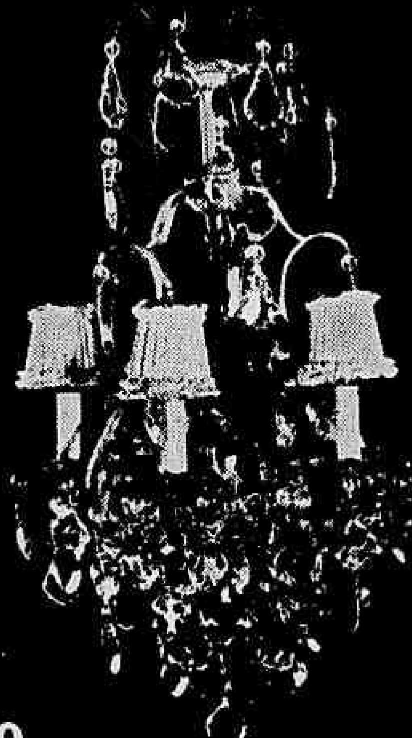

5

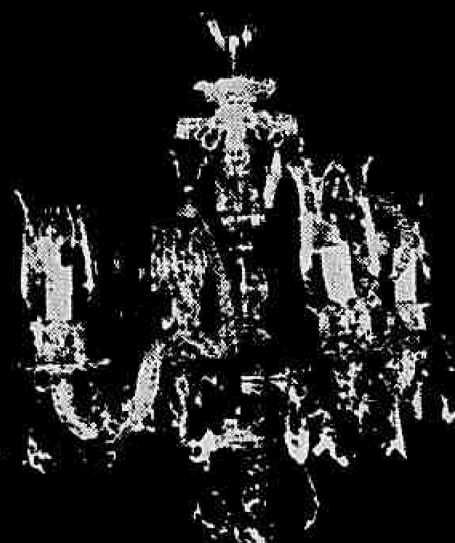

6

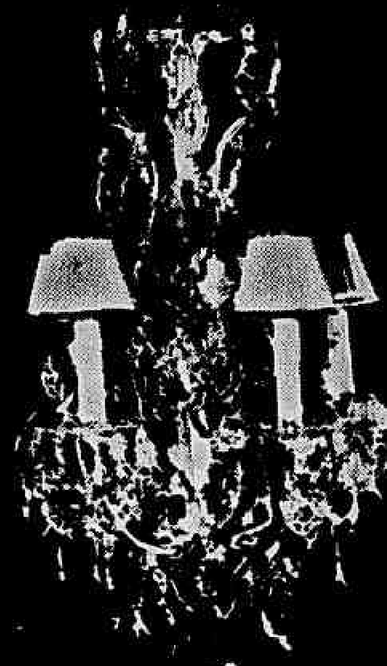

7


8


9


10


11


12

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.



NO PALACIO DE MARMORE do Xá da Persia, em Teheran, casaram-se a 12 de fevereiro, estas duas personagens de contos de fadas: Mohamed Reza Pahlevi e Soraya Isfandiari, princesa, filha de um dos chefes de tribu do Irã, antiga Pérsia. Aqui os vemos no dia do casamento, quando receberam presentes que se elevaram a milhões de dólares. Na foto abaixo, os noivos cercados de pessoas da família real iraniana e representantes diplomáticos de vários países do mundo.



NO MOMENTO em que se uniam diante do altar. Deslumbrava os presentes a magnificência do ambiente e a imensa profusão de flores e rosas de todos os feitios, pesando mais de uma tonelada. Pisava-se em tapetes de valor incalculável

UM CASAMENTO QUE DESLUMBROU O ORIENTE

EMBORA já não estejamos na época dos contos de fadas e das histórias das "Mil e uma Noites", a Côrte Persa não quis deixar de repetir o que se fazia antes quando se casavam Príncipes reis e Reis soberanos. O casamento do Xá com a princesa Soraya, a 12 de fevereiro dêste ano, foi o maior acontecimento social dêstes últimos anos. Não se pode descrever o fausto, a opulência do ato, cuja realização deslumbrou o Oriente lendário e misterioso.





NO MOMENTO em que o Xá colocava no dedo de sua noiva o anel simbólico, rugiam nos ares 21 salvas de canhão. Entre os 136 convidados especiais para a cerimônia e o banquete real, via-se o Aga Khan com a Begun. Os Estados Unidos e a Rússia mandaram valiosos presentes ao casal. O acontecimento empolgou todos os centros diplomáticos e sociais.





BELO FLAGRANTE a corpo inteiro da belíssima princesa Soraya, ao encaminhar-se para a cerimônia nupcial entre coros e cânticos emocionantes e de músicas transcendentais. Ela foi educada na Suíça e em Paris, durante longos anos, falando muitas línguas e conhecendo todo «l'esprit de finesse» dos europeus, o que dará à sua Côrte um cunho ocidentalizante. A finura de suas atitudes e a urbanidade de seu tratar, encantam



PARA SUAS VIAGENS A **CAMPINAS** PREFIRAM SEMPRE OS CONFORTÁVEIS AVIÕES "DOUGLAS" DO CONSÓRCIO "NACIONAL" DE TRANSPORTES AÉREOS.

Agência de Passagens
Rua Stª. Luzia, 685-B -- Fones 32.3799 e 32.6119

Agência de Carga
Av. Beira Mar, 514 — Fones 32-9455 e 42-9850





DOS CADERNOS DE UM POETA

QUANDO a encontrei, tive a impressão de que já nos conhecíamos há muito tempo, de que nossa vida comum, cotidiana, doce, harmoniosa — começara há quatro mil anos, numa região misteriosa, num país imaginário, desde o dia glorioso de nosso primeiro encontro... E nossa ternura — é, assim, a saudade daquele dia.

★

Ela é tão exatamente como queria que fôsse — no seu encanto raro, no seu mistério, na suave maneira que ela tem, de viver, de falar, de ser — que às vêzes fico pensando que ela não existe, que é simples projeção de um sonho, uma personagem inventada com afeto, carinhosamente composta — uma criatura de poesia.

★

Sei que a amo. Associo à sua existência tôdas as coisas belas do céu, da terra. Quando penso nela, penso nas rosas, nos lagos, no luar, nas ondas, em certa melodia, num perfume antigo, em alguns versos de Charles Guerin... Até naquele porquinho da India, de Manuel Bandeira, também penso. Sei que a amo.

★

Mesmo quando ela não fala, ouço a sua voz, macia e grave. Sua voz é como uma doce música que ouvimos e que guardamos para sempre, dentro de nós, no fundo da alma. Não me importo, às vêzes, de não entender o que ela diz — fico ouvindo a sua voz, a música inefável de sua voz... Também não entendo o que quer dizer o canto dos rouxinóis, nem a música de Grieg — mas amo o canto dos rouxinóis e amo o "Noturno" de Grieg.

★

Hoje, queria que ficasses com a cabeça no meu peito, esquecida de tudo, para eu te contar a vida — uma vida que imaginei para o nosso sonho... E tudo aconteceria como te contasse — porque só o sonho é que existe.

★

Não sei se tu já reparaste que nós nos amamos muito mais do que imaginamos amar: as realidades do amor excedem tôdas as fantasias. — LYSE.







SUGESTÕES ORIGINAIS

APRESENTAMOS aqui algumas sugestões originais, sendo digno de nota o interessante modêlo em lã «pied-poule», o corpo possui uma parte transpassada, que cai pela saia fingindo uma aba godé, grandes punhos e gola em piqué branco; em baixo dois outros modelos, em que os punhos e as golas constituem a nota original; finalmente, ao alto, à esquerda, vestido em veludo negro, com gola e punhos em organdi branco.





NOVOS "TAILLEURS"

COM a aproximação dos dias chuvosos e cinzentos os «tailleurs» de casimira voltam a ocupar um lugar de predominância no vestuário feminino. Nestas fotos reproduzimos alguns dos mais sugestivos modelos que Paris, criou para diversas ocasiões, para viagens, para a manhã, para a tarde ou para a noite, todos elegantes e bem modernos.





NESTA página sugerimos às nossas leitoras alguns interessantes modelos que poderão ser executados em «faille» e tafetá. São modelos sugestivos que muito contribuirão para a sua elegância; ao alto em tafetá azul marinho, dois modelos em duas peças; em baixo, dois modelos para a tarde em tafetá quadriculado; e à direita, um audacioso traje para a noite, em brilhante tafetá prêto, próprio para jantares.





EM "FAILLE" E TAFETÁ





NOTÍCIAS AUTOMOBILÍSTICAS

NO COMÉRCIO VAREJISTA DE PNEUS, CÂMARAS ENCERADOS E ACESSÓRIOS PARA AUTOMÓVEIS:

SURGE A "CASA PINHEIRAL", DE PLINIO RODRIGUES TÔRRES, FILHOS & CIA. LTDA.

PAÍS de grande extensão territorial, oferecendo tôdas as condições geográficas, desde as planícies extensas às zonas montanhosas, o Brasil tem no seu sistema rodoviário, pontilhando e riscando o mapa físico de seu território, de Norte a Sul, dos grandes centros aos ínvios sertões, um baluarte de desenvolvimento no automobilismo. Figurando entre os principais países importadores de automóveis, de não menos importância para o perfeito funcionamento da engrenagem automobilística, é o comércio varejista de pneus, câmaras, encerados e acessórios automobilísticos. Fabricando no Brasil pneus das mais renomadas marcas internacionais, a indústria dos produtos de borracha necessitam de dar expansão às vendas dos elementos básicos para a boa rodagem pelas estradas brasileiras, da mesma forma por que o comércio de acessórios em geral segue paralela ao ramo para um automobilismo feliz e proveitoso. Por essas razões, o surgimento de uma casa varejista dedicada a êsse setor do comércio automobilístico é motivo de justo regosijo para os senhores proprietários de carros — pois que assim terão êles, mais à mão, os materiais de que precisam para suas viaturas.



A primeira nota de venda emitida pela firma, no ato da inauguração, foi extraída pelo sr. J.C. Ribeiro, Inspetor Geral para o Brasil, da Indústria de Pneumáticos Firestone S.A. e Gerente da Filial da mesma Companhia em São Paulo.

Assim, é com satisfação que registramos por estas colunas a inauguração, no dia 18 de março último, da «Casa Pinheiral», de Plínio Rodrigues Tôrres, Filhos & Cia. Ltda., em local privilegiado da capital paulista — à Avenida Campos Elíseos, 739, nova artéria de tráfego obrigatório para boa parte dos automóveis que rodam sôbre o asfalto de Piratininga. Modernamente instalada, a «Casa Pinheiral» acha-se aparelhada para atender com eficiência e presteza aos senhores automobilistas, expondo à venda os mundialmente famosos produtos «Firestone», tais como pneus, câmaras e demais acessórios.

Por motivo de sua inauguração, a firma proprietária da «Casa Pinheiral» ofereceu aos presentes magnífico «Buffet», notando-se, entre outros, os srs. H.M. Pantin, gerente geral de vendas da Firestone; S.C. Borba, do Departamento de Propaganda da mesma companhia; F.L. Andrews, gerente geral de vendas da Goodyear; T. Harrison, gerente da filial de São Paulo, Fausto Bellix, sub-gerente da Filial da mesma Cia.; Ítalo Genovezi e Toledo, altos funcionários daquela emprêsa; Etienne Rossetti e A. Accoroni, da Pirelli; B.F. Lima, da United States Rubber Co.; L. Cruz, da Dunlop; Dr. Clovis Leite Ribeiro, advogado da casa inaugurada; Alex Zacarias, Kemal Abuchar, Mário Costa, Antônio Abuchar e J. Duarte de Oliveira, comerciantes na praça de São Paulo.

A firma tutelar da casa está assim constituida: Plínio Rodrigues Tôrres, nome bastante conhecido no ramo, como titular que é da Casa Plínio S.A. Comercial e Importadora (Matriz: Rua Washington Luiz, 350-60 — Filiais: Rua 25 de Janeiro, 88 e Rua da Conceição, 425-429); Luiz Eugênio Rodrigues Tôrres Neto e Francisco Mariano de Morais Rodrigues Tôrres, filhos do primeiro, e o sr. Hermínio Brussi.

O DIÁRIO É UMA BOMBA. . .

(Cont. da pág. 6)

mar Tavares, para só falar dos mais conhecidos, sendo ridicularizados por um homem que, não tendo dentro de si o bafo da poesia, tirava assim sua desforra da própria vida! Que Deus se compadeça do diário e do seu autor.

Deixamos o moderno poeta (não confundir com poeta moderno) entregue às suas musas e partimos em busca de uma repartição pública qualquer a fim de registrar o sentir da classe funcional.

— Como o sr. recebeu a publicação do diário, sr.

— Gustavo Adolpho, completou nosso entrevistado. Depois de uma curta pausa, continuou:

— Acho que representa um achincalhe à família brasileira, essa mesma família que nos está dando um grande exemplo de solidariedade humana, no caso do médico Laureano; essa família, como dizia, está tôda ela revoltada contra aquêle homem que admirava e que acreditava tivesse caráter. Infelizmente, existe muita gente que lê aquilo com grande prazer e comoção — são os que se sentem identificados com o homem que extravasa daquele amontoado de sandices, terminou o funcionário.

FALAM NOVOS ACADEMICOS

Deixando a repartição rumamos para o edifício Rex, procurando o consultório do professor Peregrino Júnior, secretário geral da Academia Brasileira de Letras e autor de Pussanga, Matupá e tantos outros livros de sucessos no mundo da literatura. Interrogado por nós, Peregrino Jr., assim se expressou:

— No meu relatório de secretário geral da Academia eu classifiquei o Diário de Humberto de Campos como "uma bomba de explosão retardada". Êle preparou-a cuidadosamente para explodir dez anos depois de sua morte. Mas, agora, depois de ler todos os capítulos publicados, chego à conclusão — melancólica conclusão — que a *bomba* de Humberto é uma bomba tipo Perón: não faz mal a ninguém. Inconsequente e ruidosa apenas. Só barulho, só maledicência, e um narcisismo ingênuo e impertinente que o procura tornar, como o general Perón, o centro do interêsse e da admiração de tôda gente...

Depois de uma pausa, o professor Peregrino Jr. continuou:

— Literàriamente o Diário de Humberto de Campos tem interêsse muito secundário. Se alguém foi atingido pela explosão ou pelos estrilhaços dessa bomba, foi o próprio Humberto, cuja memória muito perdeu no respeito e na simpatia que até aqui merecera de seus confrades.

Para encerrar a nossa reportagem-enquête, rumamos para a editôra A Noite, onde procuramos a palavra do acadêmico Cassiano Ricardo; dizendo ao que íamos, Cassiano se esquivou de responder: insistimos, fazendo-o sentir a necessidade que o público leitor tinha em ouvi-lo:

— Não gosto de dar entrevistas, dissê-nos êle, mas como se trata da REVISTA DA SEMANA, publicação que me merece tôda estima e consideração, vou abrir uma exceção. Tome nota:

Já com papel e lápis à mão, anotamos:

— O caso de Humberto de Campos me faz lembrar o de Camilo. Recordo-me de que, por ocasião de certa homenagem que se quis prestar ao escritor português, em nossa Academia, houve quem discordasse, alegando haver o autor do "Cancioneiro Alegre" assacado, em vida, tremendas objurgatórias contra alguns escritores brasileiros. A defesa de Camilo consistiu, então, em dizerem os adeptos da homenagem que tais objurgatórias corriam por conta de sua gota coral. Deviam ser perdoadas. Em relação a Humberto, ocorre coisa semelhante. A única dirimente em seu favor é a de seu estado de saúde, quando escreveu o "diário secreto", que ora se publica. Atacado por feroz moléstia, e lutando para poder viver, escreveu êle muitas injustiças e muita literatura de terceira classe. Suas memórias são um amontoado de injúrias, sem o menor valor literário.

— Mas, o sr. acha que Humberto deve ser perdoado? perguntamos.

— Sim, perdoe-se o homem infeliz, na sua revolta; mas não se perdoe o mau escritor...

— Muito obrigado, dr. Cassiano. Quer dizer mais alguma coisa? insistimos.

— Não, nada mais.

Agradecemos novamente e nos retiramos para a redação a fim de transmitir a você, leitor amigo, as opiniões que você desejou ouvir. Ei-las. Depois de lê-las tôdas saberá qual a opinião da maioria dos nossos homens de letras. E a sua, qual será?

CRIANÇAS DA RUA . . .

(Cont. da pág. 29)

Um velho policial meu conhecido tira serviço na delegacia de menores. Estou cansado de encontrá-lo por volta de dez e onze horas da noite, conduzindo meia dúzia de crianças sonolentas para aquela repartição especializada. Homem de bem e cheio de filhos cumpre seu dever de maneira louvável. Acorda os pequenos que se encostam em qualquer canto para dormir com afagos na cabeça. Os garotos despertam num pulo. Saem correndo. Ante a brandura do policial, entretanto, não chegam a ir longe. Param e atendem. Quando o vi fazer isso pela primeira vez sugeri que aconselhasse aos colegas o uso do mesmo processo, quando nada, tendo em vista o quanto é prático. Nada será tão difícil como apanhar um menino dêsses em disparada. Mas o velho policial tem opinião feita sôbre êste assunto e me parece interessante divulgá-la. Acha que até aos doze anos se consegue quase tudo de um menor abandonado, depois desta idade fica bem difícil. Pensa mesmo que, passando dos dezessete sem entrar na linha, o pequeno está perdido. Fala assim porque já viu muito.

Contou-me que um naquela idade depois de muitas vêzes levado à delegacia, pois se tratava de fujão sem remédio, acabou encontrando certa senhora disposta a se responsabilizar por êle. O rapaz, no dizer do policial, não era de todo imprestável. Estava cheio de hábitos maus, mas sempre havia esperanças de que se endireitasse. A história é longa, vou encurtá-la. Dois meses se passaram e tudo ia bem para o moço. Mas um dia, certa discussão por causa dêle entre pessoas da família da senhora que resolveu protegê-lo alguém se referira ao pobre como enjeitado. Foi o bastante para deitar abaixo tôda a fase de regeneração em franco sucesso. O rapaz se desgostou com aquilo, saiu da casa que o acolhera e durante três dias se entregou à bebida. Voltou no quarto para... acabar na cadeia. Investiu contra todos em casa, dizendo que o mundo havia de ir para o inferno com êle e foi condenado por tentativa de homicídio.

São fatos — fatos bem tristes, não há dúvida.

UMA HISTÓRIA DE TRÊS GATOS

(Cont. do número anterior)

Sem perder tempo, telefonou para o veterinário. Mas, êle não estava. Telefonou, então, para as irmãs, pedindo socorro. Prometeram voltar sem demora.

Mas, os minutos corriam... as moças não chegavam... e o gatinho a peiorar... Tocou outra vez para o veterinário. Responderam que ainda não tinha voltado de Petrópolis, onde fôra passar o dia. Desesperada ante essa nova, abriu o catálogo dos telefones, e, sem se importar com preconceitos ou cousas que valham, chamou com urgência o primeiro facultativo que encontrou. Este logo acudira; levara uma injeção. Medicado, o animalzinho parecia reanimar-se. O caso não se apresentava mais tão desesperador. Entretanto, meia-hora depois, eis que os mesmos sintomas se reproduziram, e o estado de saúde do pequenito se agravou sobremaneira. Segundo parece, a ação da injeção fora de efeito transitório e superficial. Aflitíssima, com o gato ao colo, Ester telefonara outra vez para o veterinário. Ainda não havia regressado. Desesperada então, entre soluços, telefonara novamente para as irmãs. Era preciso trazer um veterinário quanto antes! e contou tudo: a visita de um outro médico... a injeção que havia aplicado... a sua aflição desesperada... As Irmãs, do outro lado do fio, também se puzeram a chorar... Prometeram voltar imediatamente.

Acompanhadas do dr. Hilário, saíram as duas irmãs solteiras da casa em festa. Tomaram um táxi, e foram à procura de um veterinário... Mas, tudo em vão!

D. Beatriz, o marido e os filhos, e mais o dr. Tobias e o primo João, ao se inteirarem das ocorrências, também abandonaram a festa. Todos chegaram à mesma hora. Encontraram o portão escancarado, a casa aberta e tôda acesa, e, no meio da sala, sentada numa poltrona, aos soluços, e apertando entre os braços o cadaver do gatinho — lá estava Ester... Em vão tentava reanimar o corpinho do bicho!...

Consternados ante a dolorosa cena, a família inteira poz-se a chorar!...

Estava escuro lá fóra. Já era noite. Ficaram então, velando o cadaver a noite inteira...

Quando clareou o dia, os membros daquela família, irmanados pela mesma dor, e por entre lágrimas sentidas e a consternação geral, enterraram o cadaver do animalzinho no fundo do quintal, ao lado das tumbas gêmeas e floridas dos outros dois gatinhos.

— Uma família entre tantas...

"Uma caça noturna"...

...sòmente por causa de uma única pulga — é uma grande maçada!



Não se aborreça... Polvilhe sôbre o lençol e o próprio corpo NEOCID em pó... e continue seu sono, tranquilo. Use o pó, que não irrita a pele e não deixa cheiro.

Para pequenas aplicações prefira a latinha de NEOCID em pó

NEOCID

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6
São Paulo
Remessas pelo Reembolso
À venda nas boas Farmácias

WEEK-END NA COZINHA

LÍNGUA COM PICKLES (*conserva*)

Tome 1 língua fresca e deite de môlho durante algum tempo. Leve a cozinhar coberta de água, até desprender com facilidade a pele grossa que a envolve, e que deve ser inteiramente retirada. Depois parta a língua em fatias enviezadas, para que fiquem do mesmo tamanho. Deve sortar 12 fatias pelo menos e guarde-as. Toste ½ colher de cebola picadinha com 1 de manteiga, ½ de açúcar, depois incorpore 1 colher de farinha de trigo, molhe ainda para não secar com 4 xícaras de caldo ou água. Junte cheiro, alguns tomates, as fatias da língua, leve ao fogo fraco, até ficar macia. Retire a língua, passe o môlho pela peneira e torne a juntar às fatias de língua e 1 cálice de vinho do Pôrto. Na hora de servir, junte pickles aos pedacinhos ou alcaparras e despeje de um lado da travessa e do outro deite pirão de batata ou arroz em forminhas. Regula 1 colher de conserva picada ou ½ de alcaparras.



ARROZ EM FORMINHAS

Faça ½ kg de arroz. Junte 1 colher de manteiga, 3 de leite e 3 gemas. Misture e deite dentro de argolas de fôlhas de 5 cm de diâmetro por 2 cm de altura untadas e postas num tabuleiro.

Enfeite com quadradinhos de tomate e leve ao forno só para secar. Sirva com guarnição. Se não tiver argolas, use forminhas.

PERNA DE CARNEIRO ASSADA

Limpe a perna do sebo e tire a catinga, glândula situada perto do osso do meio da perna. Dê um talho fundo e procure retirá-la com os dedos e no buraco que ficar, introduza um alho inteiro. Esfregue o assado com limão e sal, fure todo com um garfo e deixe tomar gôsto. Bezunte com manteiga e leve a assar no forno, regando-o de vez em quando com o próprio molho. Regula meia hora por quilo.

BIFES COM CHAMPIGNONS

Tome 3 kg de filet; corte em pequenos bifes, bem iguais, tempere de sal, passe em manteiga quente, toste de ambos os lados, retire, e na frigideira deite uma colher de manteiga e uma colherzinha-de-chá de farinha de trigo, toste um pouco e junte 1 cálice de vinho, ½ xícara de caldo e 1 latinha de champignons em rodelas. Se preferir, em vez de champignons, bote 100 gr de preseunto picados. As aparas que sobrarem do pêso, podem ser passadas num refogado para croquetes, etc., para o dia seguinte.

TORTA DE ABÓBORAS

Bata bem 3 colheres de manteiga, 1/4 de xícara de açúcar, 2 ovos desmanchados; junte ½ xícara de leite, 1/4 de colher-de-chá de gengibre ou cravo, 1/4 de colher-de-chá de noz-moscada, 1 e 1/4 de xícara de abóbora cozida no fogo, bem esprimida sem água e passar no espremedor, 1/8 de colher-de-chá de sal, 1/4 de colher-de-chá de farinha, 1/4 de colher-de-chá de canela; misturar bem e está pronto o recheio.

Massa: — Junte 1 xícara de farinha, 1 e 1/4 colher-de-chá de sal, 1/3 de xícara de banha bem gelada, 3 ou 4 colheres-de-sopa de água gelada, amassar bem, abrir a massa bem fina, cobrir com ela uma fôrma de torta redonda em baixo colocar o recheio, levar ao forno quente. Quando a massa estiver cozida, abrande o fogo e deixe mais algum tempo.

SOPA POPULAR RUSSA GELADA

Descascam-se 4 beterrabas e cozinham-se em água, sal e 1 cebola batida. Retire a beterraba, passe-as na máquina e coloque-a de novo na panela, juntando 2 pedrinhas de ácido cítrico, 3 colheres de açúcar e uma pitada de pimenta do reino. Quando estiver cozida e fria juntam-se 2 gemas batidas. Vai para a geladeira e na hora de servir, junta-se creme de leite na proporção de uma colher-de-sopa de creme para cada prato.

ISCAS DE FÍGADO

Corte ½ kg de fígado em bifes finos, tempere com sal, um dente de alho em rodinhas, meia fôlha de louro e cubra com vinagre; deixe assim algumas horas. Leve gordura ao fogo, quando estivem bem quente, escorra o fígado. Leve-as à gordura, abafe com uma tampa. Quando estiverem secos, virar do outro lado; quando estiverem fritas juntar o môlho de vinagre. Sirva com batatas cozidas douradas em gordura.

SANDUICHES TRICOLOR

Massa de tomate, manteiga, pasta de camarão ou de galinha, pasta de verdura.

Parte-se um pão de sanduíche em três fatias ao comprido, depois de descascado. Unta-se uma parte com massa de tomate, outra com manteiga, presunto, camarão ou galinha e outra com massa de verdura. Tempera-se bem com pimenta, sal e mostarda. Faz-se o sanduíche, colocando cada fatia sôbre a outra, alternando os recheios. Corta-se na largura de dois centímetros e finca-se um palito, para conservar unidas as diversas camadas.

SONHOS RECHEADOS

150 gr de farinha, água quente, 3 ou 4 ovos, queijo ralado, presunto ou recheio de galinha ou de camarão, 1 colherinha de sal.

Faz-se uma massa para sonhos cozidos com a farinha e a água fervendo. Cozinham-se, depois de frio, põe-se os ovos, que se forem muito pequenos, devem ser postos em maior quantidade. Frita-se numa panela tapada, crescem muito. Tempera-se a massa com sal. Depois de fritos, recheam-se com presunto e ovos, ou com recheio de galinha, de camarão, ou qualquer outro. Arruma-se num prato e polvilha-se com queijo ralado.

NOVIDADES EM GRAVAÇÕES

SUCESSOS CONTINENTAL
(Suplemento de Março-Abril)

ARACY DE ALMEIDA c/ Quinteto Continental
DISCO N.º 16.357
Não direi a ninguém - Samba — Basta dizer que sim - Bolero

MARLENE - c/ Orquestra
DISCO N.º 16.359
P r ri n - Balão — Bandeira de couro - Samba

EMILINHA BORBA c/ Conjunto
DISCO N.º 16.357
Urubú rei - Chôro — O beijo da paz - Samba

CARMÉLIA ALVES
DISCO N.º 16.360
O baião em Paris - Baião — Adeus, adeus morena - Baião

LUCIO ALVES c/ Orquestra
DISCO N.º 16.3:3
Terminemos - Samba — Talvez - Samba

IVON CURI c/ Orquestra
DISCO N.º 16. 65
Obrigado - Samba — Pinho sofredor - Toada

JORGE VEIGA c/ Conjunto
DISCO N.º 16.367
Pelo a umbigada - Baião — Charlando no Flamengo - Samba

RUY REY c/ Orquestra
DISCO N.º 16.363
Rico Mambo - Mambo Jambo — Mercê Rumba Jambo

WALDIR AZEVEDO - Cavaquinho Sólo e Conjunto
DISCO N.º 16.359
Pi a m n inh - Chôro — Pedacinhos do céu - Chôro

VERO - Piano Solo e Conjunto
DISCO N.º 16.371
De mansinho - Chôro — Distância infinita - Samba canção

RAGO e seu conjunto
DISCO N.º 16.35
Por toda a vida - Bolero — Motivo cubano - Guaracha

ORLANDO SILVEIRA & V G LUMES DO LUAR c/ Rago e seu conjunto
DISCO N.º 16.351
Balanceado - Balanceio — a) Parafuso - b) Baião de dois - Baião

SOLON SALES c/ Rago e s/Conjunto
DISCO N.º 16.353
Em tuas mãos - Bolero — Tristeza - Valseado

MARIO ZAN e seu Conjunto c/ Refrão Vocal
DISCO N.º 16.3 6
Marimb iro - Baião — Ca ho da lime ra - Baião

DISCOS Continental

Para a renovação dos seus móveis torna-se indispensável a aplicação do óleo de peroba.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e enderêço certos

A ornamentação do lar resume-se na beleza dos móveis, e conservando-os com óleo de peroba.



Existem dois modelos de Exaustor Contact: ED-1 para paredes de 1/2 tijolo e ED-2 para paredes de 1 tijolo.

O EXAUSTOR CONTACT é um elemento de confôrto indispensável em seu lar. Auxilia a higiene e mantém a cozinha fresca e agradável. É fácil de instalar, mesmo em construções já concluidas. Seu funcionamento é silencioso e o consumo de energia é igual ao de uma pequena lâmpada.

Jotavê

JORGE T. ABDALLA & CIA. LTDA.
Avenida Almirante Barroso, 86
Fones: 42-8523 e 42-3217

MARIA CLARA

(Cont. do número anterior)

Uma garôta de seus quinze anos, entregou-me um envelope. Ofereci-lhe uma moeda, mas ela, obstinadamente, se recusou a aceitar. Agradeci-lhe o serviço e despachei-a. Rasguei o envelope. Desdobrei a fôlha de papel:

"Otávio: Não o chamo "querido" porque sei que não me ama. Sofri no momento, mas, agora, refeita do choque, creio que foi melhor assim. Talvez você precise mesmo de uma "mocinha acomodada" que lhe costure as roupas e lhe prepare quitutes. Eu não seria uma boa espôsa, reconheço. Por isso, a separação é a única coisa aconselhável. Embarcarei hoje no trem das cinco.

Formulo os melhores votos de felicidade para a nova vida que pretende desfrutar ao lado dessa outra, que não conheço, mas que deve ser um anjo caido do céu. — Adeus. — Yara."

Reli aquelas palavras confusas e inexplicáveis, procurando descobrir-lhes um sentido qualquer. (Não pensem que alterei alguma coisa da carta, para lhe emprestar um toque dramático de novela radiofônica; transcrevo-a tal como a recebi).

O relógio de cuco anunciava seis horas. Yara partira havia precisamente uma hora. Por que fizera aquilo? Quem seria o "anjo caido do céu"?

Pela noite a dentro, fiquei matutando no assunto. Nenhuma lógica encontrei naquela estranha atitude. Consolei-me repetindo as palavras da carta: "Foi melhor assim..."

Levantei-me sonolento, aborrecido. Adiei a partida para o dia seguinte.

Como despedida, fui à cachoeira Formosa. Sentei-me sob as amoreiras da margem, abatido e triste. Tive saudades de Yara.

★

Ao escrever esta história, dei-lhe por titulo um nome de mulher. Vocês, talvez, pensem que me enganei na escolha do nome, pois, até agora, nada lhes disse sôbre Maria Clara. No entanto, foi ela, sòmente ela, quem me induziu a narrar êste episódio de minha vida.

Yara passou por mim, como haviam passado outras mulheres. Amei-a (ou julguei ter amado), mas a separação, o tempo, fizeram-me bem depressa esquecê-la.

Encontramo-nos no Rio, numa "boite" de Copacabana. Ela dançava com um americano alto e louro. Falamo-nos; apresentou-me ao rapaz, e despedimo-nos esportivamente ("Good-bye!"). Depois disso, nunca mais tornei a vê-la. Talvez tenha casado com o tal americano e ido morar nos Estados Unidos. Eu preferi ficar solteiro; não me arrependo.

Maria Clara, entretanto, exerceu tão grande influência sôbre meu espirito, que até hoje, jamais pude esquecê-la.

Fisionômicamente, tenho dela uma recordação muito vaga, pois, na verdade, só a vi uma única vez: quando, naquela tarde, me entregou a carta de Yara. Era a garôta de quinze anos que se recusara a receber gorgeta. Lembro-me que se vestia de azul e tinha tranças muito longas. Sei, agora, que trabalhava na fazenda dos Rodrigues, desde nove anos. Sei, também, que foi a causadora da inopinada atitude de Yara, e que se matou por minha causa. Sim, senhores! Absurdo ou não, é a verdade. Tenho para provar, uma carta — bem mais surpreendente que a primeira — obra póstuma de Maria Clara. Recebi-a das mãos de minha avó, ao voltar, um ano mais tarde, a São Vicente. Era escrita em linguagem de quem não fôra além do terceiro ano primário, e a letra tremida demonstrava a forte agitação da signatária. Confessava-me um amor imenso e impercecivel. Dizia-me que nunca amara ninguém, e que, por mim, jamais se casaria. Acompanhava-me aos banhos no rio e, todo o tempo, ficava escondida no bambual, acarinhando o sonho de que, um dia, eu a visse, lhe sorrise, lhe falasse... Depois, ao descobrir meu namôro com Yara, deixara-se dominar pelo ciúme; não podia conceber que eu amasse outra mulher, justamente a filha de seus patrões. Engendrara um plano para nos separar. E fôra assim que, nas vésperas de nosso embarque, contara a Yara que eu estava comprometido com uma jovem do Rio, e que, em presença de meus avós, falara de casamento próximo, respondendo a uma pergunta sôbre meu namôro, que ela, Yara, não era moça "prá casá". Mentira com tal engenho, demonstrara tamanha sinceridade, que Yara dera crédito e após algumas lágrimas disfarçadas, resolvera partir, encarregando-a de me entregar a carta de adeus. Fizera-o alegre, vitoriosa. Conseguira, enfim, seu objetivo. Sòzinha, esperava conquistar-me. Mas, contrariando os planos traçados com tanto cuidado, eu partira, também, logo depois.

Acompanhara-me à estação; teve ânsias de atirar-se em meus braços e cobrir-me de beijos. Controlou-se. Seria ridiculo. Quando o trem desapareceu na curva da estrada, sentiu-se desfalecer.

Passara a viver uma vida vazia e inútil... E nasceu-lhe, então, a idéia do suicidio. Pelo menos, piedade conseguiria despertar em mim. Escrevera uma carta, onde estavam revelados todos os sofrimentos e angústias. Dar-me-ia uma prova de seu grande amor.

"...você sabe que eu te amo agora. Vou afogar-me no rio que você nadava tôdas as tardes. Vou morrer lá, mas morro contente.."

Ao ler aquela inesperada confissão, senti abater-me uma terrivel sensação de culpa. Alguém se matara por mim. Deus do céu! Seria possivel?!...

Pedi a vovó que me pusesse a par de tôda a tragédia. Contou-me que Maria Clara desaparecera certa tarde, pondo os Rodrigues em grande inquietação. Pensou-se que havia fugido com algum caboclo da redondeza. Procuraram-na durante vários dias, até que chegara pelo correio aquela carta, que concluiram ter sido escrita por ela. Conhecida a verdade, mandaram rezar missa pelo sossêgo de sua alma.

Pouco tempo depois, o corpo apareceu boiando por entre lirios d'água, horrivelmente desfigurado.

Vesti o calção, dirigi-me ao rio para o banho costumeiro. Andava saudoso de uns mergulhos refrescantes. Parei à margem, contemplando as águas tranqüilas que refletiam o azul do céu e o bambual espêsso.

Subi no barranco, estirei os braços. "Vou me afogar no rio que você nadava..." Vi o corpo de Maria Clara boiando sôbre o rio. Dominou-se um mêdo estranho, pueril. Aquela caboclinha tivera coragem de se matar por minha causa. Senti-me abatido, pequenino ante a imensidade daquele amor.

Não tive coragem de me atirar às águas assassinas.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. — Cartas: Avenida Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

adquira a nova



À VENDA
em tôdas as bancas

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

VARIZES EM SENHORAS

E HEMORRÓIDAS EM GERAL



Novo tratamento sem operação e sem injeções

Após longos anos de estudos foi descoberto um ótimo remédio vegetal para o tratamento das **varizes**. Usado na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada, em pouco tempo restitue às pernas seu estado normal e beleza estética. Em idêntica dose debela os males **hemorroidários** (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram. **Para varizes** (as pernas) tome o líquido via bucal e friccione a pomada no local. **Para hemorróidas** use a pomada no local e tome juntamente o líquido. USE DURANTE 3 MESES. Procure nas farmácias e drogarias, e na falta à V. Sandoval Jr., **Caixa Postal 1874 São Paulo.**



Hemo-Virtus

H-10-4- Ag. Pettinati

PIÁ

(Cont. da pág. 24)

vêzes, quando via no chão qualquer coisa parecida com a cédula amaldiçoada. Parecida, sim, mas não era dinheiro — era trapo velho e sujo, fôlha sêca, pedaço de papel. O olhar, tornado meio palerma pela inclemência do sol, virou ativo e esperto, avivado pelo mêdo. Mêdo dos ralhos, das pancadas, dos dias seguintes, nos quais, em todos os rostos leria a reprovação pelo *mau serviço*, — repreensões em cada palavra, em cada gesto, em cada olhar.

Seus olhos varreram o leito da estrada, até que novamente chegou à porteira, sem encontrar nada. Nada. Fôra ali, na porteira, que vira a nota, que a tirara do bôlso, prendendo-a na mão. Não poderia estar para diante, estava sòmente entre o trecho compreendido entre a porteira e o lugar onde verificara a falta do dinheiro. Deus permitisse que estivesse, que estivesse, sim.

Voltou. Continuou a investigar, com os olhos a se fecharem de cansaço outra vez, com a moleza a invadir-lhe os membros, com o sol escaldante a toldar-lhe a inteligência, a atrofiar-lhe os pensamentos, a derreter-lhe a memória.

Sol malvado, carrasco, a cair de chapa, inexorável, sôbre a nuca dos viajantes, amolecendo-lhes o corpo, abobando-lhes o espírito. O temor dos castigos futuros desapareceu ante o martírio presente. O trotar lento, "que não rendia", do animal decrépito, levou-o de volta, pela estrada, pela estrada erma e ensolarada. Esqueceu-se de olhar para o solo, esqueceu o lugar onde havia notado a falta do dinheiro, esqueceu tudo, e passou adiante, sem perceber.

★

A quebrar a monotonia, a desfazer o silêncio, a pôr uma nota viva na solidão enorme, apenas o bater dos cascos da égua velha e o cismar do menino, imerso nas suas complicações. Seus pensamentos fogem. Fica atoleimado, meio tonto, a viajar sem descanso pela estrada sem fim, sofrendo sob a canícula sem piedade. De súbito, a consciência lhe volta. Lembra-se do dinheiro e tem um estremeção de lucidez. Não obstante o calor intenso, arrepios de mêdo lhe percorrem o corpo quando antes sofre os golpes do chicote, a lhe caírem sôbre a pele queimada. Mas a soalheira novamente lhe absorve as idéias, evapora-as. E assim continua êle, a caminhar sempre, começando a pensar, frenèticamente num momento, e sumindo-se num nirvana cerebral, já no outro; ensimesmando-se, mergulhando na fornalha que lhe incendeia os miolos, lhe amolenta o corpo, lhe arrebata a vontade.

Um brilho de qualquer coisa no chão, a cintilar, lhe fere os olhos baços. Que é aquilo, ali, sôbre a terra? Cacos de vidro aluminado ao sol? Pedaço de lata? Vai passar de largo, sem se importar, mas o brilho teimoso do fragmento vítreo lhe obriga os olhos a se voltarem para o solo. Mas parece que não é vidro... Que será, então? Não, não é vidro mesmo — é dinheiro, dinheiro de verdade.

A preguiça desaparece num instante. Apeia-se lesto, agacha-se e apanha a moeda, acariciando-a contente. E' o primeiro dinheiro que possui, o primeiro que acha, o primeiro que é seu. Verdade que em tempos antes havia encontrado uma moedinha, porém, o filho do patrão fizera tal berreiro, dizendo havê-la perdido e obrigando-o a restituí-la. Agora, havia achado uma, uma cujo dono não a viria reclamar incontinente, pois ninguém presenciara a cena. Era dêle. Dêle. Mas, no mesmo instante, confrangeu-se-lhe o coração. E a nota que havia perdido! E os miseráveis daqueles cinqüenta mil réis?

Mais adiante, outro coruscar violento. Ah, agora é vidro mesmo. Mas não, é, é dinheiro outra vez. Dinheiro! — outra moeda. Logo a seguir outra, e outra, e mais outra, e outra, ainda.

De cada vez que se abaixa para apanhá-las, o rapazote se persigna, atemorizado, com mêdo de que aquilo seja bruxaria ou feitiço, — nunca viu tanto dinheiro assim —, com mêdo de que em breve as moedas se desvaneçam, se desvaneçam em raios de sol, em nada.

E agora, elas já não mais lhe cabem nos bolsos atochados; abarrotam-lhe o chapéu, enchendo-o quase até as bordas. Já agora, a alegria lhe irrompe no rosto, irradiando-se em sorrisos. E as moedas vão aumentando, amontoando-se no chapéu surrado. São moedas raras, de cunhagem antiga, de prata boa, de ouro velho: moedas de duzentos réis, de quinhentos, de mil réis, patacões novecentos e sessenta, onças — pequenas rodelas de metal precioso, discos pesados e grandes. Quem sabe se meia-dúzia delas não bastariam para pagar a quantia perdida? Quem sabe?

Verdade que êle não sabe ao certo o valor das moedas, não lhes pode imaginar o montante, mas aquela barbaridade haveria de bastar para perfazer cinqüenta mil réis, haveria. Que contentamento! O patrão não lhe bateria por haver perdido os cinqüenta mil réis, quando êle lhe entregasse aquêle montão de dinheiro. Sim, porque êle entregaria tudo ao amo, sem dúvida alguma, ficando apenas, para si, com uma ou duas moedinhas. P'ra que mais? Que fazer com tanto dinheiro? Não era dêle. Com uma ou duas, estava certo, mas, com tudo aquilo...

E assim foi, colhendo aqui uma moeda, mais adiante outra, mais duas juntas, ali, até que elas se acabaram e êle chegou, resplandecente de felicidade, às primeiras casas do vilarejo.

★

Mas o sonho bom termina logo. Os dois homens que vinham da vila olham-no irritados, e suas vozes não são amigas. E êle, animal pela rédea, bolsos cheios, chapéu repleto de dinheiro, coração jubiloso, olha para os homens. Os homens apeiam, de carranca amarrada e avançam para o menino, avançam para êle e avançam no dinheiro.

Um dêles comenta:

— Que sorte, hein, compadre? — e vai vasculhando os bolsos do piá e perguntando-lhe, com maus modos, se não tem mais alguma moeda escondida.

Assiste a tudo sem saber o que fazer. Não adianta fazer nada. As caras feias e os gestos zangados bem estão dizendo que são êles os verdadeiros donos do dinheiro. Não adianta resistir, não adianta reclamar. Inerme e meio alheiado, deixa que lhe façam a limpa, ouvindo um dos homens dizer para o outro:

— De outra vez tenha mais cuidado. Onde já se viu carregar um saco de dinheiro amarrado nos tentos, e sair a disparada, correndo que nem louco?...

Com um ar de tolo no rostinho triste, o piazote ficou a ver os dois se afastarem, apressados, sem uma palavra de gratidão, sem agradecimentos, sem ao menos um "muito obrigado". Ficou ali, parado, tomando a soalheira na cabeça descoberta.

★

A canícula continua, o mormaço é o mesmo. O sol, parece que nem se mexeu do lugar, continua parado, fixo, assolando as plantações, castigando tudo. Outra vez, embalado pelo chocalhar trotando da égua, o piá alterna a cisma com o alheiamento, o mêdo com a sonolência. Volta o pobre piá para a fazenda, onde o esperam a reprimenda, o puxão de orelha, o pontapé e o relho. O calor será assim por todo o dia mormacento, abafado, e assim continuará também à noite, fazendo fugir o sono, tanto às almas leves e aos corpos descansados como às preocupadas e aos retalhados de chicote. Sol impiedoso, malvado, ruim.

O piá sem dono volta para a fazenda. Pobre, miserável piá sem dono... de quem todo o mundo é dono.

AS FÉRIAS DE...

(Cont. da pág. 30)

cisava. Agora chegava, visivelmente cansado, trazendo o que devia ser a encomenda. Só teve tempo de entregar o embrulho e dizer:

— Resolvi aceitar seu amável oferecimento. Há neste pacote vinte-e-oito contos meus que fará o obséquio de levar ao endereço dêste cartão.

Deu-lhe o cartão, saltando do trem, que já adquiria velocidade. Policarpo ficou a examinar, interessadamente, a encomenda. Era um embrulho bem feito, em papel verde, amarrado com fio côr-de-rosa.

— Sim senhor. Vinte-e-oito contos! Homessa... não esperava nunca uma coisa dessas, — resmungou — e "seu" Joel, que parecia ser tão culto, falando contos em vez de cruzeiros...

Pois se já estava atrapalhado para guar-



e a Sra deve confiar na

ÁGUA INGLÊSA

GRANADO

o tônico das lactantes



A SAÚDE DO BEBÊ

VALOR DOS BANHOS DE SOL E SEU MODO DE APLICAÇÃO

DR. SABOIA RIBEIRO

O raquitismo é incompatível com a vida da criança, em cuja criação se observa um conjunto de condições, das quais duas, na prática, são imprescindíveis: ar puro e renovado, e exposição à luz solar. A isso se vem juntar o fator alimentar, que deve ser correto, mas que se resume nas variações oportunas de seu regime alimentar, no mínimo, ao terceiro, sexto e décimo-primeiro mês.

Isso porque, sem o concurso dêsses fatôres, de logo, se instala a anemia, e o mal desenvolvimento da ossatura, revestindo formas anômalas.

E' um fato perfeitamente apurado que muitas crianças se apresentam pálidas apenas porque levam vida enclausurada, entre paredes, e não que a alimentação seja carente de certos elementos minerais.

Examinadas essas crianças encontram-se, ao mesmo tempo, sinais de raquitismo, dos quais, na criancinha, um dos mais denunciadores é a moleira aberta acima de um ano.

A criança portadora de raquitismo, ainda que nas suas manifestações mais leves, é particularmente sujeita às infecções, que nelas assume habitualmente um caráter mais sério.

Como decorrência dêsse fato sucede então que as doenças da infância como o sarampo, a coqueluche, o resfriado, podem trazer conseqüências graves em tais crianças, de maneira que é preciso protegê-las contra o raquitismo, sem esquecer os benefícios da luz do sol.

Graças a esta a formação da vitamina D se processa debaixo da pele de modo continuado e com sua presença faz a incorporação em todo o esqueleto dos sais de cálcio e do fósforo.

De forma que, ainda sendo suficiente tais minerais na alimentação, sua incorporação no tecido ósseo não se verifica se falta o influxo da luz solar. A anemia, que acompanha o raquitismo, parece prender-se à ausência de um fator semelhante, necessário, êste, à incorporação do ferro aos glóbulos vermelhos (sangue).

E' um fato conhecido dos pediatras que a criança no uso continuado do leite torna-se pálida, e que tudo melhora quando se junta frutas e verduras na alimentação.

Aqui se pode supor que a vitamina C age fazendo a incorporação do ferro.

Talvez que nas anemias do raquitismo exista a carência da vitamina C, devido à falta de um excitante como o ar pleno e renovado, senão à própria luz solar, o que vale admitir a sua síntese no próprio organismo. Como quer que seja, a ausência de sol traz como conseqüência a anemia e mau desenvolvimento do sistema ósseo da criança. Sòmente a própria vitamina D, dada sob a forma de medicamento, pode suprir a necessidade de sol.

E sòmente os raios ultra-violeta podem suprir o sol.

Nos países de longos períodos invernosos o seu emprêgo é quase uma exigência, em certas épocas; porém, mais empregado ainda é o óleo de fígado de bacalhau, rico em vitamina D. Entre nós o raquitismo não constitui ameaça, dada a abundância com que dispomos quase todo o ano de sol.

E' necessário dispor dêle segundo certos cuidados que passaremos a expor. De fato, tão errôneo é expor as crianças ao sol inclemente indiscriminadamente como trazê-las encerradas em casa, debaixo de muitos agasalhos e mergulhadas numa eterna penumbra, como as que vivem em certos apartamentos.

Pode-se imaginar fàcilmente que malefícios podem resultar da prática de tais extremos. Deve-se reter, por exemplo, que o sol forte de após as 10 horas já não convém à criancinha. No verão não passará das 9 horas. No inverno irá, no máximo, até as 10,30. Também o abuso dos banhos solares, como todos os abusos, é condenável. A criança deve ser a êles acostumada aos poucos, gradualmente, no início, apenas 2 minutos, subindo 2 minutos dia a dia, até 10 minutos. Depois de uns dias, subir a 15, e logo mais a 20. E, assim, procedendo com certas cautelas, até 40 minutos no máximo, no espaço total de 20 a 30 dias.

A criança estará despida, ou ao menos as vestes aligeiradas.

No início o banho de sol se limitará aos pés, depois subirá aos joelhos, tronco, etc., já pela quarta ou quinta aplicação. A cabeça, porém, será protegida em tôdas as aplicações. Os raios filtrados através das vidraças são destituídos de ação benéfica. De fato são os raios ultra-violeta do espectro solar que exercem ação química, e êstes são retidos em passando pelo vidro.

Se, porém, o dia está muito quente, ou não foi possível fazer o banho de sol em horas de sol suave, a exposição da criança em aposento aberto por tempo mais demorado, sempre a criança despida, poderá suprir o banho de sol, pois os raios solares refletidos encerram a luz ultra-violeta. A criança deverá ser sempre vigiada contra os excessos, a fim de evitar os eritemas e os perigos da intermação (febre de calor). Não é sem propósito essa recomendação, visto que é um quadro muito comum vermos, não raro, crianças de tenra idade expostas por um tempo demasiado prolongado, ao sol intenso, nos jardins, praças e praias, esquecidos seus responsáveis dessas conseqüências plenamente desagradáveis e até perigosas.

CORRESPONDENCIA DAS MÃES

F. A. (Méier) — Antes de 2 anos nós não costumamos receitar remédios para verme. O melhor é evitar pelos cuidados que as crianças se encham dêles, não raro, pela falta de higiene dentro de casa onde se arrasta a criança pelo chão em lugares pouco asseados. Os cuidados com o bico e a mamadeira, com a clássica chupeta, devem também ser lembrados.

G. S. (Nesta) — O bebê normalmente desenvolvido dobra de pêso no início do quinto mês, pois nos 3 primeiros meses aumenta 900 gramas cada mês, e no quarto, 750 gramas, sendo o pêso do nascimento, em geral, 3.200 a 3.500 gramas.

B. D. (Nesta) — Mande fazer reações sorológicas para sífilis, antes de mais nada. E' possível que nisso esteja a causa de tantas interrupções da gestação.

COMO APRENDER A DANÇAR

4.ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda, também, nas Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

dar seu dinheirinho... Como iria se arranjar com vinte-e-oito contos?... Quis abrir o pacote para contar o dinheiro, porém havia mais gente no carro... Que maçada! Agora era vigiar o embrulho, fingindo naturalidade. Não largá-lo da mão. No íntimo amaldiçoava o solitário da chácara que, aproveitando-se de um oferecimento convencional, viera lhe dar tal encargo... Vinte-e-oito contos! Como se fôsse uma bagatela... Também era só um dia. Às vinte-e-duas horas chegaria ao Rio e dava logo o pacote para guardar no cofre do hotel.

O expresso corria como quê. Policarpo deleitava-se com a paisagem. Não havia ninguém ao seu lado, de forma que não tinha que preocupar-se. Porém, como "não há bem que sempre dure", numa estação adiante de Palma, um senhor gordo, mal encarado, tomou o trem e veio sentar-se na mesma poltrona. Policarpo antipatizou logo com o homem. Aferrou-se mais ao embrulho, fazendo cara de poucos amigos. O novo passageiro dirigiu-lhe um cumprimento amável, ajeitou-se na poltrona, cerrando as pálpebras, depois de observar o carro, que já estava repleto. Policarpo tinha a impressão de que era examinado pelo estranho. Quis mudar de lugar. Não havia outro. Era conformar-se. À certa altura, o homem abriu os olhos e estirou as pernas. O agente do correio teve a impressão de que lhe cortavam a retirada. O palitó do companheiro de viagem abria-se e êle pôde ver o cabo niquelado de um revólver. Começou a sentir-se mal. Aquêle homem devia ser um ladrão. Desajeitadamente, sem apetite, começou a comer o franguinho que a Dona Vavá preparara. A carne parecia-lhe insípida. A farofa também. Comia quase à fôrça...

— Seu embrulho vai cair... — era o outro que o advertia.

Policarpo é que quase veio abaixo ao ouvi-lo. O estranho observava curiosamente o pacote dos vinte-e-oito contos, que havia escorregado um pouco, ameaçando vir ao chão.

— Aceita um pedaço? — ofereceu Policarpo ao companheiro de viagem, para desviar a atenção, enquanto se aferrava ao "tesouro".

— Agradecido — respondeu o desconhecido. — Almocei há pouco e, durante a viagem, só como doce. O senhor sabe... Cada qual tem a sua mania.

Para mostrar que falava a verdade, tirou do bôlso do palitó uma barra de goiaba que devorou gulosamente. Depois ofereceu-lhe outra menor.

— E' doce feito em casa — explicou — não existe igual...

Policarpo comeu sem vontade. Sòmente para agradar. Daí por diante a viagem tornou-se-lhe um martírio. O estômago revoltava-se, a cabeça doía e, além do mais, a presença do estranho, que, agora, procurava, a todo custo, entabolar conversação, dava-lhe terrível sensação de mau-estar. "Quem sabe se o doce não teria alguma droga?"

(Cont. no próximo número)

Em sua casa

Dê vida a seus cabelos

Conserve-os fortes, brilhantes, sedosos e sem caspa, com

SHAMPOO MYSTIK

Evite cabelos brancos, sem pintar, com

TÔNICO YILDIZIENNE

Mme Campos

Assembléia, 115 - 1.º Rio

ACADEMIA SCIENTÍFICA DE BELEZA

Em nossos salões

CIRURGIA PLÁSTICA

Dr. Fausto Campos

Prática nas clínicas de Paris, Berlim, Londres, Milão e Viena.

CORREÇÃO CIRÚRGICA SEM DÔR DAS RUGAS DO ROSTO

Tratamento da pele e do cabelo

Assembléia, 115 - 1.º - Fone: 22-1701



LYTOPHAN

UM AMOR ATREVIDO















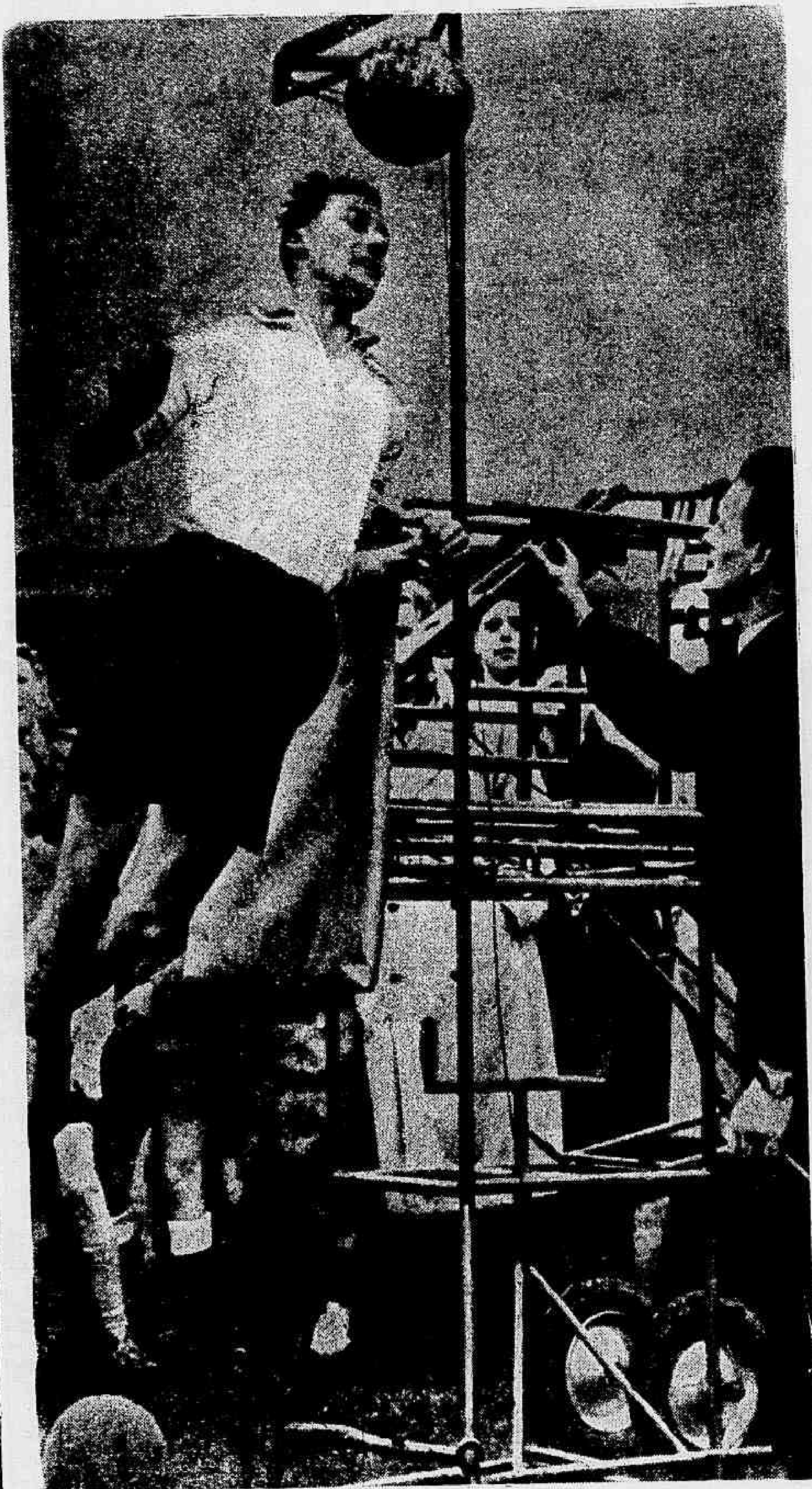






POR PERTENCER JOHNNY A UM CIRCO, ACABARÁ MARY O SEU ROMANCE COM ÊLE?

TUDO ISTO



APARELHAGEM PARA TREINAR campeões de futebol. Tudo foi inventado pelo ex-campeão Gerrie Stroker, de Haarlem, na Holanda, o que vemos à direita, a manejar o aparelho. Pertence êle ao «Haarlem F.C.», a mais antiga sociedade esportiva do país. O aparelho serve, especialmente, para habituar o «crack» a jogar com a cabeça e a controlar o balão. A bola pode ser arremeçada em tôdas as direções, dando ao jogador em treino a impressão de que está mesmo em campo a enfrentar os mais animosos adversários. Até hoje não sabiamos da existência dêsse engenhoso aparelho. Mas, é, como vemos, uma realidade.

A VANTAGEM DE SER REI



ASSIM como se elegem Rainhas de tudo e por tudo, também há grandes eleições para a vitória nas urnas de vários «Reis» por êsse mundão a fora. Aqui no Rio, o mais famoso é o Rei Mômo, anualmente escolhido para presidir aos festejos carnavalescos. E' sempre eleito um cidadão de meia idade e bastante gordo, com papadas enxundiosas a escorrer pelos lados do colarinho soberano. Cada Rei tem sua coroa, especialmente os falsos Reis. Os verdadeiros, os bons Reis democráticos como aquêle inesquecível Gustavo da Suécia, nunca usaram coroas, nem de ouro nem de lata, como na canção dos nosso foliões imaginosos. Essa mania de Reis disso e daquilo, Rainhas de uma cousa e de outra abraça, pelo que parece, o mundo inteiro. Na capital da França levaram agora a efeito uma eleição bastante curiosa e gaiata: — elegeram o **REI DOS CAMELOTS**. Em Paris, segundo dizem as crônicas os «camelots» são muito ciosos das suas qualidades vocacionais, cada qual procurando provar que é o «maior» em relação aos seus colegas de profissão. Mas, como chegar-se a êsse resultado? Tiveram então que apelar para a voz das urnas e instituiram a eleição do Rei dos «Camelots» de Paris. A moda pegou e, desde muitos anos, realiza-se na capital de França a disputa eleitoral entre numerosos concorrentes ao cetro de o maior dos «camelots» do país. A eleição dêste ano realizou-se, recentemente, na Sala Wagram, comparecendo grande número de candidatos e muito curioso. Contados os votos, foi eleito «Genene Les Bretelles», o novo Rei dos «Camelots» de 1951, recebendo êle das mãos do seu antecessor, «Père La Souris», a «coroa» real, uma caçarola, a qual é colocada solenemente na cabeça real... E a festa terminou, como sempre sucede em Paris, entre champanha e graciosas «midinettes» a alegrar com a sua alacridade, a vida duríssima de um «camelot»...

A SÊCA NO LEME



OS dias 31 de março e primeiro de abril causaram aos habitantes do Leme e de grande parte de Copacabana, a maior aflição: falta absoluta de água. Não havia do chamado precioso líquido» nem mesmo para beber. E então as ruas ficaram cheias de gente com moringas, baldes, gamelas, panelinhas e panelões a bater de porta em porta, nas quitandas, nas garagens, nos armazens, nas tinturarias, nos açougues, em casas particulares e nas portarias de apartamentos: «Tem água que me arranje esta vasilha?» A resposta era a do nu procurado pelo esfarrapado: «também estamos sem uma gota dágua!» O caso assumiu aspectos de calamidade pública. Há ali muitas casas que dão pensão e outras que são pensões com muitas famílias residentes. Como fazer o almôço ajantarado? Como conseguir água para cozinhar, lavar a louça, manter as seções privadas em ordem e boa higiene? Era indisfarçável a tortura das donas de casa e a aflição dos pais de família. Que teria acontecido? Nos jornais havia apenas notícias sôbre a sêca lá do nordeste. Quem sabe se já estaríamos, aqui no Rio, entrando na mesma calamidade, o que, aliás, é muito comum nesta cidade das maravilhas... Mas se deu então uma que é de fazer rir e chorar, ao mesmo tempo. Estava um cidadão aflito a telefonar a amigos e conhecidos moradores nas redondezas do pôsto um, sabendo se havia água em suas casas, quando seu rosto se iluminou: «Oh! você aí tem água em abundância? Que maravilha! Olhe aqui, F... vou mandar o meu pessoal buscar um bocado aí ouviu?» O outro concordou e pôs à sua disposição as bicas do seu apartamento. Então sairam com vasilhas de variadas capacidades cúbicas a irmã, os filhos, as empregadas e o chofer do cidadão. Mas, ao regressarem com as panelas, alguidares e moringas tinindo de sêcas, êle, assustado indagou: «Êle não disse que «tinha» água lá?» — E os flagelados do Leme: «Hoje é 1º de abril...»



ESTAS MÃOS QUE EMERGEM da neve, foram fotografadas na Coréia quando se dava a retirada das fôrças vermelhas em face da pressão das tropas da ONU. Constitui a mais trágica foto que se conhece até agora naqueles campos de morte e destruição. Um soldado americano, ao marchar na direção do paralelo 38, viu, de súbito, surgirem do sob a neve estas duas mãos como se estivessem a fazer uma prece. Imediatamente o militar começou a escavar a neve, tendo descoberto o corpo de um civil coreano ferido no peito e no braço pelas balas da luta. Seu salvamento foi obra do acaso, verdadeiramente providencial.

O CRIME NÃO COMPENSA



ARY Souza Ribeiro era o gerente da sucursal do Banco da Lavoura, em Niterói. Funcionário de maneiras cativantes e de reconhecida capacidade para o cargo, sempre inspirou confiança aos seus chefes. Tinha um futuro dos mais belos dentro da hierarquia daquêle grande estabelecimento de crédito. Mas, um dia, o diabo apareceu diante dos olhos de Ary, em forma de tentadora mulher. O gerente do Banco ficou sèriamente perturbado. Em seu lar tudo mudou. Êle já não era o mesmo. Vivia como que com os pés nas nuvens, a sonhar. Se fôsse mais jovem teria feito sonetos e baladas. Uma psicose tremenda se apoderou dêle. Que seria? O amor. Um amor proibido e nefasto. Um amor inspirado pelo diabo. Dentro de pouco tempo estourava o escândalo: Ary dera vultoso desfalque na tesouraria do Banco e desaparecera de Niterói. Falavam em alguns milhares de contos de réis. Para onde teria ido êle? A polícia se pôs em marcha para deter o gerente infiél. Com êle ia o motivo do crime: a amante. De quando em quando vinham notícias à tona. Estaria na Suiça. Tinha sido visto na Argentina. Passara pelo interior de Mato Grosso. Mas ninguém sabia da verdade. As autoridades policiais fluminenses a quem cabia a diligência não descansavam. O delegado Rodoval de Brito Menezes organizava seu plano e esperava com a paciência de verdadeiro «Sherlock». E agora tudo culminou com a captura do delinqüente. Estava êle na Itália, com o nome trocado. Chamava-se Lourival Santos. Em sua companhia a causadora de sua desgraça. Que fôra fazer na Itália? Plantar arroz... Mais uma vítima do «Arroz Amargo», pois o gerente que não resistiu às tentações de uma Eva falsificada e de enriquecer da noite para o dia, em lugar de conformar-se com o nosso saboroso «arroz doce», preferiu plantar arroz lá na Itália. E agora vai amargar na prisão...

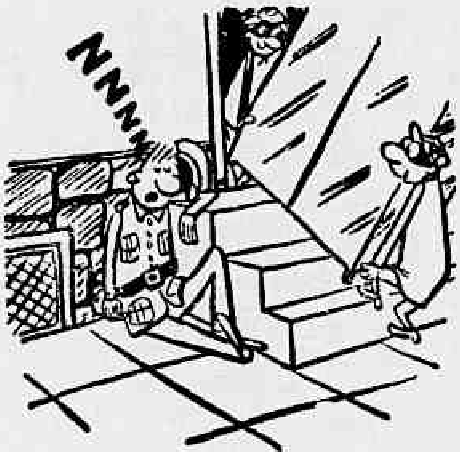
ACONTECEU

O JÔGO DE GUDE



QUE pensa o leitor do joguinho de gude? Naturalmente, que é cousa para criança de colégio, meninos de 6 a 10 anos de idade, e que, ao chegarmos aos catorze, já não podemos mais pensar nesse entretenimento tão simpático aos jovens de ambos os sexos. Pois está redondamente enganado. O jôgo de gude é cousa muito mais séria. Pelo menos lá na Inglaterra, país de belas tradições e vasta cultura. Pois lá na terra de S.M. Britânica, senhora dos Sete Mares, o gude é jôgo que movimenta as multidões e tem fãs entusiastas por todos os recantos do país. Há quatro séculos, desde o descobrimento do Brasil, que o gude é objeto de campeonatos movimentadíssimos na pátria de Mr. Churchill. O de 1950 não destoou dos demais e se revestiu de grande animação. As provas finais tiveram lugar em Tinsley Green, Sussex, entre exclamações de admiração e expansões de entusiasmo entre os assistentes. Dentre os disputantes se destacava um dos grandes jogadores de gude da Inglaterra, Pop Maynard, aliás o mais velhinho dos concorrentes. Que idade poderá o leitor dar a êsse gudista? Dezoito anos? Vinte e dois? Qual nada! O homem tem nada menos que 80 janeiros na lombada! E como jogava as bolinhas coloridas! Não chegou a ser o campeão; mas, como sucede todos os anos, arrancou fortes aplausos da multidão que estava atenta aos lances. O gude é, pois, na Inglaterra, um jôgo tão sério como o tênis e o futebol, o bridge e o golfe. Não é cousa para crianças em pátio de colégios ou grupos escolares. E' mesmo gente de 50, 60 e até oitenta anos no costado que joga e entra em competições de campeonatos anuais. E que sensação não seria para nós, si víssemos os nossos velhinhos de cócoras, bolinha de vidro à unha do polegar fazendo pressão no indicador para acertar no buraquinho! Comovente e humano, sim senhores. Vamos começar?

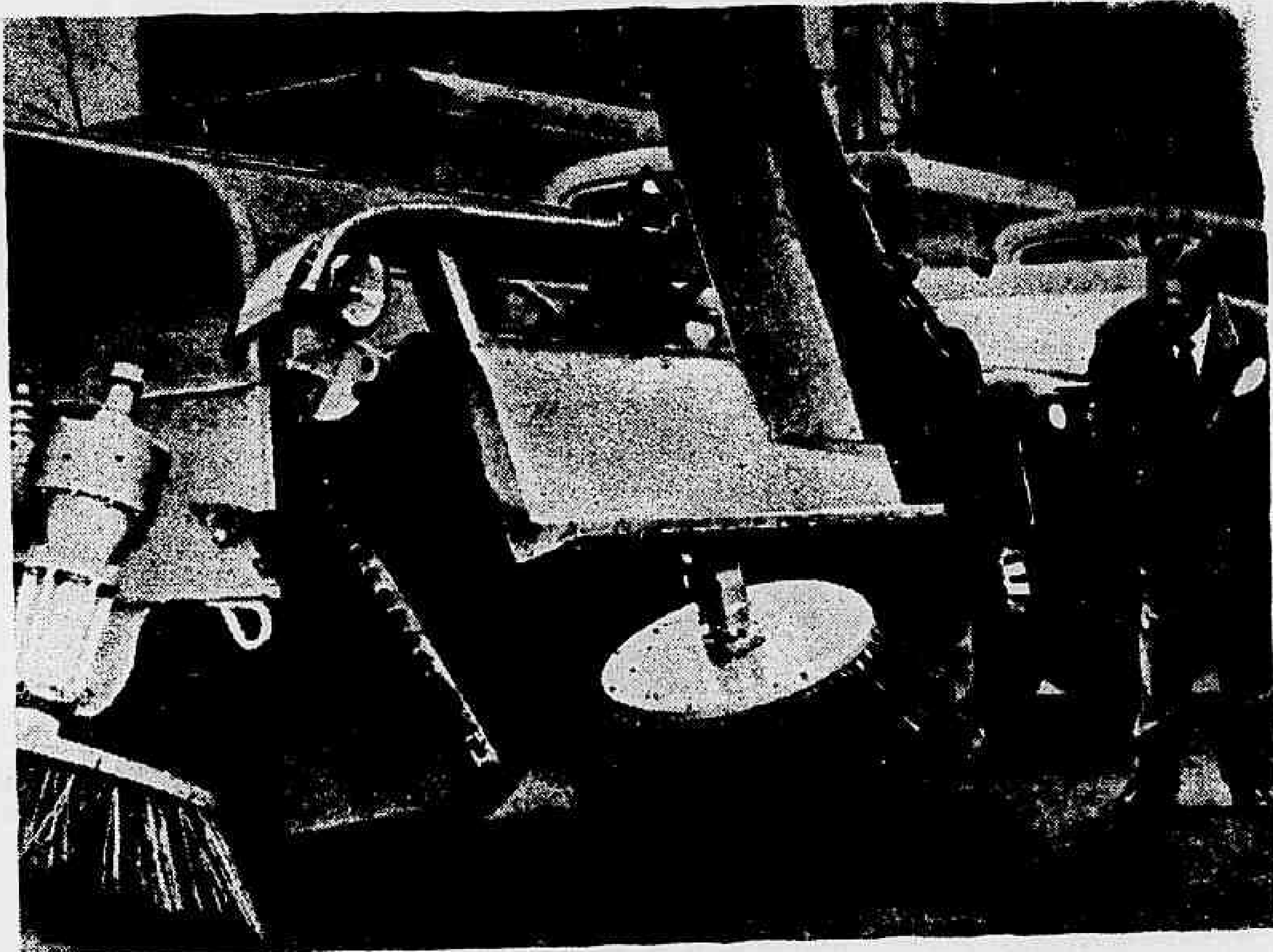
QUE LADRÕES!



NO primeiro domingo de abril que foi o dia primeiro, houve grande atividade de larápios e gatunos por tôda esta bela cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Do Leblon ao mais distante subúrbio os amigos do alheio não dormiram no ponto. A safra foi grande e os jornais da manhã de segunda-feira trouxeram farto e minucioso noticiário com todos os efes e erres. Houve roubos sérios e pequenos furtos sem muita repercussão, de Copacabana a Marechal Hermes. Gente humilde ficou sem sapatos, e gente rica, sem os seus brilhantes. Houve, porém, um assalto dos mais curiosos. Estava o sr. Aloisio da Silva a sonhar com os anjos em sua casa da Estrada do Pedrinho lá no 24º Distrito Policial, quando dois gatunos escolheram seu lar para uma visita altas horas da noite de 1 para 2 de abril. Usando dos processos comuns, os gatunos entraram na casa e começaram a dar buscas. Foram à cristaleira e de lá retiraram um aparelho de jantar que custava, nos bons tempos, um conto de réis. Acomodaram as peças em panos para não quebrar nem fazer ruidos denunciadores e foram visitar o guarda-roupa do nosso amigo Aloisio. Abriram a peça e ficaram muito contentes. O visitado possuia muita cousa boa. Linhos, casemiras, blusões, tudo ali estava abrindo o apetite dos safardanas. Começaram então a separar o melhor. Mas, como tudo era mesmo muito bom e em excelente estado de conservação, passadinho nas tinturarias e as calças bem vincadas, acharam melhor fazer logo um serviço completo. E levaram o móvel com tôda a roupa dentro! Até agora não sabemos se algum vigilante noturno ou rondante da cavalaria achou esquisito aquela mudança às duas da madrugada, o que valeria uma interpelação e a consequente detenção dos madrugadores; mas, fazemos votos para que se trate de uma brincadeira de 1º de abril...



ÊSTE JOVEM CASAL, Robert Steidle e Annamaria Mayr, ligou-se pelos laços do matrimônio há pouco tempo, na famosa cidadezinha de Oberammergau, na Alemanha. Até aí nada de mais original; mas, quando dissermos que ela representava nos atos da Paixão de Cristo que se realizam naquela localidade, o papel de Maria, mãe de Jesus, e êle o de Lazaro, aquêle homem chagado que foi ressuscitado por Cristo, verificamos que o caso tem todos os lampejos da notoriedade. Annamaria foi escolhida como a jovem mais digna de ser a Mãe de Cristo, por sua inexcedível perfeição moral. O amor entre ambos começou na «Via Sacra» e terminou diante de um altar...



ÊSTE APARELHO ESTRANHO que vemos aqui não é nenhuma arma dura capturada a combatentes marcianos. Trata-se de um aparelho para lavar e limpar ruas de qualquer cidade dêste mundo de novidades mecânicas de todos os tipos e utilidades diversas. O cidadão que examina atentamente a geringonça é o italo-americano Vincenzo Impellitteri, eleito para a administração pública da grande cidade de Nova York. O aparelho pode desempenhar o serviço de dezenas de homens e sua combinação de peças é um conjunto de incrivel eficiência, tendo custado uma fortuna. Dêsses automáticos dispõe hoje a Municipalidade de Nova York, cêrca de vinte.

O DRAMA DE JOSE' JORGE



ACONTECEU em S. Paulo. A vinte de setembro de 1919, com 28 anos de idade, José Jorge, casado, com filhos menores, foi condenado a seis anos de prisão celular, por crime de morte. Estava na detenção quando presos, vigias e o Diretor chegaram à conclusão de que êle estava sofrendo das faculdades mentais. Não suportara a situação nem um ano: enlouquecera. Diante disso teve que ser transferido para o Hospital de Alienados do Juqueri. Os anos se foram passando e José Jorge entre as garras de uma desdita que merece um romance de dor e de saudades. Agoniado entre a insanidade mental, a prisão a que foi condenado e a lembrança fugaz dos filhos, da espôsa, do lar, o seu estado se ia agravando cada vez mais. Nas ligeiras horas de tênue lucidez, via êle todo o drama horrivel a que fôra condenado. Depois, era a confusão da loucura. Em 1934, com quinze anos de prisão, ficou constatada a sua cura. Como não devia mais continuar no Manicômio Judiciário, requereu êle a sua liberdade, tendo o então promotor José Carlos de Ataliba Nogueira se pronunciado favoràvelmente. Foi pedido o pronunciamento do Diretor do Juqueri, e êste declarou: «O doente em questão há muito tempo apresenta satisfatório estado psiquico tal, que nos permitiu informar em oficio, poder o mesmo viver com a sua familia». Surgiu, porém, o maior obstáculo: o Juiz das Execuçes Criminais não concordou nem com o promotor, nem com o médico. E despachou: «José Jorge não poderá ser entregue à sua familia, pois, quando de sua remoção para o Hospicio, a pena de seis anos foi suspensa até seu restabelecimento. Como ainda perdura o seu estado, deverá êle permanecer no Juqueri até ficar completamente curado. Depois deverá ser novamente removido para a penitenciária onde cumprirá o resto da pena que lhe foi imposta». Isso em 1934. Apesar de curado das faculdades mentais, foi o infeliz mantido encarcerado no Hospicio, até que, agora, os filhos já homens, conseguiram arrancá-lo das garras de uma justiça que... Deus nos acuda. Trinta anos de prisão para cumprir seis! E ainda se diz que temos Justiça rápida e barata...





UM PAI SEM PRECONCEITOS

A MAIOR FELICIDADE de um pai amoroso como Giuseppe Zanetti é ter sempre a seu lado, dar-lhe educação e carinhos, a um filho inteligente e bem comportado como é o pequeno Luigi, de seis anos de idade. As leis fascistas proibiam que os italianos brancos contraíssem núpcias com gente de côr e, os que tinham filhos com pigmento negro, ficavam proibidos de reconhecimento legal. Mas, quando a guerra deu o baque final no domínio mussolinesco, Zanetti, funcionário da penitenciária de Brescia, mandou buscar seu filho nascido em Mogadiscio, em 1945, e o recebeu entre festas na Itália. Eis aqui duas cenas entre o "bambino" e seu carinhoso pai, que, por fim, o tem sob seus cuidados e desvelos. Estas fotos nos mostram o amoroso pai ao receber seu filho das mãos da Justiça, depois que foi revogada a lei fascista que proibia tal união. Luigi fala um italiano bastante discreto, segundo diz a notícia, e estranhou bastante a mudança de alimentação. Em Mogasdiscio êle costumava tomar leite de camela, notando a diferença entre as iguarias de lá e as de sua nova pátria. Mas vai indo muito bem e se adaptando. Come muita banana e o seu pai está fazendo grandes projetos em seu favor: será educado caprichosamente, terá a cidadania italiana e um futuro dos mais brilhantes, mesmo assim a sonhar...





CORREIO DA REVISTA

MARIA DO CÉU — Rio — Seu conto, «Entre Flôres» está muito infantil Além disso o português denota pouca segurança. Aconselho que estude mais nossa língua e volte, se assim desejar.

G.M. — S. Paulo — Infelizmente o gênero de seu conto não se presta para esta Revista. Há tanta cousa boa e educativa, decente e cultural em que nos ocuparmos em matéria de conto literário, que não se admite tanta escabrosidade. E lamentamos porque está bem escrito. Mande-nos outras cousas.

M.H. de M. — P. Alegre — Recebemos e vamos examinar.

L.M. de M.M. — Rio — Os seus contos «Apenas uma coincidência» e «O engano fatal» não foram aprovados. Um é muito convencional, e o outro, sôbre assunto estranho ao Brasil.

MARLY DESCHAMPS CAVALCANTI — Rio — Recebemos «Quem com ferro fere...» Vamos examiná-lo e, depois, daremos o resultado.

LUIZ PEREIRA LEMOS — Niterói — Vamos ver o que há com o seu conto «Precipitação de uma solteirona».

IVAN FREITAS — Rio — Examinaremos o que houve com o «Romance na Fila». Talvez esteja aí mesmo.

R.F.L. — Impossível publicar «sketchs», pois não é matéria para esta Revista. Chamamos sua atenção para a grafia da palavra, que o amigo escreve «Sket» Isso não é nada. Nem inglês, nem português.

J. D. dos S. — S. Paulo — Contos infantis se adaptam a revistas do gênero. Lemos os dois que o amigo nos mandou e, francamente, não encontramos nos mesmos nenhum mérito. Escrever para criança é muitíssimo difícil. Mas, para que vá treinando e chegue a bom têrmo, leia muito as obras de Monteiro Lobato e as de Mário Cordeiro. Nada como uma boa fonte-modêlo. Mas cuidado para não plagiar...

G.F. — Recife — Não conhecemos a obra de que nos fala. Talvez aí na Biblioteca do Instituto Histórico, tenha informações. Quanto ao conto de sabor indígena, pode mandar.

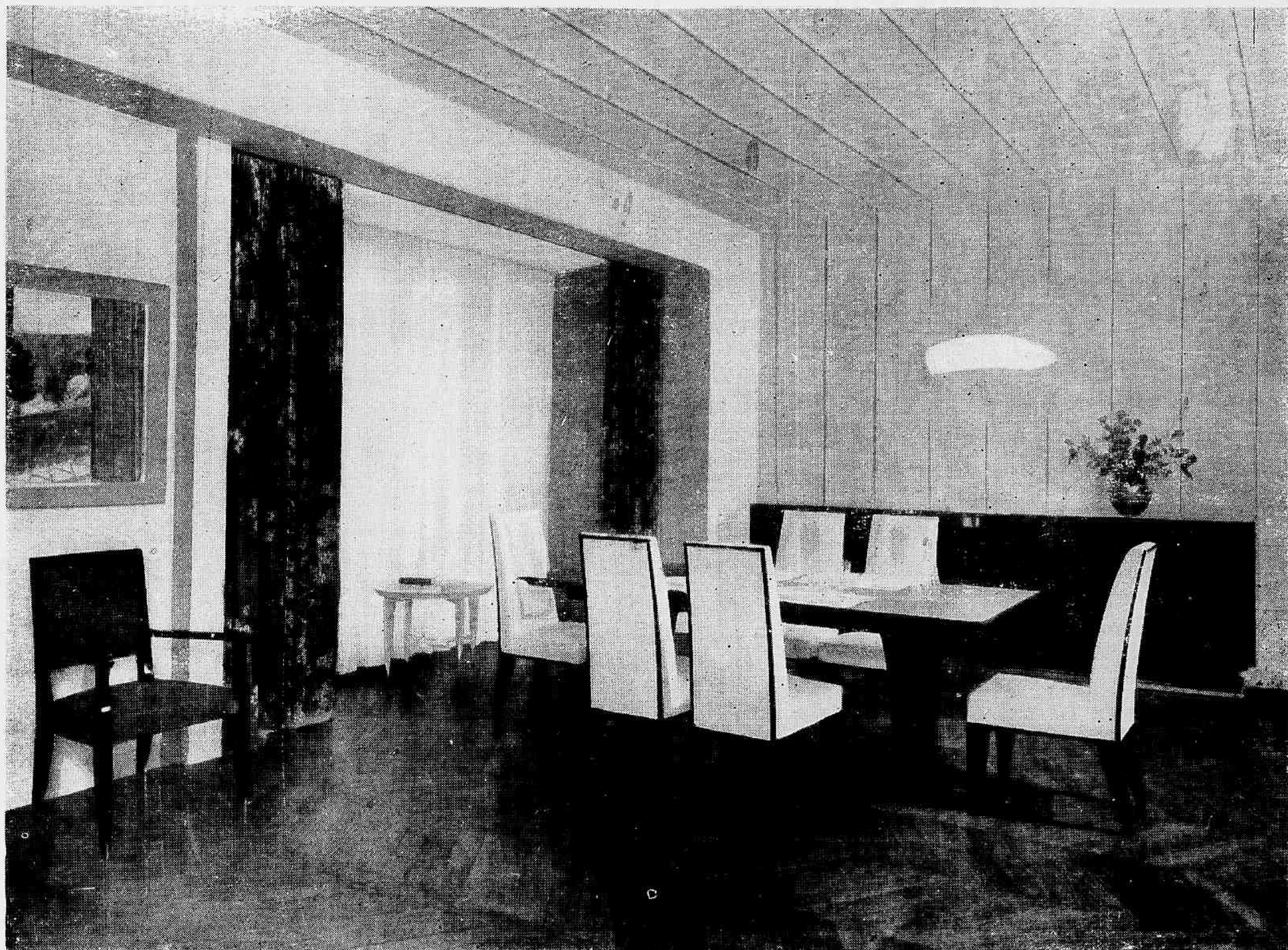
S.C. de M. — Rio — Vamos examinar o seu caso.

M.L. — Maceió — Não póde ser, senhorita. E como sentimos! Mas o português está tão ruinzinho...

Respostas ao teste

1—Sem fermento
2—Na crista
3—Fateixas
4—Indivíduo de pés grandes
5—Iridoplegia
6—Período de oito anos
7—Mameluco
8—Gregório de Matos
9—Thomaz Jefferson
10—José Bonifácio de Andrada e Silva
11—Correio Brasiliense
12—Grande jornalista
13—Suas máximas
14—Alvares de Azevedo
15—José de Alencar
16—O de um historiador
17—Francês
18—Visconde de Taunay
19—José do Patrocínio
20—Conquista.

MÓVEIS E DECORAÇÕES



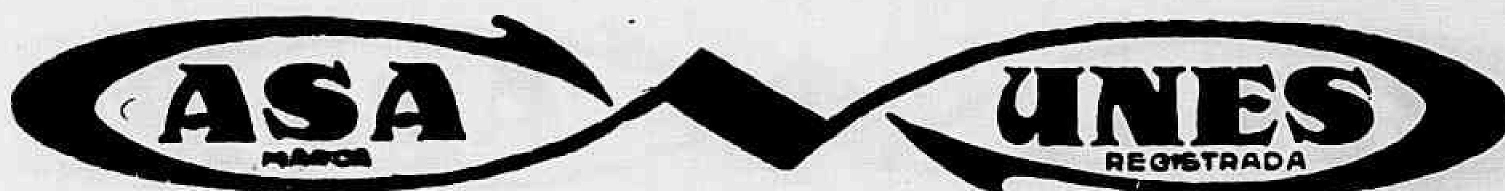
ORÇAMENTOS E SUGESTÕES
EXECUTADOS POR TÉCNICOS-DECORADORES

GRUPOS ESTOFADOS

— UMA ESPECIALIDADE DE NOSSAS OFICINAS —
PRONTOS PARA ENTREGA IMEDIATA

TAPÊTES E PASSADEIRAS

PARA FORRAÇÃO
DE TÔDAS AS QUALIDADES E TAMANHOS



65, RUA DA CARIOCA, 67 — RIO

Quem admira a prata antiga aprecia Hollywood



cigarros
Hollywood
uma tradição de bom gosto



um produto SOUZA CRUZ

H-88.065